Marcos Rey

Gincana da Morte

TEXTO Editor
Fernando Paixão

Editora assistente
Carmen Lucia Campos

Assessora editorial
Rosemary Pereira de Lima

Suplemento de trabalho
Bernadete Siqueira Abrão

ARTE Editor
Marcello Araujo

Editoração eletrônica
Antonio Ubirajara Domiencio

Ilustrações

Célia Kofuji
IMPRESSÃO DAG

ISBN 85 08 06239 7
1997
Todos os direitos reservados Editora Ática

O perigo mais perto a cada Minuto

Quando Tim resolveu participar daquela perseguição, não sabia que seria tão arriscado. Movido pela curiosidade, e pela vontade de salvar uma pessoa condenada à morte, ele não pensou duas vezes e acabou se metendo numa verdadeira gincana. Foi só no momento em que os sucessivos atos de violência começaram a acontecer que Tim percebeu em que terreno estava pisando. Um terreno minado, no qual um passo em falso poderia significar o fim.

Mas nem assim ele desistiu. Armou-se de coragem e foi em frente.

Acompanhe os passos de Tim nessa emocionante corrida contra o relógio. E contra a morte.

Conhecendo Marcos Rey

Marcos Rey nasceu na capital paulista no ano de 1925. Passou a infância cercado de livros: seu pai era encadernador e gráfico e seu irmão mais velho, escritor.

Aos dezessete anos escreveu seus primeiros contos, mas o gênero que o consagrou foi o romance, sendo o primeiro publicado em 1953. A partir de então, não parou mais de escrever. Teve várias obras adaptadas que fizeram muito sucesso no cinema e na televisão. Alguns de seus livros foram traduzidos para diversos idiomas.

Marcos Rey, cujo verdadeiro nome é Edmundo Donato, desenvolveu outras atividades, sempre relacionadas com a comunicação: foi jornalista, tradutor, publicitário, redator de programas de rádio, roteirista de cinema e de televisão.

No início dos anos 80 passou a escrever especialmente paro os jovens e conquistou milhões de leitores em todo o Brasil. Seu público continua fiel a esse criador de histórias fascinantes e personagens inesquecíveis, como os que você vai conhecer a seguir.

Sumário

1. Diálogo na Gruta
2. O assalto
3. Tia Ida, a ex-Sandra Mar
4. A baronesa sem castelo
5. O tal Candinho da Luz
6. Andiara, linda, linda, linda
7. 85
8. Tim faz o primeiro contato
9. Toledo, investigador
10. O diabo na igreja
11. Um almoço rápido e um amor infinito
12. Toledo em ação
13. O jogo de armar
14. Um retrato a oito mãos
15. Fala, Moreno!
16. É esse!
17. O mandante
18. Ainda o Jogo de armar
19. Tim, Di e Toledo
20. Encontro na esquina
21. Toledo na pista de 85
22. Encontro casual, cheio de conseqüências
23. Diante da fera
24. Um corpo na praça
25. A visita inesperada
26. Tim começa a investigar
27. Restos do dia anterior
28. Tim no caminho certo
29. O hóspede indesejado
30. A volta ao Candinho da Luz
31. 85 no bairro oriental
32. As partes do quebra-cabeça se unem
33. Tim também pertinho

34. A Baronesa mora aí
35. O outro participante da gincana
36. Morte no cortiço
37. Tim em luta com um leão
38. Visita ao falecido
39. 85 sai de cena
40. Tia Ida abraça o sobrinho
41. Ato único de uma peça teatral
42. O jantar da vitória
43. Finais, começos e recomeços

1
Diálogo na Gruta

Chovia muito porque era março, quando os morros desabam, o asfalto das estradas é levado pela enxurrada e as cidades do Sudeste viram piscinas de água barrenta. São Paulo fica feia e intransitável nesse mês sujo e encharcado. Os ônibus e os carros formam filas intermináveis e os transeuntes tentam pegar a condução - cujo itinerário demorará horas - ou procuram apenas se esconder da chuva. Timóteo, somente Tim para todos, preferiu refugiar-se num bar próximo e comer alguma coisa até que o temporal passasse. Estava no antigo centro paulistano, o chamado Centrão, que fora no passado o coração da nascente metrópole, onde então se localizavam os bancos, os escritórios das maiores empresas e as grandes lojas. Lá, durante dois anos, Tim trabalhara com o doutor Gumercindo Barroso, um dos mais velhos advogados em exercício do país, ali estabelecido há mais de meio século. Naquela tarde, porém, depois de pagar os direitos de Tim, seu único empregado, o advogado, que tivera uma grande clientela, fechou definitivamente o escritório. Tim estava com dinheiro no bolso, carta de recomendação com elogios, carteira de trabalho assinada, mas desempregado.

O bar era a Gruta Paulista, um estabelecimento escuro, sempre cheirando a temperos fortes, onde se entrava descendo meia dúzia de degraus. Tim já estivera lá outras vezes para um lanche rápido. Doutor Barroso, quem lhe indicara a Gruta, já o conhecia dos tempos de estudante. Aliás, ninguém melhor que ele sabia a história da cidade. Não apenas a história oficial que está nos livros, mas a de suas ruas, edifícios, restaurantes, magazines, e até de pequenos cafés e bares. Às vezes, andando pelo Centrão, informava seu jovem auxiliar: ali havia um cinema, o Alhambra. Neste ponto ficava a maior cervejaria de São Paulo: Cidade München. Lá era o Teatro Boavista, onde se exibiam as grandes companhias de teatro. Convivendo com aquele advogado de mais de oitenta anos, o último homem na cidade a ainda usar chapéu, colete e prendedor de gravata, Tim aprendera que o mundo não começara ontem. Era bom ouvir o doutor. Aquela amizade ensinara a Tim pisar as calçadas com respeito, como se fossem páginas de um documentário.

Não vou vê-lo mais, lamentou-se Tim, após sentar-se em uma das mesas da Gruta, separadas por divisões de treliça escura, característica dos bares e

restaurantes antigos. Nunca vira um jovem lá. Parecia cenário de novela de época, botequim do tempo do império. Barris empilhados ocupavam parte do espaço, e salames, mortadelas, presuntos e queijos dependurados obrigavam os fregueses mais altos a baixarem a cabeça. Algumas velhas fotografias e recortes desbotados de jornais, mostrando ídolos do passado, estavam colados perto da registradora. O jogador de futebol era Arthur Friedreiche, o Fried, o primeiro, entre os brasileiros, a obter fama internacional. Doutor Barroso vira-o jogar. O escritor Mário de Andrade, que revolucionara as artes no país, era um dos rostos da galeria. Provavelmente freqüentara a Gruta. O político, cortando a fita inaugural de uma avenida, era Prestes Mala, duas vezes prefeito da cidade. E mulheres. Reconheceu apenas uma, Carmem Miranda, a provar com trinta e dois dentes que sorrisos não envelhecem.

Tim pediu ao garçom, velho como a Gruta, sanduíche de aliche, uma das especialidades da casa. Enquanto esperava olhou para um homem que entrou, fechando um guarda-chuva molhado, e sentou-se ao balcão. Na extremidade, viu um bêbado tentando acender um cigarro na chama brincalhona de um isqueiro. junto à caixa alguém telefonava no tom de quem, isolado numa ilha, pedisse socorro a um barco que passava. A maioria das mesas estava desocupada. Veio o sanduíche. Tim deu a primeira mordida imaginando a que horas chegaria em casa, com aquela chuva. A casa era uma quitinete, com uma precária divisão de madeira, onde morava com a tia, dona Ida, bilheteira de teatro. Ela era o único parente com que tinha contato, desde a morte dos pais, num desastre, quando tinha cinco anos de idade. A tia nunca o esperava à noite, pois precisava chegar ao teatro rigorosamente às oito. Mesmo quando estava de férias escolares, o rapaz não voltava cedo para casa porque costumava passar pela lanchonete onde Andiara, sua namorada, trabalhava. Ele teria de fazer hora na Gruta até que a namorada saísse do trabalho.

Lembrou-se de uma chuvarada de março que desastrosamente forçou-o a dormir num promiscuo hotel do centro. Na madrugada houve uma batida policial e ele não soube explicar o que fazia, com dezessete anos, sem mala, naquele antro de traficantes e drogados. Foi levado a uma delegacia e detido. Felizmente o doutor Barroso soltou-o pela manhã, depois de breve papo com o delegado. O velhote era muito conhecido na área. Tim lembrou-se com meio sorriso desse caso desagradável.

Tentou fixar o pensamento em Andiara, enquanto mordia o sanduíche. já tivera casos com diversas garotas, sabia quase tudo sobre elas, mas considerava-a a primeira namorada de verdade, a única que já lhe causara preocupação. O que pretendia o gerente da lanchonete? Por que não a deixava em paz? Tinha quase o dobro da idade dela.

Um sanduíche foi pouco. Pediu outro, desta vez acompanhado de refrigerante. Viu fregueses chegarem e saírem. Davam uma parada rápida e logo iam enfrentar a batalha da condução. Até o bêbado que perseguia a chama do isqueiro com o cigarro levantou-se, fez um longo aceno ao garçom e ao homem da caixa e saiu. Tim dispunha-se a fazer o mesmo quando ouviu uma voz que lhe pareceu conhecida. Vinha da mesa ao lado, separada da sua por uma das divisões de treliça. Dois homens estavam ali, falando baixo. Percebia, por uma ténue sombra, que um era bem alto, ao contrário do outro.

- Cuidado com o que fala, homem.

Tim percebeu que aquela voz conhecida vinha da mesa ao lado.

- Com o barulho da chuva ninguém vai nos ouvir - disse aquele cuja voz parecera familiar a Tim, uma voz rouca, cheia de saliva, sórdida.

Tim escorregou no assento para se tornar menos visível e ouvir qualquer coisa mais. Aquela voz trazia-lhe uma nítida e terrível lembrança. Nunca imaginou que a ouviria de novo, e ainda mais passados apenas quinze dias do episódio. Seria mais prudente pagar a conta e desaparecer. Mas, se o homem fosse o suposto, ele o veria levantar-se, o reconheceria com toda a certeza, e sabe Deus o que seria capaz de fazer. Posso porém estar enganado, admitiu. Há pessoas que têm voz igual? Só os cantores, ocorreu-lhe, quando um imita o outro.

- Quer que eu mate uma mulher que nem sabe onde mora. Ninguém já fez serviço igual.

- O maior trabalho será talvez localizar a peça.

- Se voltar para a cadeia não sairei mais desta vez. É nisso que estou pensando.

Uma pausa e um lance.

- Você ganhará mais dinheiro do que já ganhou na vida.

- Por pouco não me arrisco mais. Quero me aposentar.

- Quem falou em pouco? Dou-lhe dois mil, adiantados, para as despesas.

- Já?

- Já.

- E quanto depois?

Tim arriscou espiar através de um dos pequenos quadrados da treliça. Parecia que os dois homens, devido à má iluminação ou por estarem excessivamente concentrados na conversa, não percebiam que a mesa vizinha estava ocupada. O mais baixo, muito curvado sobre a mesa, não dava para ser visto. O outro, porém, Tim reconheceu no mesmo tempo em que um arrepio gelado percorreu-lhe o corpo. Sim, era ele mesmo. Como esquecer aquela cara!

Era o bandido de rosto esquálido que assaltara o escritório do doutor Barroso. Com um revólver na mão, apavorara-os durante muitos minutos. Talvez os tivesse matado se de quando em quando alguma pessoa não circulasse pelo corredor do edifício. O velho advogado tivera de recuperar-se do susto numa clínica, com o coração descontrolado, e ao receber alta resolveu encerrar as atividades. Bandido maldito.

Ouviu o ruído de bebida, provavelmente cerveja, despejada num copo.

- Cinco mil.

- Acha muito?

- Dez mil.

- Como posso confiar em você? Não te conheço.

- Um tem de confiar no outro neste negócio.

- Depois de feito o trabalho, onde vou encontrar você? Os mandantes sempre dão o sumiço.

- Em minha casa.

- Escreva aqui o endereço - impôs o outro,

Aquela cena parecia uma armação do destino para poder vingar-se daquele homem, pensou Tim. Mas quem seria a pobre mulher cujo assassinato estava sendo contratado a um metro de sua mesa? Uma mulher que o próprio mandante não sabia onde morava. Colou o ouvido na treliça para ouvir melhor. Mais um copo de cerveja e o riscar de um fósforo.

- Procure-me só depois que tudo estiver resolvido.

- Posso precisar de você, se encontrar dificuldade.

- Há uma esquina onde passo sempre, às seis da tarde. Vou anotar aqui.

Uma ameaça, misturada com cerveja e fumaça.

- Espero que nunca tente me enganar.

O mandante escondeu atrás de uma interrogação o receio que a ameaça despertou.

- Por que o faria? Vou ganhar muito dinheiro.

Se entrar um policial, aviso que aí ao lado estão tramando um crime, decidiu Tim.

Mas a Gruta estava quase vazia. A única pessoa que dava para ver da mesa era uma senhora idosa, embrulhada numa capa de chuva, tomando algo quente no balcão. Adiantaria, depois, ir a uma delegacia? Após o assalto no escritório, estivera numa para identificar o bandido através de um álbum de fotos. Em centenas de rostos não reconhecera aquele. E como no caso não houvera morte, afastaram o recurso do retrato falado.

- Você não me deu boas dicas para encontrar a tal Baronesa. Só sei que tem uns sessenta anos, é meio biruta, tem um papagaio...

- E sempre traz no bolso uma gaita pequena. já se apresentou, tocando, num desses programas de calouros da televisão. Eu assisti, foi muito aplaudida.

- Qual é seu nome de verdade?

- Zaíra. Não costuma parar muito tempo nos muquifos onde aluga quarto porque sempre desaparece sem pagar. Como não tem mobília, para ela é fácil.

- Encontrar essa mulher está me parecendo uma gincana.

- A última vez que soube dela morava na Luz, perto da estação. já morou na Barra Funda, Bom Retiro e Liberdade. Gosta desses bairros. Se ela preferisse a periferia, desistiria de encontrar essa maluca. Mas se dá melhor com o movimento e o barulho.

- Tudo que disse ainda é pouco, Não sei como começar.

- Calma, vou lhe dar um retrato dela e uma dica valiosa. Ela tem um amigo chegado, eterno candidato a vereador. Chama-se Candinho, o Candinho da Luz. Faz boca de urna e outros serviços eleitorais para ele. São íntimos. Uma vez ela foi presa, acusada de roubar numa feira, e ele a salvou dessa. Nem dele tenho o endereço. Vai ter de se virar.

- Não conheço bem essa cidade, você sabe.

- Não desista antes de encontrar a Baronesa. Mesmo que demore um mês. Há muito dinheiro em jogo nessa... gincana.

- E a biruta sabe quanto vale?

- Não - respondeu o outro prontamente. - E espero que não viva o suficiente para saber.

Subitamente Tim sentiu receio de que o homem, antes de sair, olhasse para sua mesa. Provavelmente reconheceria o rapaz de cabelos vermelhos do escritório do advogado. Raros, os ruivos são marcantes, vão logo para o arquivo da memória. Levantou-se num impulso e foi ao banheiro, sem olhar para trás. Estaria mais seguro lá. Decidiu demorar, fechando-se. Antes de voltar ao bar, espiou por um palmo de porta aberta. Viu, então, o homem e o mandante deixando a Gruta.

Pagando a conta, Tim retirou-se também. Ainda chovia, embora menos. Olhou bem ao redor mas não viu nenhum dos dois. Não iria à lanchonete. Abalado, febril, não teria o que conversar com Andiara. O diálogo do bar persistia em seus ouvidos, como uma gravação diabólica. Felizmente, desta vez, não teve de sofrer na fila do ônibus. Conseguiu até sentar-se. Porém as imagens da cidade, todo o seu burburinho e o espetáculo de uma passeata de grevistas, marchando na chuva, não o fizeram por nenhum momento esquecer as vozes da Gruta. Como seria aquela mulher, a Baronesa, condenada à morte? E por que iria morrer?

2
O assalto

O diálogo da Gruta trazia a Tim a lembrança do assalto.

O pequeno escritório do doutor Barroso, com seus móveis escuros em decrepitude, as paredes amarelecidas e as estantes abarrotadas de livros velhos seria o último lugar da cidade a interessar um ladrão. Este ouvira dizer que no sétimo andar trabalhava um advogado famoso e iludira-se. Aliás, naquele antigo centro da cidade nenhum profissional liberal ou firma vivia seu apogeu. Barroso já ocupara todo o andar, tivera inúmeros advogados sob seu comando, muitos funcionários, e acabara resumindo seu império a duas salas e a um único auxiliar, Tim, que ele se recusava a chamar de office-boy. Dizia que Tim era seu assessor, o segundo homem da empresa, o que era absoluta verdade. Não o aconselhava, contudo, a estudar Direito. Dizia que o Brasil possuía advogados demais e, gravemente, confessava não acreditar mais na justiça. Uma Justiça que demora anos a resolver um processo às vezes insignificante não está a serviço da nação.

- Enquanto não chegar a hora de decidir o que vai fazer na vida, leia. Tenha sempre um livro por perto. Poesia, romance, biografia, qualquer coisa. O melhor dos homens está nos livros. Não esses livros - apontava às estantes. - Esses, de Direito, só servem para impressionar a clientela.

Doutor Barroso não dava valor a esse tipo de leitura, nem mesmo aos livros que ele próprio escrevera. O que lia mais era poesia, gênero cujo micróbio contaminara Tim.

- Devo ao senhor ter entendido e gostado de Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo...

- Mas não diga a ninguém. Os idiotas dirão que só doido gosta de poesia. E os idiotas são sempre a maioria. Formam uma classe poderosa. Alguns chegam aos postos mais altos do país.

Baixo, magro, sempre vestido de preto, mas nunca deprimido, movimentava-se ainda com vivacidade aos oitenta e poucos anos. Brigava com os clientes, escrevia artigos inflamados, geralmente protestando contra injustiças, não se deixava enganar por ninguém, mas se um necessitado precisasse dos seus serviços não cobrava um centavo. Aliás, era mais por causa desses que ainda trabalhava.

Aquela tarde o doutor Barroso pretendia fechar mais cedo o escritório quando alguém, andando sem fazer ruído, empurrou a porta de vidro raiado da sala de espera, onde apenas Tim se encontrava. Era um homem alto, de membros elásticos, vestindo uma camiseta estampada, muito apertada para seu corpo. Mais um pobre cliente que não poderia pagar os serviços do advogado? Fosse quem fosse, estava com pressa. Entrou, viu a chave na parte interna da porta, fechou-a e enfiou-a no bolso. O motivo da visita estava explicado. Ainda sem dizer nada arrancou o fio da extensão telefônica.

- Chame o patrão.

Não foi necessário. O doutor Barroso, que telefonava, ouviu algo estranho e apareceu. Bastou ver o homem para adivinhar do que se tratava. Disse depois que havia pensado em vingança de algum criminoso. Mandara muito bandido para trás das grades, apesar de atuar mais na área trabalhista.

- O que você quer?

- Dinheiro. Tudo que tiver.

Doutor Barroso retirou a carteira do bolso do paletó.

- Que ninharia, velho - disse o ladrão, pegando o dinheiro. - Vamos ver lá dentro o que tem nas gavetas.

O bandido foi abrindo as gavetas do escritório uma a uma, mantendo um revólver apontado entre o advogado e o rapaz.

- Eu faço esse serviço - explicou. - já fui uma vez surpreendido por um maldito paralítico que tinha um revólver na gaveta. Quase me acerta. Querem saber o que fiz com ele depois? Atirei-o com sua cadeira de uma escada.

- Não guardo dinheiro nas gavetas - informou doutor Barroso.

- Está parecendo verdade. Passe-me esse seu relógio de bolso - ordenou o assaltante com os olhos na corrente.

O advogado ganhara o relógio de ouro de seu pai no dia da formatura. Tinha um valor sentimental e histórico.

Doutor Barroso entregou-lhe a relíquia.

Pareceu que o delinqüente ia se retirar, satisfeito, mas engano. Ele olhou para um cofre no canto do escritório.

- Abra isso aí.

- Só tem documentos.

- É uma ordem, velho.

Como doutor Barroso hesitasse, o bandido pegou um braço de Tim e começou a torcer.

- Quer que eu quebre o braço do moleque?

O advogado foi abrir o cofre, mas, nervoso, não conseguia, confundindo os números do segredo, o que irritou o ladrão,

- Mais um pouco e aleijo ele!

- Calma - implorou Tim. - Às vezes ele esquece o número. Com as mãos trémulas, o advogado abriu afinal o cofre.

- Pode ver, só papéis.

- Vai jogando tudo no chão.

Barroso atendeu cheio de ódio, Costumava manter sempre em ordem seus papéis. A expressão de resistência abalou o bandido, que lhe deu um forte cutucão nas costas para apressar a operação. O velho gemeu, tinha a coluna curvada e sensível. Até o peso de lençol provocava-lhe dores.

- Por favor - implorou Tim. - Ele tem mais de oitenta anos.

O sádico não se comoveu com isso.

- Ele já viveu demais. O que está querendo, chegar aos cem?

Barroso passou a despejar os documentos no chão com mais velocidade. O bandido foi espiar o cofre.

- Onde guarda o dinheiro?

- Procure você - respondeu o advogado apontando às estantes.

O bandido descontrolou-se e começou a bater em sua frágil vítima com as duas mãos. Tim não pôde suportar aquilo. Avançou sobre ele num salto. A princípio, desequilibrou-o, quase o derrubando, mas o assaltante, um tigre, fincando-se novamente sobre os pés, passou a golpear o rapaz até derrubá-lo. Não parou aí, dando pontapés e pisadas naquele corpo já indefeso. Foi a vez de Barroso agir em socorro de seu ajudante. Mas nada pôde fazer. Caiu também sob os golpes da fera.

Tim foi o primeiro a acordar, muito tempo depois. Arrastou-se até os escritórios vizinhos, onde cuidaram de chamar uma ambulância. Ele ficou apenas dois dias internado, e seu patrão cerca de dez. Não houve nenhum osso quebrado, aparentemente nenhum órgão atingido, mas para Barroso foi o fim.

- Vou voltar ao escritório só para passar meus casos a um advogado amigo e adeus. Talvez eu consiga com meus conhecidos algo para você.

Obteve apenas promessas.

3
Tia Ida, a ex-Sandra Mar

Tim morava num edifício de cento e vinte quitinetes, apartamentos de quarto, privada e chuveiro. O que o imóvel possuía de maior, mais confortável, era a janela. Do décimo andar, podia-se ver até o teatro, local de trabalho de sua tia Ida, a bilheteira.

Antes de ser bilheteira daquele teatro, ela já fora de outros, como também camareira e faxineira. Sendo teatro, aceitava qualquer função, pois, por mais longe que estivesse do palco, estaria perto da fama. A verdade, porém, era que estivera bem mais perto quando, na mocidade, integrara o elenco de inúmeras peças teatrais, em pequenos papéis, usando o atraente pseudônimo de Sandra Mar. A primeira coisa que se via ao entrar no apartamento era uma foto impressa da ex-atriz, a projetar um vitorioso sorriso. Uma de suas poucas fotos publicadas com destaque, e em cores, numa revista. Sua semana de glória, datada de setembro de 1966. Depois engordou, enfeou e foi esquecida pelos produtores e diretores. Logo, porém, voltaria ao teatro como camareira. Totalmente resignada. Só o fato de conviver com atores e atrizes conhecidos fazia-lhe bem. De todos eles sabia de intimidades que o grande público ignorava. Júlia

Lemos, bonita e talentosa, jamais aparecia em trajes sumários nas peças e fotos porque nascera com uma enorme mancha na perna. A alegre Glória Montes no íntimo não era tão feliz como aparentava devido a um amor não correspondido pelo ator Gilberto Veiga. A super-famosa Mônica Stein já chorara diversas vezes em seu ombro, por culpa de sua filha, viciada em tóxicos.

A ex-Sandra Mar era a mais perfeita confidente do teatro nacional. E não havia jornalista fofoqueiro que lhe arrancasse um único segredo de bastidores. “Sou um túmulo”, costumava dizer. “Comigo, contou, morreu.” E, famosas ou não, as pessoas sempre precisam de confidentes. A ex-Sandra Mar fazia disso quase uma profissão.

Como Tim voltou cedo para casa, a tia ainda não havia saído para o trabalho.

O garoto foi tirando dinheiro do bolso e colocando-o sobre a mesa.

- Que é isso? - a tia admirou-se.

- Todo esse dinheiro é seu.

- Por quê?

- Porque não sei quando poderei lhe dar mais novamente. Estou desempregado. O doutor Barroso fechou o escritório.

- Coitado! Depois daquilo tinha mesmo que fechar. Você não tem nada em vista?

- Alguns colegas do Barroso ficaram de me arranjar outro emprego, mas para o meio do ano.

- Como vai viver até lá?

- Recebi meus direitos trabalhistas e uma gratificação.

- Não é preciso me dar tanto.

- Eu me arranjarei com o que sobrou.

- Tenho um prato de comida pra você. Ou já comeu?

- Apenas sanduíches.

Tia Ida serviu-lhe um prato quente. Um vistoso picadinho. Era uma gorducha lépida.

- Esse é o predileto de Paulo Munhoz - informou ela, que conhecia as preferências culinárias, além de outras, da maioria dos artistas.

Tim detestava aquele picadinho, porém calava-se porque era um dos poucos pratos que ela sabia preparar.

- Conhece o Candinho da Luz? - Tim perguntou-lhe.

- Ator?

- Não, candidato a vereador.

- Alguém que lhe prometeu emprego?

Ele riu. Ali estava uma boa razão para se aproximar dele.

- Perguntei porque a senhora já morou na Luz.

- Faz muitos anos. Sua mãe ainda era viva. Mas não fiz amizades lá. Como está o picadinho?

- ótimo.

- Glória Montes também gosta muito dele. Sabe que uma vez ela veio aqui, em nossa quitinete? Você estava trabalhando. Tia Ida já havia contado o fato muitas vezes, orgulhosamente. O sobrinho porém nada sentia, convicto de que os astros da tia, ao saírem do palco iluminado, caiam na escuridão e anonimato em que no geral todos vivem.

- Tia, sabe que vi o homem que bateu em mim e no doutor Barroso?

- E ele viu você?

- Não.

- Ainda bem. Fuja desse homem.

Fugir? Era exatamente no contrário que estava pensando. Fora do palco do crime, distraído, seria o bandido tão perigoso como lhe parecera no escritório fechado? Teria também seus momentos de pânico e covardia? Era esperto, como convém a um bandido, ou um ingénuo, cuca fresca, capaz de cair em qualquer armadilha? Aliás, já se mostrara um boca-mole, um bananão, falando de seu plano criminoso num lugar público.

- Um idiota.

- O quê?

- Nada, tia. Está mesmo bom o picadinho.

- Vou para o teatro. Com essa chuva talvez não saiam muitos ingressos.

- Amanhã irei cedo pra cidade - disse ele.

- Vai pra Luz.

- Talvez.

4
A baronesa sem castelo

A chuva continuava forte e nada indicava que parasse antes do fim do mês. As enchentes prosseguiam aqui e ali derrubando barracos e levando pessoas e móveis na enxurrada. A televisão acabara de mostrar um homem de muletas e um cachorro sobre o telhado duma casa. O espetáculo mais comum era o de automóveis cobertos de água até a capota. No entanto, algumas crianças nadavam, alegres, no lodoso rio em que se tornavam muitas ruas. Tinham ainda outra compensação: não precisavam assistir aula, pois as escolas transformaram-se em refúgio dos desabrigados.

A Baronesa era quase indiferente ao flagelo municipal. Nunca ligava para nada. Além do mais, em sua nova residência, estava a salvo da enchente. Morava num quarto do segundo andar de um casarão na parte alta da rua. Quase morrera afogada, certa vez, quando vivia numa pocilga perto do rio Tietê. Perdera então alguma roupa, mas salvara o papagaio, o rádio e instalara-se durante um mês num abrigo gratuito, com direito a refeições. Para ela foi um benefício, além de ter se livrado de pagar três meses que devia de aluguel. Esperar ou extrair alguma vantagem das desgraças coletivas constava de sua filosofia de vida. Conseguira, por sorte, sem ter de pagar adiantado, aquele espaço para morar. Era, certamente, um quarto de empregada do casarão, cujo primeiro mês de aluguel já estava devendo. Seu aspecto inspirava alguma confiança. Alta, rija, cabelos prateados, alguém, bom observador, dera-lhe o apelido de Baronesa. Apesar da vida miserável, havia em seus traços certo toque de nobreza, assim como nos cabelos, no andar, na postura - que a idade persistentemente aperfeiçoava. O próprio ar alheio, o olhar distante, desligada de quase tudo, apontava para uma origem pouco marcada pelo sofrimento. Alguém que percorria os bairros pobres a passeio, por curiosidade. Quando na intimidade, costumava dizer-se descendente de uma família muito rica e exibia um camafeu que trazia ao pescoço. Ninguém acreditava porque parecia uma dessas coisas que os loucos afirmam, como "Eu sou Napoleão".

Apesar de má pagadora, os vizinhos da Baronesa, onde quer que morasse, simpatizavam com ela. Tinha bom gênio, jamais se metia em briga, era ouvinte paciente e tinha algum relacionamento com o além, atribuindo a si própria o dom de adivinhar. Sabia se fazer querida, especialmente pelas crianças, com sua

gaita, sempre no bolso, pronta para tocar. A gaita era sua grande atração, como também Moreno, o papagaio, que dizia um palavrão a quem o chamasse de Louro. A bem da verdade, ele não conhecia apenas um palavrão, mas muitos.

Como a Baronesa vivia, de onde tirava seu pão, mesmo os que a conhecessem melhor, ignoravam. Fazia pequenos serviços, nenhum pesado. Se insistissem, respondia que comprava e vendia. já tinha sido vista vendendo; comprando, não. O certo é que alguns amigos a ajudavam.

- Está na hora de visitar o Candinho da Luz - disse, vendo pela janela a chuva cair. - Ele vai precisar de mim agora com as eleições.

Sentada, tirou a gaita do bolso e começou a tocar. Não havia nada melhor a fazer num dia de chuva como aquele.

A Baronesa tirou a gaita do bolso e começou a tocar.

5
O tal Candinho da Luz

Era o escritório mais bagunçado de toda aquela zona da cidade. Quilos de papel impresso por toda parte. Só havia espaço para quem se sentasse à mesa e para mais três ou quatro pessoas comprimidas. Na parede, um cartaz que acabara de ser colado:

Para vereador CANDINHO DA LUZ

seu melhor amigo no bairro

Certamente com o retrato do sorridente candidato da região. Abaixo, ao vivo, o próprio Candinho mantinha o mesmo sorriso permanente da fotografia. Já haviam dito que, se sorriso ganhasse eleições, ele seria o presidente da República. Na verdade, era a terceira ou quarta vez que se candidatava. Na última, quase chegara lá: terceiro suplente. Desta vez, apostava, seria eleito. Afinal nascera no bairro e conhecia todo mundo. Já arranjara muito emprego, dera lar a meninos de rua, conseguira entrevistas no rádio, estivera presente a inauguração de creches e não perdera um enterro sequer de velhos moradores da Luz. As eleições estavam distantes, mas já começara a se movimentar. Não ficava apenas no escritório, circulava muito. Aprendera que, parado, ninguém se elege. Ia diariamente à histórica Estação da Luz protestar contra o atraso dos trens. Isso agradava os pobres operários. Freqüentava as portas das fábricas, embora os líderes sindicais não apoiassem sua candidatura. E fazia centenas de visitas, principalmente aos bares, onde era muito popular, graças ao consumo de cerveja, sua paixão. No entanto, muita gente no bairro não votava nele, acusando-o de trapaceiro, folgado e demagogo. Superior a tais comentários, até mesmo essas pessoas visitava, para falar de seus projetos de lei, caso fosse eleito. E quando se apegava a um assunto metralhava os ouvidos de quem estivesse perto.

- Quando estiver na Câmara dos Vereadores não voltarei as costas para os eleitores, como a maioria faz. Lá vocês terão um amigo. Estarei sempre com as portas abertas.

Um homem e duas mulheres, gente simples do bairro, de pé diante da mesa, olhavam para o candidato, cada um a refletir sobre seus problemas.

- Estou no desvio - disse o homem. - Perdi meu emprego para um robô. Esses malditos vão nos matar de fome. É certo, isso?

- Tenho um projeto para limitar o uso deles aos parques de diversão - respondeu prontamente o candidato, que nunca havia pensado nessa questão. - Só servirão para entreter as crianças. A função dos robôs será fazer rir, não fazer chorar.

Pegou bem, causando certa esperança no desempregado. Uma das mulheres falou de sua aflição:

- Tenho dois filhos aí no Grupo Escolar - ela começou.

- Um deles já foi atropelado. Na semana passada uma criança morreu. Preciso trabalhar e não posso acompanhar meus filhos à escola. Fico o dia todo preocupada.

Antes de ouvir tudo, o candidato já tirara um desenho da gaveta. Não parecia obra de arquiteto.

- A solução está aqui - anunciou com seu sorriso. Uma passagem duma calçada à outra. Faz parte de minha plataforma. Peça às mães para votarem em mim e a gente resolve. A segunda mulher apresentou seu problema.

- No quarteirão onde moro, desde o Carnaval falta água diariamente.

O caso da água é um que atacarei assim que assumir. Sossegue.

- Dizem que não é da alçada da prefeitura...

- Pode ser - hesitou Candinho -, mas mesmo assim vou agir.

Quando os três se retiraram Candinho foi abrindo pacotes de impressos que haviam chegado. Preparava-se para a luta. Não podia aceitar uma nova derrota. Precisava inundar o bairro de cartazes. Gastara neles todo o dinheiro que conseguira acumular. E ainda ficara devendo. Longe dos eleitores não sorria, estava preocupado. Se perdesse as eleições, daria um golpe na praça, teria de sumir do bairro, como caloteiro.

- Seu Candinho! - chamaram.

Alguém entrara no escritório cautelosamente. Olhou. Não era gente conhecida.

- Sim.

- Estou à procura de uma mulher chamada Baronesa.

O candidato logo pensou que a velhota aprontara mais uma das suas e que o homem era da polícia. Não daria nenhuma pista. A Baronesa sempre fora seu melhor cabo eleitoral. Tinha boas pernas para caminhar e conquistava a todos com seu bom humor e sua gaita. Ia precisar muito dela para eleger-se. Além do mais, não gostava da cara daquele sujeito.

- O senhor é amigo da Baronesa?

O outro pensou um instante para responder.

- Mais ou menos.

“Mais ou menos?”, perguntou-se Candinho, ante a resposta escapista, escorregadia. Provavelmente menos do que mais. A um tira jamais informaria algo sobre a Baronesa. O que ela poderia ter feito de mal? Abandonar o quarto sem pagar, roubar fruta na feira ou um chocolate no supermercado? Qualquer coisa dessas seria por necessidade. Não tinha pinta de ladra. Tinha, sim, de baronesa.

- Não a tenho visto mais.

- Tem o endereço dela?

- Sei lá onde ela mora. Nem mesmo sei se é aqui na Luz. Deve ser numa dessas casas de cômodo de aluguel que ainda não desabaram.

O homem fitava o candidato com olhos espertos. Era desses que não acreditam em tudo que ouvem. No sentido inverso das palavras, sim, às vezes. E por que o homem dos cartazes ficara nervoso a uma simples pergunta?

- Soube que ela trabalhou para o senhor - insistiu.

- Distribuiu minha propaganda nas eleições passadas. Nada mais. Era boa nisso.

- Sabe de alguém que possa me informar?

- Não.

- Comerciantes, motoristas, cabeleireiras, pipoqueiros...

- Não - confirmou o candidato, querendo proteger a Baronesa. - Ela é uma dessas figuras exóticas da cidade. Há tantas! O bêbado que faz discurso, o doido que fala sozinho, a mulher que dá comida aos pombos, a que implica com os policiais fardados... Quem sabe onde essa gente vive? Será que já tiveram residência, carteira de identidade, essas coisas? Oficialmente não existem.

O outro sentiu um desânimo. Como encontrar alguém que é mais imagem que gente? E como assassinar uma fantasia?

- Vou indo - decidiu. Candinho arriscou uma pergunta.

- Posso saber por que procura a Baronesa?

O homem não respondeu logo. A pergunta o irritou. Candinho até assustou-se com a cara que fez. já não via nele um tira, nem reconhecia traço algum de quem estivesse a serviço da polícia. Do lado oposto, talvez.

- Queria contratar ela.

- Contratar pra quê? - admirou-se o candidato. Uma idéia surgida de estalo.

- Pra dar um show de gaita beneficente.

- A Baronesa?

- Ela toca, não? Ganharia um dinheirinho. Deve estar precisando.

A Baronesa gostaria disso, pensou o candidato. já tocara num programa de calouros. Depois, se ele lhe fizesse um favor, podia exigir mais dela como cabo eleitoral.

- Deixe seu telefone, Ela aparece quando menos se espera.

O homem fingiu que ia dizer seu telefone, mas mudou de idéia:

- Queria fazer uma surpresa. Descubra o endereço dela. -

E concluiu, tentando extrair um sorriso de sua cara feia: - Eu votarei no senhor.

6
Andiara, linda, linda, linda

The Corner - em português, A Esquina - era uma lanchonete realmente de esquina, onde Andiara trabalhava. Como fazia horas extras, para ganhar mais, chegava a permanecer doze horas atrás do balcão. Um estabelecimento bonito, de linhas e cores modernas, um dos prediletos da rapaziada, devido à localização, nos jardins, e às belas garotas que serviam lanches no balcão e nas mesas, o gerente soubera fazer uma boa seleção, Mas de todas, umas dez, Andiara, a namorada de Tim, alta e cheia de curvas, sobressaía. Ele estava certo de que lhe chamara a atenção unicamente por ser ruivo, sendo ela morena jambo. Dezenas de jovens muito mais bonitos e interessantes que ele freqüentavam *The Corner,* diariamente. A graça do amor, porém, está em seus mistérios, em tudo aquilo que não se explica, basta sentir. Nenhum dos dois precisou conquistar o outro. Apenas encontraram-se, ele no balcão, ela servindo. Trocaram olhares, algumas palavras e começou.

A partir daquele dia Tim passou a ir ao *The Corner* pelo menos duas vezes por dia e logo marcaram encontros fora da lanchonete. Encontros que nunca ultrapassavam a meia-noite. Ninguém é perfeito. Andiara como companhia não era. Estava sempre cansada de tanto carregar bandejas. Mesmo no cinema acontecia de dormir sobre o ombro de Tim. Dormiu numa roda-gigante. Tim aconselhou-a a mudar de emprego. Impossível. No *The Corner* o salário era curto mas as gorjetas compensavam. E a família - tinha mãe doente - precisava de sua ajuda, assunto para ela desagradável. Sua grande mágoa era ter interrompido os estudos no começo do segundo grau. Outro tema que evitava. Preferia mostrar-se alegre, sem queixar-se da vida. Tim era uma das raras pessoas que sabiam dos sofrimentos familiares da garota. E do gerente, um mau-caráter que se dizia apaixonado por ela.

A chuva parara e Tim e Andiara foram a um restaurante para refeições rápidas, um entra-e-sai constante, além de barulhento. O namoro deles não tinha nada dos amores suburbanos que têm como cenários jardins, parquinhos, muros, quermesses e festinhas. Um namoro sem lua nem flores. Desenrolava-se no aglomeramento das ruas, vias expressas, shopping centers, estações de metrô e escadas rolantes. Quando se detinham para conversar nunca era num banco cercado de vegetação, mas num fast-food como aquele.

- Então doutor Barroso fechou o escritório? - ela perguntou.

- Estou desempregado. Igual a milhares.

- Tudo por causa daquele homem! - lembrou Andiara.

- Você voltou à polícia para ver mais algumas fotos?

- Não voltei - disse Tim. - Mas tornei a ver ele.

- O que assaltou o escritório?

- Sim, ontem, num boteco chamado Gruta Paulista, no fim da tarde.

- E ele viu você? - perguntou Andiara espantada.

- Não viu. Ele estava sendo contratado para matar uma mulher. Ouvi tudo pela divisão que tem lá entre as mesas.

- Matar uma mulher?

- Foi horrível ouvir aquilo de tão perto.

- Não foi sonho, não? Você anda tão traumatizado!

- Ouvi, palavra por palavra, e morrendo de medo que me vissem na mesa ao lado.

- Não acha muita coincidência, Tim?

- Coincidências acontecem. Pareceu até que eu tinha sido posto ali para ouvir aquele papo.

- Você, que é tão racional, pensando assim?

- Foi o que pensei a noite inteira. Numa cidade de dez milhões, reencontrar uma pessoa justamente no meio daquela conversa... Parece que uma força me conduziu até lá.

- Contou para alguém?

- Não. Minha tia se assusta com qualquer coisa.

- Quem é a mulher que vai ser assassinada?

- Só sei que tem o apelido de Baronesa, gosta de tocar gaita e é conhecida de um candidato a vereador. Nem o mandante, a pessoa que está pagando pelo assassinato, sabe onde ela mora. Pelo que entendi, é uma coitada, sem eira nem beira.

- Que interesse alguém pode ter na morte dela?

- Há muitos miseráveis que herdam grandes fortunas e não sabem. Doutor Barroso cuidou de um caso assim. Foi encontrar o herdeiro num manicômio. Imagino que o interesse em matar essa mulher seja por aí. O mandante prometeu pagar bem. Não prometeria se não fosse para ganhar muito dinheiro.

Andiara ouvia terrificada. Veio o garçom e ela nem sabia que prato escolher. Pediu estrogonofe, a sugestão do dia no cardápio.

- Vai à polícia?

- Não.

- Por que não?

- O que eu diria? Não tenho nenhuma informação concreta. Pensarão que imaginei tudo, por ter sido agredido pelo tal. À polícia não vou.

- É capaz de lembrar tudo que disseram? - perguntou Andiara, por duvidar, talvez, da autenticidade daquela história.

- Tudo mesmo?

- Posso tentar.

Um teste de memória. Tentando lembrar, palavra por palavra, frase por frase, Tim concluiria se realmente ouvira aquele pacto criminoso ou tudo não passara de sonho. Teria credibilidade contando a outra pessoa?

Andiara deixou-o falar, sem interrupção. A comida veio e enquanto comiam Tim continuava reproduzindo o diálogo. Não lhe agradaria passar como maluco pela pessoa que mais amava no mundo. Mas saiu-se bem. Descreveu até a atmosfera sombria da tarde na Gruta.

- Isso é tudo - concluiu.

- Estou tremendo - ela disse seriamente.

- Acha que inventei alguma coisa?

- Nenhuma palavra, Tim. Estou convencida.

- Foi bom ter feito isso. Provou que a cabeça está no lugar. Cheguei a duvidar.

Andiara cobriu a mão de Tim com a sua.

- Gostaria de procurar essa mulher? Era a pergunta que o garoto temia.

- Não sei se tenho jeito para investigador...

- Mas alguma coisa precisa ser feita - quase exigiu Andiara, compadecida.

- Que coisa?

- Você não pode ficar aí, parado, enquanto matam a pobre velha. Pense no remorso que sentiria. Além disso, como sua escola virou abrigo por causa das enchentes, tem um tempinho sobrando até começarem as aulas...

Tim pensou nisso, sim. O remorso. E pensou também no desprezo que Andiara poderia alimentar por ele, caso não movesse uma palha. E isso seria o pior de tudo porque dia a dia estava mais apaixonado. O primeiro amor é uma brasa.

- Acha que deveria encontrar a Baronesa, Di? - Era como ele a chamava carinhosamente. Era gostoso, Di.

Ela ficou toda DI, para responder.

- Antes que ele encontre. Mas sei que é perigoso. Apenas fico com pena dessa velha. Fico imaginando os dois, ela num beco sem saída.

- Engraçado. O cara falou em gincana - lembrou Tim. Para ser uma gincana de verdade, é preciso mais de um concorrente, do contrário não tem graça, não é?

7
85

Seu apelido era 85. O nome completo 3285. Fora seu número num presídio do Nordeste. Popularizara-o na prática de esportes. Fora bom em basquete, vôlei e boxe. Em todas as competições, chamavam-no de 85. Sempre aplaudido pelos presos e visitantes, pensara até em dedicar-se profissionalmente a um desses esportes quando ganhasse a liberdade. Mas não esperou por ela, fugiu. Teria de esperar muito tempo porque sua ficha de assaltos à mão armada era muito longa, constando dois prováveis latrocínios. Fora das grades, voltou ao crime. Foi preso mais duas vezes, a última por seqüestro. Graças ao mau estado dos presídios brasileiros e à incompetência ou corrupção de seus diretores e vigias, tornou a fugir, sempre espetacularmente.

Nos dez últimos anos vivera em países vizinhos, na Bolívia, principalmente enquanto se acreditava que tivesse morrido em combate com a polícia. Em seu retorno ao país, escolheu a cidade de São Paulo para viver, onde não era conhecido. Usando documentos falsos, exercera esporadicamente diversas profissões, como frentista, carregador, porteiro de boate, vigilante.

Aos poucos voltou a assaltar, mas coisa pequena, sem muito risco. Pessoas idosas, andando à noite na rua, foram suas primeiras vítimas na nova fase. O assalto mais ousado foi penetrar numa casa habitada por um casal de professores aposentados. Em nenhum deles roubara quantia satisfatória. jóias e objetos, por experiência, evitava roubar. Sempre constituíam prova para uma condenação.

Ao invadir o escritório do advogado esperava melhor sorte. Ouvira falar dele, na portaria, como renomado profissional. Entrou no decadente edifício sem ser notado e subiu. Ao pisar o escritório teve uma decepção: não era de quem nadasse em dinheiro. Depois de colocar no bolso uma quantia insignificante, teve vontade de matar o velho e seu auxiliar ruivinho, que resistiam à abertura de um cofre. Resolveu não se arriscar por tão pouco. Ser preso por uma ninharia não podia acontecer-lhe novamente.

Duas semanas após o último assalto, caminhava por uma rua do Centro Velho quando ouviu, não em tom alto:

- 85! 85!

Há anos ninguém o chamava assim. Sentiu vontade de correr, mas cedeu à tentação também forte de olhar para trás.

Um homem de meia-idade, vestido à antiga, fumando uma cigarrilha preta, caminhava quase a seu lado. Parecia sorrir.

- Está me chamando?

- Estou, sim. Como tem passado, 85?

- O senhor deve ter se confundido - respondeu, sem diminuir o passo.

- Não me confundi, não. já vivemos na mesma cidade, no Nordeste, e lembro muito bem de quando você escapou, você sabe de onde.

- Não sei quem é esse 85.

- Ninguém sabe mais. Foi considerado morto. E não serei eu quem dirá que está em São Paulo e solto. já estivemos do mesmo lado. Fui preso por estelionato, uma vez. Estivemos no mesmo presídio, no Recife.

85 viu que não adiantava negar sua identidade. Além do mais, lembrava-se bem daquele homem. Todo presidiário tem boa memória.

- Quando me reconheceu?

- Terminava de tomar um café quando você passou. Um colega! Fui atrás.

- Queria falar comigo?

- Sim, tenho um negócio a propor.

- A mim?

- Vamos entrar naquele bar. Está chovendo muito. Gosta de cerveja?

- Eu não me meto mais em encrenca.

- Foi o que pensei. De um homem assim que estou precisando. Vamos, se não a gente se molha.

Entraram na Gruta Paulista. Se não fosse a chuva, talvez 85 não entrasse. O homem queria lhe propor um negócio, mas não gostava de sociedade. Só sabia agir por conta própria, sem dar satisfações a ninguém.

Veio a cerveja e sanduíches.

- Por que precisa de uma pessoa como eu?

- Para localizar e matar uma mulher.

85 riu.

- Você deve estar doido.

- Não tenho jeito de doido. Tenho?

- Aparentemente não tem...

- Será simples. Feito o negócio, cada um sumirá pro seu lado. Você é simpático, mas não vou querer vê-lo mais.

- Matar alguém é sempre um grande risco.

- Não quando o criminoso já morreu. E 85 está morto, não está?

- Pelo menos por enquanto.

- Espero que não desperdice essa grande vantagem, sendo preso por um assaltozinho sem expressão.

Com isso 85 concordava. Teria sido um desastre ser detido roubando trocados.

- Apenas por curiosidade. Que arma devo usar?

- A que fizer menos ruído e deixar menos vestígios.

85 exibiu as mãos e soltou mais a voz.

- O que me diz de um estrangulamento? Mais seguro que levar armas no bolso.

- Cuidado com o que fala, homem.

Ao sair do restaurante e despedir-se do patrão na esquina, 85, durante alguns passos, deu o acordo como desfeito. Com dois mil reais

poderia viver muito bem até novo assalto. Depois, repensou a decisão. E se o tal homem, para vingar-se, informasse a polícia de que 85 estava vivo e em São Paulo? Nem precisaria apresentar-se, bastaria telefonar anonimamente. Um único retrato falado na imprensa ou na televisão e suas vítimas apareceriam. Retirou do bolso o papel em que fizera anotações. Leu: apenas o endereço, sem nome nem telefone. Em incaracterísticas letras de fôrma. O papelucho não tinha nada que comprometesse o patrão.

85 alugava um quarto num dos apartamentos próximos ao elevado, o sonoro Minhocão, viaduto sobre o qual rodavam milhares de carros por hora à altura das janelas. Lá era impossível falar, ouvir rádio ou o som dos programas de tevê, mas o barulho não impedia de pensar. Decidiu, após manter por uma hora a cabeça afundada no travesseiro: faria ao menos uma tentativa de cumprir o contrato. Procuraria o tal Candinho da Luz.

***

Saiu do escritório do candidato a vereador com a nítida impressão de ter

conversado com um mentiroso e vigarista. Achava improvável que tendo ele tanta necessidade de cabos eleitorais, não tivesse o endereço deles. A Baronesa vivia mudando de pouso, mas deveria saber do último ou de como fazer para encontrá-la. Notara também sua reação quando falara do show de gaita. Era de quem procuraria a velha dizendo lhe prestar um favor e, em troca, tiraria algum benefício. Tipos como aquele não valiam nada. Isso talvez levasse algum tempo, além de obrigá-lo a voltar àquele lugar, o que não era prudente. Outras pessoas naquele bairro deveriam conhecer a Baronesa, Havia lá tantos bares, açougues, empórios, farmácias! Gente do comércio miúdo tem boa memória. Impossível que ninguém se lembrasse dela. Parou diante de uma

pastelaria. Pediu um pastel, servido por um chinês magrela que vestia um avental cheio de manchas. Verdadeira amostra de diversos tipos de sujeira.

É antigo no ponto, mano? Dezoito anos.

Tenho uma amiga que adorava seus pastéis. Modéstia à parte, nós sabemos fazer isso.

Você deve ter conhecido ela. A Baronesa. Uma velhinha.

O chinês misturou algo que podia ser saudade à fumaça dos pastéis.

- A Baronesa, eta velha embrulhona!

- Então lembra da Baronesa? Tem visto ela, ultimamente?

O pasteleiro ria, lembrando.

- Uma vez levou meia dúzia de pastéis de palmito e não pagou. Me deu o cano. Que esperta!

- Tem visto? - repetiu 85, irritado. Não eram histórias o que queria ouvir. Até largou o pastel.

- Sabe quem pagou? Adivinhe? - perguntou o China. -

O padre. O padre veio aqui e pagou. Muitas vezes pagou a conta dela.

- Onde posso encontrar esse padre?

- Na igreja, ora!

- Onde é essa igreja?

- Vire a primeira à esquerda.

8
Tim faz o primeiro contato

Para Tim, que não conhecia a Luz, não foi fácil localizar o escritório de Candinho. Teve de percorrer muitos quarteirões e pedir informações a muita gente. Logo sentiu que não era pessoa muito querida no bairro. A simples menção de seu nome provocava risos irônicos. Afinal topou com uma casa velha, de janela rasteira, sobre a qual se lia uma placa: "Despachante". Devia ser a profissão do candidato. Como a porta estava aberta, foi entrando. Largado numa poltrona descorada, um homem falava ao telefone, olhando para a parede. Nem percebeu a presença do rapaz.

- Não diga a ninguém qual é meu time de futebol. Conforme o eleitor, mudo de quadro. Muita gente vota porque o candidato torce para o mesmo time. Nunca se pode decepcionar um torcedor. Vou visitar a diretoria do clube, mas sem me comprometer. Entendeu? É isso aí. Um abraço.

Só depois de desligar o telefone é que viu o moço ruivo parado à porta.

- Bom dia!

- Veio buscar santinhos? - perguntou Candinho, apontando um maço de impressos com sua foto e uma legenda: "Com ele a Luz sairá das trevas".

- Não, seu Candinho, embora possa levar alguns. Ainda não escolhi meu candidato a vereador.

Candinho entregou a Tim alguns santinhos.

- Leve isso, mas não desperdice. Propaganda é um negócio caro. Mas o que você quer?

- Estou procurando uma senhora chamada Baronesa.

- Você também?

- Por quê? Muita gente está procurando ela? - perguntou Tim, com sua imaginação já funcionando.

- Muita gente não, foi um homem só.

- O senhor sabe onde ela mora? - perguntou o rapaz num tom de ansiedade que intrigou o candidato.

- Ela vive mudando. Eu também estou à procura dela. Para me ajudar aqui e por causa do tal homem.

- O que ele queria com ela?

- Fazer um contrato.

- Contrato de quê?

- A Baronesa toca muito uma gaitinha. Ele quer que toque num show.

- O senhor já conhecia esse homem?

- Nunca tinha visto ele. Mas vamos lá, o que quer com a Baronesa? Também quer contratar a velhinha?

- Como é o homem que esteve aqui? - insistiu Tim.

- Está querendo saber demais, garoto. Primeiro diga por que está procurando a Baronesa. Ela é minha amiga e já a livrei de encrencas mais de uma vez. Ela lhe fez algum mal, alguma trapaça?

- Nem conheço ela.

- Então o que quer com a Baronesa? Vai dizer?

- O senhor nem acreditará.

- Diga logo.

- Quero salvar a vida dela.

- A vida da Baronesa? Ela só corre perigo quando atravessa a rua depois de ter bebido umas e outras.

- Descreva-me, por favor, o homem que veio aqui.

- Por que alguém mataria a velhinha?

- Ela deve ter dado um calote nessa pessoa - inventou Tim, decidido a não dizer mais nada.

- Como soube disso, garoto?

- Ouvi por aí...

O candidato não acreditou nessa história, apesar da péssima impressão que lhe causara o visitante anterior. Cara de assassino. Por outro lado, o ruivinho não lhe parecia um garoto equilibrado.

- Quando a vida de pessoas corre risco, garoto, o que se tem a fazer é recorrer à polícia. Conte tudo isso na delegacia. Quem sabe até tenham notícia da Baronesa. Se está presa, acidentada, se já morreu... - E abriu uma gaveta, retirando um papel anotado. - A delegacia é logo aí. Fale com o doutor Lineu.

- O homem ficou de voltar?

- Eu que fiquei de procurar a Baronesa por causa do show de gaita. Mas ele saiu com uma pressa de quem não está disposto a esperar.

9
Toledo, investigador

Tim, que nem sonhava procurar a polícia, mudou de idéia ao saber que o bandido estava à sua frente. Se o caso era salvar a Baronesa, deveria apelar a todas as possibilidades. Entrou, porém, na delegacia com certo constrangimento. Acreditariam nele? já notara, não entendia o motivo, que os ruivos, cabelos vermelhos, não inspiram muita confiança, parecem ter vindo de outro mundo.

Esperou quase uma hora para falar com o delegado Lineu.

- Sente e fale - ordenou o delegado, como um dentista que perguntasse qual era o dente que doía.

- Ouvi no bar Gruta Paulista um homem contratando outro para matar uma senhora que já morou neste bairro. O motivo pode ser herança. E o matador contratado já começou a procura, começando pelo escritório do seu Candinho, que conhece bem essa mulher.

- Como é o nome dela?

- Baronesa.

- Baronesa? já esteve aqui por roubar um feirante. A ela que querem matar?

- Sim, doutor.

O delegado fez um ar descrente e apertou uma campainha. Dez segundos e a porta abria. Um homem sorridente apareceu.

- Toledo, tenho um caso pra você. Conhece a Baronesa, não?

- já me deu muito trabalho - disse o investigador. - O que ela aprontou?

- Agora está aparecendo como vítima. Querem matá-la. É o que esse jovem veio dizer.

-- Eu gostaria de adotar a Baronesa como tia ou madrasta - disse Toledo. - Ela é uma simpatia. Amo aquela velha.

O delegado voltou-se a Tim:

- Você vai explicar tudo ao Toledo. Estará em boas mãos. É nosso melhor investigador, principalmente quando é necessário usar a cabeça. Ele vai formalizar tudo e sairá a campo pra salvar a velhinha. Se for verdade. Caso contrário você pagará caro por ter tomado nosso precioso tempo.

Toledo levou Tim para uma pequena sala, que mal tinha espaço para os dois. E, pior ainda, acendeu um cigarro malcheiroso. Apesar de tudo, Tim sentia-se à vontade. O investigador parecia um bom sujeito. Moço, uns trinta anos, estava desejoso de mostrar serviço.

Tim começou contando sobre o assalto que sofreu o escritório do doutor Barroso. Toledo interrompeu-o por um instante.

- Já estou odiando esse cara. Barroso foi um dos melhores advogados que já tivemos. Um gênio! Continue.

Tim fez a história rolar até sua entrada na delegacia. Incluiu nela até o papo com a Di, decisivo para topar a parada.

- Hesitei em vir aqui porque é uma história meio absurda.

- Não para nós. A polícia não lida com procedimentos normais. A Baronesa herdeira de uma fortuna? Por que não? Tudo é possível. Mas não fale disso a ninguém, vamos guardar para nós essa possibilidade. Pode ser um trunfo para a polícia. Entendeu?

Entendi, Toledo. Então vai trabalhar no caso? É meu ofício, cara.

Deus queira que chegue antes do tal homem nessa gincana. Já ganhei uma gincana certa vez no Parque Ibirapuera - lembrou Toledo, sorridente.

- Gostaria de ficar sabendo das coisas.

- Leve meu telefone.

- Estou me sentindo mais seguro agora - confessou Tim.

- Mas se quiser que eu continue colaborando...

- Você deve é procurar emprego. O mar não está pra peixe. E se vir o doutor Barroso, diga que conheceu um grande admirador. Bem, vou me lançar à luta.

- Obrigado por tudo.

10
O diabo na Igreja

Apenas meia porta da igreja estava aberta quando 85 entrou. Mal e mal pôde perceber o contorno dos bancos, na quase escuridão. Nenhum fiel chegara ainda. Sentou-se à espera de algum funcionário. Aos poucos foi acostumando a vista ao desenho dos vitrais. Uma mulher entrou e começou a rezar. Não seria ali o lugar para conversar com o padre. Viu uma porta. Talvez levasse à sacristia. A porta dava para um corredor comprido e bastante claro. Viu uma funcionária entrar com a bandeja de um farto desjejum matinal. Seguiu-a. Lá, sentado a uma mesa, na copa de uma espaçosa cozinha, estava o padre, um clérigo bochechudo, impaciente para se alimentar.

- Como demorou hoje, Matilde!

- O senhor me mandou servir antes os desabrigados. Tem uns cinqüenta no salão social.

- Houve pão e leite para todos?

- Não, tive de comprar. Por isso a demora.

- Enquanto essa chuva não passar, temos de dar abrigo a esse pessoal. Foi sorte a gente ter os colchões da enchente passada. Depois de servir o padre, Matilde, ao sair da copa, viu um homem alto parado à porta.

- O senhor é um dos desabrigados?

Ele mostrou não ter gostado da classificação. Mesmo tendo estado atrás das grades, mantinha certo orgulho. Ignorou a copeira, aproximando-se do padre.

- Bom dia, Padre.

- Deseja alguma coisa? - perguntou o padre, que não apreciava invasão de seus domínios. Ninguém entrava assim lá.

- Estou procurando uma grande amiga do senhor. Conhece a Baronesa, não?

O padre mordeu um pão cheio de manteiga. Compensava com o prazer do paladar uma lembrança desagradável.

- O que ela quer desta vez? Tirá-la da cadeia, chega. Repetiu, alto: - Chega. Cansei. Sou padre; santo, não. Santo está no céu e não aqui tomando café com leite e comendo pão com manteiga.

- Estou apenas querendo saber onde ela mora.

- Vivia aqui, pedindo favores - prosseguiu o padre. - Até tomou café com leite aqui diversas vezes. Demos a ela dinheiro, roupas, comida e um fogão portátil. Além de remédios, embora aquela tosse não tenha cura. Fuma demais. Apesar de tudo, deu de freqüentar outras religiões. Mesmo se vai lá por interesse, e deve ser por isso mesmo, considero uma grande ingratidão.

- Só quero seu endereço - repetiu o homem, começando a se irritar com o padre.

- Por ela não farei mais nada. Individualmente, digo. Se ela estivesse aí, no salão social, entre os sem-teto, claro que seria recebida. Mas auxílio direto, pessoal, nunca mais. Era o que tinha a dizer. Passe bem, senhor.

- Eu não tenho nada com essa mulher, quero seu endereço, só. Matilde estava à porta e ouviu.

- Ela deixou o novo endereço.

- Onde ela mora? - perguntou 85, já com os nervos agitados.

- Não lembro - berrou o padre.

- Ela deu por escrito - disse Matilde. - Estávamos aqui na cozinha. Acho que guardei na gaveta da mesa. - Deixe ver, padre Hélio.

O padre recuou um pouco a barriga, que encobria a gaveta da mesa, e retirou alguns papéis avulsos.

- É o amarelinho - informou a copeira.

O padre deu uma olhada num papel amarelo, provavelmente de embrulho. Leu e picou-o usando as pontas dos dedos.

85 parecia estar disposto a acabar com a vida do padre Hélio.

- Por que fez isso? - perguntou, atônito, o homem.

- Não era o endereço dela - disse o padre, ainda picando. Matilde arregalou a boca e os olhos ao ver aquele estranho sacudir o padre como se fosse um boneco gordo, mas frágil, capaz de desmantelar-se. Mais que um simples descontrole momentâneo, parecia estar disposto a acabar com a vida do padre Hélio. Foi tomado por uma fúria crescente e assassina. A copeira saiu pelo corredor gritando. Logo uma faxineira entrava na cozinha e via aquilo. Tentou desajeitadamente salvar o padre do agressor, mas este, com um só braço, empurrou-a, derrubando-a de estalo no chão.

85 largou o padre, que foi escorregando da cadeira, milímetro a milímetro, como uma cena de filme em *slow motion,* quando o real, em câmara lenta, fica mais próximo da fantasia. Enquanto o clérigo - convertido em massa disforme - desabava, o bandido tentava recolher os pedacinhos do papel amarelo. Havia dezenas deles sobre a mesa, untados de manteiga. Depois, arrancou-se dali, não no rumo da igreja, mas entrando pela sacristia adentro. Ninguém o viu saltar um muro e pisar a rua.

11
Um almoço rápido e um amor infinito

Tim sentou-se ao balcão na ala atendida por Di. Ela julgava que ele não aparecesse, envolvido na perseguição do bandido. Mas lá estava ele, sorrindo, todo tranqüilo. Teria desistido?

- Oi!

- O prato de sempre, Di.

- Como é, já pôs o bandido na cadeia ou já desencanou?

- Até que me mexi bastante.

- Fique olhando o cardápio, escolhendo, senão o gerente implica. Sabe que ele não gosta de você.

Realmente, o chefe de Di, no caixa, observava os dois disfarçadamente.

- Tenho culpa se sou mais jovem e mais bonito que ele?

- O que você fez hoje?

- Descobri o Candinho da Luz. O gorila já tinha passado por lá.

- Já? - espantou-se a moça, que fingia anotar o pedido.

- Como pretexto disse que desejava contratar a Baronesa para um show de gaita.

- Ele deu o endereço dela ao gorila?

- Felizmente não tinha.

- Você se abriu, disse quem é o cara, que ele quer matar a Baronesa?

- Contei apenas que alguém quer matá-la. Nada sobre a herança. Acabou me aconselhando a ir à polícia. E eu fui.

- Foi? Mas você não disse que a polícia não ajudaria nada nesse caso?

- Vá buscar o prato. O gerentinho está virando onça. -já volto.

Antes de servi-lo, Di teve de atender uns três fregueses da ala. Era chato ter de esperar. Finalmente ela veio com a bandeja.

- Então foi na polícia?

- Fui e o delegado escalou um investigador que conhece pra burro a Baronesa. Aliás, ela é conhecida lá, por pequenos furtos.

O investigador é um tal de Toledo, um sujeito legal, que acreditou na história e partiu pra luta. Me ofereci para ajudar, mas ele disse que preciso é de arrumar emprego. Vai se virar sozinho.

- Então está tudo com a polícia?

- Está.

- Vai lavar as mãos?

- Bem, não totalmente. Talvez faça outra visita ao Candinho para ver se o bandido retornou.

- Nem imagina como torço para nada acontecer a essa mulher - disse Di. - E sem a conhecer. Até sonhei com ela. Engraçado, não?

- Sonhou o quê?

- Que você tinha salvado a mulher de morrer nas mãos do bandidão e que até deu entrevista na televisão.

Uma garçonete aproximou-se de Di.

- Telefone pra você.

Di foi atender. Voltou com um papelzinho.

- Deu meu telefone para alguém?

- Ao Toledo, para recado.

- Era da parte dele.

- Será que já pegou o homem?

- Quer que vá encontrar-se com ele agora. Tim leu, rapidamente.

- Uma igreja!

12
Toledo em ação

Toledo já saía da delegacia quando telefonaram da igreja. O padre Hélio sofrera uma agressão. Pegou seu carro, um Fusca cheio de amassados, e arrancou. Chegando lá encontrou dois guardas metropolitanos circulando no corredor da sacristia. A copeira, uma faxineira e um sacristão estavam alarmados,

- Onde está o padre? - perguntou Toledo. - Vim investigar o caso.

- Está na cama - respondeu o sacristão.

- Muito machucado?

- Foi mais o susto. Não quis ir ao pronto-socorro.

- Quem o agrediu?

- Um desconhecido que foi entrando aqui sem pedir licença a ninguém. Parecia doido.

- O que ele queria?

- O endereço de uma tal Baronesa, uma mulher simples, meio biruta, que às vezes prestava serviços à igreja.

Disparou um alarme no sistema nervoso do investigador. Ali estava o fio da meada!

- E o que aconteceu?

- Fui a culpada - intrometeu-se a copeira. - Disse que ele tinha o endereço na gaveta. E padre Hélio não queria fazer favor algum a essa mulher. Tinha rompido com ela. Ele é muito bom, mas quando perde a cabeça... Pegou o papel e começou a picar. Um pedacinho ainda está no chão, este, amarelo.

- E o tal homem?

- Não se conformou. Sacudiu padre Hélio sem piedade. Não parava nunca. Foi terrível. Eu tentei impedir, mas ele me jogou no chão com um empurrão. E continuou a chacoalhar o padre até ele desmaiar.

Onde estão os outros pedacinhos? Ele levou.

Acha que poderá reconstituir o endereço?

Penso que não, padre Hélio picou o papel em mil - informou o sacristão.

- Quero ver o padre - disse Toledo -, mas antes preciso mandar um recado. Pode fazer isso por mim?

O sacristão prontificou-se. O recado era para a senhorita Andiara, na lanchonete *The Corner.*

O quarto do padre estava com meia janela fechada. Toledo aproximou-se.

- Padre Hélio, sou Toledo, investigador. Tem certeza de que não precisa fazer um exame no hospital? Tirar alguma radiografia?

- Estou bem.

- Não sente nada?

- Sinto ódio. É feio a um padre sentir ódio. Mas sinto. Jesus mandava perdoar setenta vezes sete, mas não sou capaz. Ele era filho de Deus, eu sou um simples mortal. Estou envenenado de ódio.

- Então o homem queria o endereço da Baronesa?

- Errei em picar o endereço dela, podia ter entregue a ele. Teria sido mais fácil. O diabo também entra no corpo dos padres.

- Mas desta vez não foi o diabo. Foi Deus - garantiu Toledo.

- Deus? Como sabe?

- Sabe por que ele queria o endereço da Baronesa? Vou dizer. Para matá-la.

- Matá-la? - espantou-se o padre, mexendo-se na cama e tentando sentar-se, o que lhe provocou dores. - Talvez o senhor a tenha salvo.

- É verdade isso? Aquele homem queria matar a Baronesa?

- Já estava na pista desse homem - revelou o investigador. - Preciso localizá-lo antes que a mate.

- Acha então que foi Deus ... ?

- A polícia não sabe tudo - disse o investigador com um breve sorriso -, mas quem, senão Deus, levaria um bom padre a agir tão insensatamente, destruindo o endereço de uma pobre coitada como a Baronesa?

- Deus age das formas mais imprevistas. Então, posso ter salvo uma vida! E mesmo uma vida inútil como a da Baronesa deve ter seu valor. Admito isso. Começo a respirar melhor. E já estou com vontade de tomar aquele café com leite, embora já passe do meio-dia.

- Quer que mande a copeira trazer?

- Faça-me o favor.

- Tem algo mais a acrescentar? Algum detalhe que tenha escapado?

- Picles, cheiro de picles, que não suporto. Era o que ele cheirava. Mas como pista reconheço que não é das boas. Olhou longamente para as mãos espalmadas. - Deus serviu-se delas. Que honra para mim!

13
O jogo de armar

85 estava em sua quitinete curvado diante de uma mesa pequena parcialmente coberta por pedacinhos de papel amarelo. O primeiro trabalho foi desamassar um a um com seus dedos grossos, inábeis para o tipo de operação. Dispunha os papeizinhos em fileiras. Tão pequenos, saíam do lugar se respirasse mais profundamente. E, devido à tensão, sua respiração estava incontrolável. Essa ordem aparente, porém, dava-lhe alguma esperança de, como num jogo de armar ou quebra-cabeça, compor o endereço da Baronesa.

Alguns pedacinhos traziam vestígios quase microscópicos de manteiga, aproximando a lembrança da copa da sacristia com todo aquele tumulto. Não pudera evitar. já se via apertando o pescoço da Baronesa quando o maldito padre fez aquilo. Explodiu. Até admirava-se de não ter matado alguém. Quanto às conseqüências, nem conseguia pensar. O fato é que já se sabia que alguém desesperadamente procurava a Baronesa. Alguém que não era de brincadeira, mas não sabiam quem ou por quê.

Notou que nem todos os pedacinhos tinham letras ou números. Diversos estavam em branco. Outros continham apenas rabiscos, espécie de caudas de palavras escritas com pressa ou desleixo. Num havia apenas uma vírgula. Noutro, um til. O endereço teria sido escrito pela própria Baronesa ou por alguém da sacristia?

Interrompeu por um instante o trabalho para perguntar-se: teriam chamado a polícia? Deixara impressões digitais em alguma coisa?

Distinguiu um b. Um b maiúsculo: B. Haveria outras letras maiúsculas? Procurou, procurou. Encontrou outra. Um I. Uma rua homenageando talvez alguém com nome e sobrenome. Essa possibilidade animou-o um pouco mais. Continuaria mais direcionado e perspicaz seu jogo de armar.

14
Um retrato a oito mãos

Tim foi conduzido à sacristia pelo sacristão que, afobadamente, e com muitos gestos, ia lhe pondo a par de tudo. Ainda estava muito agitado e esfregava o peito com a mão. Temera sofrer um enfarto, apesar de moço.

O investigador estava à espera dele na cozinha.

- Chegou depressa, garoto.

- Peguei um táxi, Estava ansioso. Então o bandido esteve aqui?

- E quase mata o padre. Mas o endereço ele não levou. Quero que converse com o pessoal daqui. Todos que viram o homem. Preciso saber se é o mesmo que você conheceu ou se há outros metidos na história.

Matilde foi a primeira a fazer uma descrição: alto, carudo, braços compridos, pouco cabelo, testa saliente e um certo jeito de índio de filme americano. A faxineira confirmou esses traços mais a voz, cavernosa, rouca, grosseira. O sacristão disse que ele usava uma blusa velha, descorada, de um branco sujo, e sapatos pontudos, fora de moda.

Toledo achou desnecessário ouvir o padre porque Tim já se dera por satisfeito.

- O cara é esse, sim. Não tem dúvida.

- Você disse que esteve na central de polícia vendo os álbuns?

- Vi centenas de fotos de bandidos procurados - confirmou o rapaz. - Nenhum parecido com ele.

- Pode ser que seja de outro estado. Nossa polícia ainda não computadorizou esse departamento. Falta um cadastro geral, Coisa de país pobre.

- E agora? - perguntou Tim. - Qual vai ser o próximo passo?

- Venham comigo à polícia, Vocês quatro. Vamos fazer um retrato falado.

À saída, Tim perguntou ao pessoal da igreja:

- Nenhum de vocês lembra mais ou menos o endereço? Matilde respondeu por todos:

- A Baronesa veio com ele escrito num papel amarelo. Guardei sem ler, pois não iríamos precisar dele para nada. Padre Hélio achou muito feio da parte dela procurar outras religiões depois de tanta ajuda.

Em seguida, Tim fez outra pergunta, mais inquietante, e que o investigador já fizera na sacristia:

- Acha que vai dar para ele ler, juntando os pedacinhos?

- Achamos que não - disse o sacristão -, mas convém rezar. Rezar nunca faz mal.

- E apontou uma imagem da igreja.

15
Fala, moreno

Agora caía uma chuva fina. Todos os tipos de chuva infernizavam aquele março. Desde a garoa, símbolo romântico da antiga São Paulo, causadora de resfriados, a chuva grossa e rápida, cheirando a terra, até o temporal, a tempestade, que durava horas, provocando enchentes e desabamentos. A Baronesa estava doida para sair à rua. Não era mulher para ficar o dia todo dentro de casa, gostava de andar, mesmo sem rumo. A chuva a prendia, tirava a graça dos dias. E ela precisando ver o Candinho para ganhar algum dinheiro. Como seria se no começo do mês novamente não tivesse o suficiente para o aluguel? O que estava atrapalhando, além da chuva, era a ciática, a terrível dor na perna que sempre voltava nos meses úmidos, Seu medo era que o candidato, vendo-a mancar, não a quisesse como cabo eleitoral.

Guardou a gaita. já executara seu concerto diário. Velhas músicas populares, como "Rancho fundo", "último desejo", "Menino grande", "Velho realejo", que ela conhecera num tempo em que não havia tantas avenidas na cidade e o Martinelli era o único arranha-céu. Há muitos anos não incluía novo número em seu repertório, Gostava da cidade atual, dos seus tumultos e confusões; o barulho não a perturbava, tinha paixão pelas pontes, túneis e vias expressas, mas em matéria de preferência musical mantinha-se fiel ao passado. Afinal fora ao som daquelas canções que tivera seus melhores sonhos, prazeres e amores. Aproximou-se do papagaio, sempre mudo enquanto ela tocava a gaita. Devia gostar muito do repertório ou da solista.

- Fala, Moreno!

- Baronesa, Baronesa, Baronesa - falou Moreno num ritmo apressadinho, um dos seus inúmeros jeitinhos de falar. Baronesa, Baronesa, Baronesa.

- Gosta de chuva, compadre?

- Eu-não, eu-não, eu-não.

- Mas vamos ter de agüentar essa malvada até o fim do mês, Moreno.

- Eu-não, eu-não, eu-não.

- Vou sair pra fazer umas comprinhas - ela avisou. - E tentar arranjar um dinheiro, compadre. Se não, teremos de mudar pra baixo de alguma ponte. Acha que vai gostar?

Moreno gargalhou debochadamente. Gargalhando parecia mais gente, embora da pior espécie. Lembrava um marinheiro bêbado, um desordeiro de rua. Ele e a patroa nunca haviam morado em bairros de elite.

- Bacana ... bacana...

A Baronesa atirou-lhe um beijo.

- Fique bem comportadinho, ouviu? Vou lhe trazer aquela sementinha que você gosta.

- Que-ri-di-nha, que-ri-di-nha - agradeceu, silabando, o papagaio.- Que-ri-dinha.

A Baronesa ia sair quando bateram na porta. Hesitou. Havia uma visita que não apreciava. Mas abriu. justamente a pessoa que menos gostava de ver estava ali, alta, empinada, decidida, com seu permanente vestido azul de bolinhas brancas. Uma mulher magra e forte, toda angulosa.

- A senhora sabe que dia é hoje?

Era a dona ou arrendatária daquela casa de cômodos de aluguel, dona Berta, uma viúva implacável com os inquilinos que atrasassem o pagamento, e que tinha grande experiência de se entender com eles. Sabia que uma boa briga resolvia um caso de inadimplência mais depressa que a justiça. Parecia até desfrutar de prazer em defrontar-se com os devedores.

- É dia 20 - informou a Baronesa, como se dona Berta tivesse batido à sua porta apenas porque esquecera o dia do mês. Uma vizinha que pede uma pitada de sal.

- O aluguel venceu dia 5.

- Já falamos sobre isso, dona Berta. Não esqueci.

- Mas dia 5 vence o segundo - cresceu dona Berta, e tanto como se as bolinhas do seu vestido se derramassem pelo quarto inteiro.

A Baronesa sorriu, querendo desarmar a fera.

- Em 5 de abril pago os dois.

- Se não pagar... - ameaçou a mulherona, sem conseguir terminar a frase porque lembrou que a inquilina não possuía nada no quarto que valesse dinheiro. Fixou os olhos no Moreno. Aquilo valia alguma coisa? Mesmo assim, concluiu: Ficarei com seu papagaio.

A alusão a Moreno irritou a Baronesa, que o amava, mas, usando de seu jogo de cintura e experiência, preferiu não demonstrar nenhuma revolta.

- Não se preocupe, madame - respondeu com um tratamento que nem sempre reservava às mulheres de respeito. Fique bem descansada. Dia 5 liquido tudo. Agora mesmo ia saindo para conseguir dinheiro.

- Vamos ver.

Assim que ela se afastou, pisando duro os degraus de uma escada, a Baronesa voltou-se a Moreno.

- Ouviu? Você corre o perigo de mudar de dona. já pensou, ser chamado de Louro por essa gentinha? Preferia matar você. Ao sair, a primeira coisa que a Baronesa fez foi chegar à farmácia. Os remédios para a ciática apenas aliviavam a dor. Às vezes nem isso. Então decidia beber. A bebida ao menos dava-lhe sono, e o sono, como a própria morte, traz um alívio total. Quase nem lhe sobrara dinheiro para as sementes do Moreno. Coitado. Foi andando, rente à parede, por causa da chuva. Com a ciática e a chuva talvez nada pudesse fazer pela campanha eleitoral do Candinho. Haveria outro meio de arranjar dinheiro urgentemente? Parou diante de uma loja só para pensar. Nos momentos de maior dificuldade sempre lhe surgiam boas idéias. Salvadoras. O gongo que livra do nocaute o pugilista caído na lona. Ficou a olhar a chuva e uma bonita jovem de corpo pequeno daquele bairro de japoneses. A moça escondia-se da chuva sob o toldo da loja. As duas molhadas e com ódio daqueles pingos. Olharam-se e sorriram. Um sorriso tão bom, espontâneo e amigo como de um parente que há tempo não vemos. E esse sorriso, sob a chuva, deu à Baronesa uma idéia.

16
É esse!

O funcionário da delegacia que trabalhava com retratos falados foi apresentado por Toledo como um artista. Chamava-se Rubens. Era pequeno e tinha as costas encurvadas, tantas eram as horas que se debruçava sobre uma prancheta. Disse que o processo que usava, na base do desenho, já fora superado pelo computador.

- Hoje estão arquivados dezenas de formatos de rostos, cabelos, olhos, bocas, narizes, orelhas, e é só encaixar um no outro, segundo a lembrança das testemunhas. Não é mais preciso desenhar, usando a imaginação, como ainda faço. Agora o retrato é computadorizado, já sai nítido, impresso e até em cores. Mas vamos nós, Nesta delegacia tudo ainda se resolve no lápis. Comecemos pelo contorno do rosto. Redondo, ovalado, comprido ou chato?

- Comprido - respondeu rapidamente Tim sem consultar os outros.

- Comprido - concordou o sacristão -, mas bem afunilado no queixo.

Rubens desenhou o que parecia um feijão grande.

- Assim?

- A cabeça mais larga - corrigiu Matilde.

- Não tão larga - lembrou a faxineira depois do reparo.

- Não são linhas muito comuns - comentou Rubens. - Foge ao tipo europeu existente entre nós. Já dá para apostar que não descende de italianos e espanhóis, por exemplo. Vamos aos cabelos.

Nenhum dos quatro apressou-se a informar. Nem cabeludo nem careca. Nenhum tipo de penteado.

- Pouco cabelo e rente à cabeça - disse Tim olhando para os outros à espera de confirmação. Nunca lhe ocorrera que era tão difícil descrever um rosto. Imaginou como seria difícil descrever uma pessoa por dentro, seu interior, suas reações, como fazem os escritores.

- Que cor? - perguntou Rubens.

Tim não lembrava. Matilde abriu a boca e não disse nada.

- Azulado - afirmou a faxineira, depois de espremer a memória. - Cabelo curto e azulado.

- Não existe cabelo dessa cor - reagiu o sacristão.

- Era azul, sim - confirmou Matilde, subitamente de acordo com a faxineira.

Tim não tardou a admitir:

- Tinha, sim, um reflexo azulado ou de uma cor qualquer que desbotara.

- Deviam ser pintados - disse Matilde.

- Mas homem pinta os cabelos de azul? - estranhou o sacristão. - Ainda mais um bruto como aquele, que não deve se preocupar nada com a aparência.

- Hoje bandidos fazem isso - esclareceu Toledo. Pintam os cabelos. Foi o que esse deve ter feito. Mudam de corte e de cor. Principalmente os fugitivos.

- E os que se escondem em estados onde não são conhecidos - acrescentou Rubens. - Vejam se são assim. Vou colocar uma corzinha.

Depois de algumas tentativas, com mais ou menos cabelos, distribuídos de formas diversas naquela cabeça comprida que parecia de um malaio, os quatro chegaram a um acordo.

- Está bem, seu Rubens - aprovou Matilde.

- Perfeito - disse Tim.

- Vamos aos olhos - prosseguiu o profissional.

- Lembro bem das orelhas - disse o sacristão. Compridas e coladas à cabeça. Foi o que logo me chamou a atenção nele. Vai ser fácil desenhá-las.

Apesar de o sacristão ter se fixado tanto nas orelhas do facínora, muito marcantes, nenhum dos outros soube acrescentar mais nada.

- Isso é normal - disse Rubens. - Raramente alguém presta atenção nas orelhas. Mas, vejam como é curioso, se eu desenhar orelhas muito diferentes, pequenas, por exemplo, vocês três vão acusar a diferença.

Foi fácil ajustar as orelhas compridas observadas pelo sacristão ao desenho da cabeça. Cuidou-se depois da boca. Todos lembravam de suas linhas duras e retas como se não precisasse mover os lábios para emitir sons. Mas ao atacar, como no escritório e na sacristia, abrira-a toda, como a boca de um animal selvagem, mistura diabólica de tigre e orangotango.

Acertar os lábios foi uma árdua tarefa. Rubens provou ser mesmo um artista para injetar tanta expressão em poucas linhas. Ali estava o homem, mas cego. Os quatro teriam de colaborar muito na produção daqueles olhos.

- Aí está o mais difícil porque olhos se confundem com olhar. Entendem? Olhos feios podem lançar olhares doces, ternos, sedutores. Belos olhos verdes são os que mais assustam à meia-luz. Os olhos são a parte menos fixa e sólida do nosso rosto. Mas é onde a alma se esconde - disse Rubens. - Agora vamos saber se acertei ou se errei.

Cada um descreveu os olhos do bandido à sua maneira, mas ninguém discordou quanto à luz que irradiavam. Não eram pequenos, porém apertados,

quase como os de um oriental. Cor indefinida e escura, algum sangue no canto dos olhos, como se estivessem irritados, e sobre eles quase nenhuma sobrancelha. Rubens fez muitas tentativas até começar a aproximar-se da imagem que os quatro tinham dele.

Concluído o desenho dos olhos, Rubens iniciou a fase dos ajustes. Aumentar aqui, tirar ali, escurecer essa parte, atenuar outra, sempre entre o mais e o menos. A princípio todas as peças - cabelos, olhos, nariz, orelhas, queixo – lembravam muito o bandido. Mas separadamente. Todas juntas, tratava-se de outra pessoa.

Aí que a grande tarimba de Rubens, os muitos anos de prancheta, mostrou sua capacidade. Aos poucos foi aparecendo a cara ainda não revelada. Mais que a fidelidade do desenho, outra coisa dominou aquele rosto: a expressão, quase a presença do bandido.

É esse! - gritou Matilde.

É esse mesmo! - confirmaram o sacristão e a faxineira.

Passaram o papel a Tim. Fora quem vira o homem por mais tempo, Atracara-se até com ele. Quase fora sua vítima fatal. Deteve-se longamente a examinar o trabalho, não querendo se iludir, e só depois de algum tempo, sem se deixar levar pela emoção, convencido, sacudiu a cabeça afirmativamente. Valera o esforço de todos. O homem estava ali. Só faltava o nome.

17
O mandante

Não conseguia trabalhar aqueles dias. Deixara a autoelétrica com os empregados e só aparecia para dar uma olhada, ele que não era apenas o patrão, mas também o principal operário da oficina. Achava que além daquela doida empreitada a chuva também atuava para desarticular seus nervos. Ficava a fumar, olhando pela janela. Na auto-elétrica teria de atender a fregueses, chefiar empregados, tomar atitudes. E não estava se sentindo capaz. Preferia permanecer em casa, silenciosa há dois anos, desde que a mulher o abandonara levando sua filha. Morava só, recebendo duas vezes por semana a visita de uma empregada. A auto-elétrica, onde passava a maior parte do dia, não era muito distante. Sua vida era da casa para o trabalho. Sem grandes prazeres e ambições, até que soube da grande herança que poderia estar a caminho. Um tio-avô, velho solteirão cheio de posses, com quem pouco relacionamento tivera, estava em coma num hospital. Soubera quase por acaso. Como também soubera que, antes de sair do ar, o ricaço solitário falara a alguém de uma herdeira, dona Zaíra, embora desconhecesse seu destino. Ele também a vira pouco nos últimos trinta anos. Desde a mocidade uma doida varrida! A última vez que o procurara fora para pedir dinheiro. Para se livrar dela, emprestou. Nunca apareceu para pagar a dívida. Era doloroso imaginar uma fortuna respeitável indo parar nas mãos dela. Nem chegaria, provavelmente surrupiada por algum advogado esperto. Mas não alimentara plano algum para se apoderar da herança até a tarde em que um assassino tido como morto, 85, passou por ele no velho centro paulistano. Não podia perder a oportunidade. Por outro lado, não teve tempo de pensar nas conseqüências. Estas começaram a tomar forma uns dois dias depois do encontro. Estava preocupado. Já praticara muitas trapaças e estivera preso. Nunca porém metera-se com assassinos. E agora estava metido logo com um do tipo de 85. Chegava a desejar que ele, tendo embolsado os dois mil reais, desaparecesse. Preferível ser roubado a ser condenado.

Naquela manhã acordou com uma idéia em mente: visitar o tio-avô. A última vez que o visitara fora muito maltratado. O velho, sabendo de algumas de suas trapaças, empurrou-o até a porta, estupidamente. Sabia em que hospital estava. Pegou o carro e dirigiu-se para lá.

Ouviu-se, dizendo: “Tio, me regenerei, tenho uma oficina e vivo honestamente”. Mas deveria ter tentado isso há alguns anos.

Entrou no hospital sem dificuldade. O velho estava num confortável quarto do terceiro andar. Deitado, na penumbra, com os olhos abertos, não percebeu a entrada de ninguém. Ele chegou bem perto e fez um aceno repetido diante de seus olhos. Nem piscou.

- Tio, sou eu, Romão.

O ancião permaneceu imóvel sobre o leito. À espera não de algum parente, mas da morte, com quem tinha um encontro naquele quarto.

O visitante sentou-se por algum tempo. Se fosse o primeiro herdeiro, e não

Zaíra, a parenta mais próxima, talvez arrancasse um daqueles tubos que mantinha o velho vivo. Chegou uma enfermeira. Perguntou logo quém ele era. Admirou-se. Ninguém visitara o enfermo desde sua internação. Fora trazido por um contador seu. Pediu-lhe que fosse à administração e desse seu nome e endereço.

Na administração, apresentou-se, fingindo muita consternação.

- Supúnhamos que tivesse um único parente. Uma mulher. Aliás, o contador dele está tentando localizá-la. O senhor sabe de quem se trata?

- Vagamente... Mas não sei se está viva.

- Isso o contador verificou. Está viva. Onde mora é que é a questão.

Deixou seu nome e endereço e saiu do hospital. Resolveu passar pela oficina. Um de seus empregados entregou-lhe um papel.

- Uma velha engraçada deixou isto.

Romão querido: passarei amanhã, se for possível e se a chuva deixar.

Tremeu. Só os vivos escrevem bilhetes. 85 ainda não a encontrara. Devia ter sumido com seu dinheiro.

18
Ainda o jogo de armar

Como não adiantava sair, devido à chuva, agora pesada, 85 continuava concentrado em seu jogo de armar. No presídio, os jogos de salão, como dominó, dama e xadrez, bem como os quebra-cabeças impressos, eram seus principais entretenimentos. Que no lugar de entreter pareciam multiplicar sua revolta e vontade de fugir. Aqueles pedacinhos de papel amarelo, dispostos sobre a mesa, lembravam-lhe os dias amargos do presídio. Dias, semanas e meses em que nada acontecia. Sempre os jogos e os papos repetidos com os companheiros. Como estava na ala de segurança máxima, o espaço era mínimo. Diziam que dali ninguém fugiria. E ele conseguira. Dois outros sentenciados que haviam tentado a fuga com ele foram metralhados, mortos. Tinha portanto motivo o seu grande medo de ser apanhado e reconhecido como o perigoso 85. Desta vez dificilmente surgiria outra chance de fuga, principalmente se o presídio fosse em São Paulo. Os papeizinhos amarelos causavam-lhe um estranho mal-estar.

Ali estava um r, certamente o r de rua. Procurou um u para ter ao menos duas letras ligadas. Não foi tão fácil porque muitas estavam divididas em dois pedacinhos. Com uma lupa a identificação seria mais rápida. Afinal montou o u, que dava bem a idéia da caligrafia exagerada, mas bem pessoal, de quem escrevera o endereço. Uma pessoa também desordenada, liberta de qualquer esquema de vida. Encontrar o a de rua foi o que lhe deu menos trabalho. Mas essa palavra obrigatoriamente constaria do endereço, a não ser que se tratasse de praça, avenida, largo. Três letras formando uma parcela prevista do endereço.

Daí em diante as coisas se complicariam, também pelo fato de desconhecer os nomes das ruas de São Paulo.

Aquele B, maiúsculo, seria a primeira letra do nome de uma rua ou o B de Baronesa? Era um B gordo, com um ego enorme, de uma pessoa cheia de si, como imaginava a Baronesa, apesar da loucura. O B de uma criatura completamente livre, independente. Como ele próprio era, alguém que não se submetia a regras e condutas sociais. E por isso mesmo sentia-se superior a muita gente bem-sucedida. Observou depois diversos a, uns inteiros, outros seccionados. Acreditou no início que a repetição da vogal, presente na maioria

das palavras, facilitaria o trabalho. Verificou depois que não. Apenas dois a se encaixavam na assinatura. Baronesa. Somente para eliminar o número de cartas daquele baralho saiu à procura das outras letras do nome. Só o s, num único recorte, estava ali, bastante nítido.

Onde estariam o r, n , e as outras duas vogais?

Ao menor desânimo, sentia-se invadido por outros pensamentos. Agira sem o menor equilíbrio na igreja. Fora sempre esse o seu mal. O descontrole diante das dificuldades. Querer saltar os empecilhos, os inesperados, usando a força. Conhecera em sua vida de crimes gente capaz de contornar, sem agressões, mesmo os maiores obstáculos. Ele nunca seria assim. Lamentava, mas nunca.

A polícia talvez já soubesse que alguém procurava pela Baronesa. Precisava apressar-se. Voltou aos papéis picados. Achou as duas vogais que faltavam à assinatura. Estava fazendo progresso. O nome da rua também começava com B, maiúsculo. O que era aquilo? Um til? Aqui cabia outro a. Surgiu o primeiro número: 1. Mesmo descobrindo o nome da rua, eles poderiam causar imensa confusão, a não ser que fossem iguais: 111, 222, 333.

Há dois dias trabalhava com aquelas letras tendo se alimentado só de sanduíches. Subitamente sentiu-se exausto e com os olhos cansados. Dinheiro não era problema. Saiu do edifício. Um bom prato de comida era do que precisava. Andou alguns quarteirões e entrou no primeiro restaurante que encontrou. Enquanto comia, pensava nos papéis amarelos. Um simples til o animara. Estava mais próximo da solução do enigma. O nome da rua tinha duas maiúsculas. Rua fulano de tal. Tentaria localizar um d e um e,

Tendo comido e tomado duas cervejas, voltou para casa, lentamente. Parou diante de uma banca de jornais. Era seu hábito dar uma espiada nos jornais da tarde. Dessa vez não precisou abrir nenhum. Reconheceu logo, na primeira página de um deles, de quem era o retrato falado. Afastou-se a passos rápidos. Ao passar diante de outra banca, comprou o jornal.

TENTATIVA DE ASSALTO NA IGREJA

Foi ler somente quando estava no apartamento.

A notícia relatava uma tentativa de assalto comum. O assaltante agredira o padre. Não chegara a levar dinheiro. E nenhuma palavra sobre a Baronesa. Melhor assim, mas aquele retrato falado o espantava. Saíra muito parecido. Pelo menos nos próximos dias correria grande perigo. Alguém no edifício poderia reconhecê-lo. O que fazer? Procurar o mandante. Havia uma esquina marcada para eventuais encontros. Estaria lá, no dia seguinte.

19
Tim, Di e Toledo

Tim marcara um encontro com Toledo num bar da cidade e levou Di. Ela estava em seu dia de folga.

O investigador não se conteve:

- Puxa, você é um cara de sorte. Ela podia estrelar a novela das oito.

Di riu, desajeitada, mas Tim ficou orgulhoso. Muita gente podia não gostar de seus cabelos vermelhos, mas ela gostava.

- Vamos tomar um refrigerante.

- Viu o jornal? - perguntou Toledo, exibindo um exemplar dobrado.

- O retrato falado ganhou ainda mais na impressão. Perfeito. O cara deve estar assustadíssimo.

- O que achou da notícia?

- Nenhuma palavra sobre a Baronesa! Por quê?

- Não foi para atender pedido da polícia - explicou o investigador. - O repórter que redigiu o texto deve ser um foca ou estagiário. Os jornais andam cheios deles. Nessa área é difícil sair uma notícia correta. Ele viu no caso apenas uma tentativa de assalto.

- Isso muda alguma coisa? - perguntou Di, sempre interessada no caso.

- Vai mudar minha conduta, sim. Seguirei por outro caminho.

- Qual, Toledo?

- No lugar de procurar a Baronesa, vou atrás do cara disse o investigador, batendo com o punho no retrato falado,

- Com essa publicidade será mais fácil encontrá-lo. Depois, confio muito na colaboração espontânea do povo. Hoje em dia as pessoas têm ajudado muito a polícia, com informações anônimas, pelo telefone. Recebemos denúncias diárias de bandidos cuja pista tínhamos perdido há anos.

- É incrível que a polícia não saiba quem é esse homem! - admirou-se Tim.- Um tipo tão diferente, tão marcante.

- Estive na central, pesquisando, pra me certificar de que todos os retratos tinham sido vistos. Não está mesmo fichado em São Paulo. Talvez, com o retrato falado, possamos obter informações da polícia de outros estados.

- E o mandante?

- Se soubéssemos quem é essa Baronesa, seu sobrenome, seria simples botar a mão nele. Mas para todos ela é apenas a Baronesa. Nem o Candinho, que a conhece há tempo e lhe fez pagamentos, é capaz de informar. Ela é um apelido e mais nada. Agora com licença que vou à luta - disse o investigador, levantando-se. - Tchau, Tim, tchau gatinha.

Rindo, Tim e Di ficaram vendo Toledo afastar-se.

- Acha que ele vai conseguir alguma coisa? - perguntou Di. - O que sua intuição diz?

- Neste país a gente nasce desacreditando a polícia. Mas confio no Toledo. É um cara legal e tem ambições. Quer chegar lá. E pessoas assim acabam se dando bem.

- E se ele não der sorte ou desanimar?

- Di, eu não deixei tudo na mão dele. Continuo procurando a Baronesa por minha conta. A chuva está atrapalhando, mas tenho me mexido. Até agora, nada de positivo, mas ponho fé.

- Algum programa pra hoje?

Tim apertou a mão de Di sobre a mesa.

- Podíamos aproveitar sua folga pegando um cinema.

- Mas que não seja filme policial - ela exigiu,

20
Encontro na esquina

A visita da Baronesa fora uma boa notícia. Ia desaparecer o enigma de sua residência. Seu receio agora era o de 85 ter se mandado com os dois mil reais sem cumprir com o prometido. Ganhara dois mil sem correr risco de nada. Apenas para ouvir uma conversa num restaurante. Voltou para casa questionando sua própria coragem. Seria capaz de cometer um crime de morte? Sentou-se à sala de jantar e ligou a televisão. Nunca perdia o noticiário. Esperava, desde seu encontro com 85, ver uma breve reportagem sobre o assassinato misterioso de uma velha solitária. Consternado, apareceria para o reconhecimento do corpo. Sempre quisera encontrar prima Zaíra e a encontrava naquelas circunstâncias. Quem teria motivo para matar uma senhora que não fazia mal a ninguém? Por acaso alguém que não gostava de ouvir sua gaita ou que detestasse papagaios?

No final do noticiário, o choque.

Lá estava 85 num retrato falado. Penetrara na sacristia de uma igreja da luz a pretexto de procurar uma pessoa e quase matara um velho pároco, o querido padre Hélio. Não roubara nada, mas causara grande pânico.

Quem 85 teria ido procurar na igreja? A Baronesa? Nesse caso ele estava em serviço. Não desaparecera com o dinheiro, como imaginara. Mas por que causara tanto tumulto? Por que a agressão? Se prendessem aquele homem certamente ele faria tudo para envolvê-lo. É como agem os fora-da-lei, quando em apuros. Tratam de implicar o maior número possível de pessoas. Preocupado, saiu para comprar jornais. A imprensa talvez trouxesse mais detalhes. Comprou dois jornais e retornou.

Espatifou-os sobre sua cama. Um deles nada trazia. O outro, embora publicasse o retrato falado com muito destaque, não informava muita coisa. Aquela seria mais uma noite em claro ou mal dormida. No dia seguinte estaria, às dezoito horas, na esquina combinada. 85 lembraria desse detalhe do acordo? Ou já teria fugido de São Paulo, assustado com a publicação do retrato falado?

Foi bem cedo para a auto-elétrica à espera da Baronesa. Ela prometera voltar no dia seguinte. Vendo os pingos caírem na calçada, ele temia que a chuva, muito forte, a impedisse. Na parte da manhã ela não apareceu. À tarde a chuva cessou, mas já se sabia das enchentes que causara. Dependendo de onde

morasse, a Baronesa não poderia sair de casa. já tinha tomado não sabia quantos cafés. E estava com dor de estômago, para ele sempre conseqüência do estado nervoso. Sempre à porta da oficina, olhava de um lado a outro da rua como quem acompanhasse uma disputada partida de pingue-pongue. E fumava. Perto das cinco da tarde, já acreditando que a Baronesa não apareceria, ouviu um dos empregados chamá-lo.

- Telefone pro senhor.

Certo de que fosse algum freguês cuja entrega do carro atrasara, disse: Atenda você mesmo. É uma mulher. Mulher?

Foi atender.

- É o Romão?

- Quem é?

- Zaíra.

- Quem?

- A Baronesa.

Respirou fundo.

- Como sabe meu telefone?

- Não está escrito na placa de sua oficina?

- Ah, é mesmo.

- Estou telefonando de um orelhão. Fiquei de passar aí mas não pude, por causa da chuva. Está chovendo aí?

- Está.

- Quando será que passa esse dilúvio?

- Sei lá. Onde está morando, Zaíra?

- O quê? Caiu um raio. Não estou ouvindo nada. Você está bem de saúde?

- Estou. E você?

- Nada bem. A ciática. Pegou a perna toda. Nem tenho podido trabalhar. Por isso preciso bater um papo com você.

- Sobre?

- Estou sem vintém, primo.

- Conte comigo. Dê seu endereço e lhe mando alguma coisa. Uma pausa, preenchida por muita desconfiança.

- Você não quer me ver? Não está com saudade da prima?

- Perguntou a Baronesa fazendo uma curva na conversação.

- Estou, claro. Dê seu endereço.

- Você estará na oficina amanhã?

- Estarei.

- Passo aí à quatro, a não ser que o céu desabe. Até amanhã. Ele ficou com o telefone na mão, como se não soubesse o que fazer. Falara com a Baronesa e

não conseguira seu endereço. Sua angústia se prolongaria por mais um dia, Olhou o relógio. Aproximava-se a hora de esperar 85 na esquina.

Vestindo uma capa de chuva com capuz, dirigiu-se à esquina para um provável encontro. 85 somente o procuraria se tivesse problemas. Acreditava que agora ele tivesse. A televisão tornara a mostrar o retrato falado num noticiário da hora do almoço e um jornal matutino o republicara. Chegou ao ponto marcado minutos antes. Estava muito nervoso.

Romão vestiu a capa de chuva e dirigiu-se à esquina para um encontro com 85.

O telefonema da Baronesa fora o bastante para abalá-lo. Estaria mais seguro se já de posse do endereço. Teve a impressão de que Zaíra evitara transmiti-lo. Por quê? Por vergonha de morar num cortiço? Pobre e orgulhosa, provavelmente. Mas, amanhã, arrancaria o endereço nem se fosse à força.

Poucas coisas são mais aborrecidas que a espera. Quando algo importante está em jogo, torna-se terrível. É desgastante e a irritação só passa com a chegada de quem se espera. Já pensava em voltar à oficina, com ódio da chuva, apesar da capa, quando alguém tocou-lhe o braço. 85.

- Vamos sair daqui. Há um boteco na virada.

Entraram num bar com formato de corredor. Alojaram-se no fundo, mais vazio. 85 pediu um conhaque duplo, o mandante uma bagaceira, Bebidas para prevenir resfriado, pois ambos estavam muito molhados.

- Sabe por que vim hoje?

- Vi nos jornais. E na televisão também. Você está popular. Parabéns.

- Não esperava tanto alarde.

- Isto aqui é São Paulo, homem. Não é de onde você vem. Por que fez todo aquele escarcéu? Precisava agredir o padre?

- Ele tinha o endereço da Baronesa num papel. Como está de briga com ela, picou-o. Não custava nada me passar o endereço, mas não quis. Perdi o controle e quase acabo com ele. Os pedacinhos levei para casa.

- Deu pra ler o endereço?

- Ainda não. Apenas a palavra rua, a assinatura dela e algumas letras soltas. O padre fez o maior picadinho.

- Talvez eu possa consegui-lo amanhã.

- Como?

- Alguém me prometeu. Portanto, vamos marcar outro encontro para amanhã.

- E eu?

- O que tem você?

- Como é que vou me arrumar com meu retrato rodando por aí?

- Não é preciso sair do quarto até o momento do encontro,

- Mesmo assim posso ser visto.

- Quem lhe disse que sua profissão é segura? Enquanto não terminar sua missão estará correndo risco nesta cidade.

85 liquidou a dose de conhaque com o que supunha ser uma ameaça:

- Se amanhã você não me der o endereço, caio fora. Não atingiu o alvo.

- Você não seria tão burro assim. Com um pouco mais de trabalho ganharia seis vezes mais. Aí, sim, teria dinheiro para enfrentar o mundo. Até agora arriscou-se por pouco.

- O que eu queria era estar em lugar seguro. Ficar em sua casa, por exemplo.

- Na minha casa?

- Somos sócios, não?

- Tire isso da cabeça, homem. Nós não nos conhecemos. Nunca nos vimos. Sei onde você mora? Nem quero saber. É assim que se fazem os grandes negócios. Vou pagar seu conhaque. Amanhã, às seis. Fique no quarto até lá. Está chovendo.

Saiu do bar às pressas. A companhia de um criminoso profissional desagradava-o. Sua esperança era de que tudo estivesse no fim. Voltou para casa e ligou a televisão. Nenhuma notícia mais sobre o frustrado assalto à igreja.

21
Toledo na pista de 85

Toledo recortou dos jornais diversos retratos falados do assaltante misterioso e saiu a campo. Era de opinião que bandido se encontra indo atrás, fazendo perguntas, gastando sola de sapato, recebendo como resposta muitos não ou simples meneio desinteressado de cabeça. Normalmente pouca gente colabora, ninguém viu ninguém, evitam se comprometer. E há também os que gostam mais dos bandidos que da polícia. Essa é a verdade. Mas é o caminho. Andar. Perguntar. Resistir à indiferença. Sem parar. Quilômetros, muitos quilômetros. Sem dar bola a calos e unhas encravadas. Ir em frente.

- A senhora viu essa pessoa?

- Nossa! Que cara feio! Só olho pra bonitões, mocinho. Outro também fez gozação.

- Quem é esse? O premiado com o Oscar de coadjuvante? Uma mulher idosa se benzeu.

- Deus me livre! Tire esse assassino da minha frente.

Um gorducho, que carregava um pequeno móvel, viu o retrato falado e afastou-se gargalhando. Achou graça em quê?

Os melhores informantes geralmente são os que trabalham em lugares fixos: garçons, jornaleiros de banca, engraxates, barbeiros, mecânicos. Profissionais que conhecem as pessoas do bairro ou os recém-chegados ou ainda os que passam por lá com freqüência. Dirigiu-se aos bairros onde os migrantes costumam morar. Aquele com certeza era um deles.

O garçom de um boteco de esquina reteve o retrato falado nas mãos.

- Esse tipo não me é estranho. Ele é alto?

- Sim, muito alto.

- Já vi ele, sim.

- Quando?

- Outro dia. Passou por aqui.

- Tem certeza?

- Quase.

- Viu uma vez só?

- Acho que foram duas. Levava um pão embrulhado. Certamente não compraria o pão longe de casa. Devia morar perto. Deu ao garçom o telefone da

polícia, caso voltasse a ver o homem, e perguntou-lhe onde havia uma padaria. No outro quarteirão.

Toledo apressou-se. Estaria na pista? A padaria tinha muitos empregados. Foi mostrando o retrato a eles. Recebeu três não. Dirigiu-se ao funcionário da caixa.

- Conhece esse homem? Ele usava óculos, ajeitou-os.

- Já vi, sim. Comprou pão aqui diversas vezes. Manda embrulhar e leva pra casa.

- Vem sempre no mesmo horário?

- No fim da tarde, quando o pão sai do forno.

- Acredita que more nas vizinhanças?

- Se ele sabe quando tem pão quente...

A informação era quente, riu-se Toledo. O homem morava por lá. Agora dependia de um pouco de sorte. Tudo na vida depende muito da bandida da sorte. O bairro era aquele. Continuaria fazendo perguntas. Não deixaria de visitar nenhum bar da região. Nenhuma casa de lanche. Nenhum camelô.

Toledo começou a circular pela região do elevado. Andava lentamente como se nada tivesse a fazer, mas atento a todos que passavam na rua. Às vezes parava nas esquinas. Além de sorte precisaria de muita paciência. Reconheceu um ex-presidiário que vinha distraído pela calçada e o deteve. O homem, que fugira havia dois anos de um presídio, ficou paralisado. Foi fácil colocar-lhe as algemas. Estava indo ao encontro de uma namorada. No caminho da delegacia, chorou. Essa era apenas uma entre muitas histórias. Já vivera dezenas.

- Conhece esse homem?

Era o oitavo bar em que Toledo entrava.

- Não olho pra cara dos fregueses - disse o garçom. - Só olho para os ponteiros do relógio. Odeio trabalhar nesta espelunca.

Um sujeito inchado e vermelho, típico alcoólatra ambulante, encostou-se no balcão. Chamava a atenção com seu sobretudo roto que devia ter pertencido a alguém muito maior que ele.

Toledo mostrou-lhe o retrato falado.

- Só falo se me pagar uma cachaça.

- Conhece?

- Só se me pagar..

Toledo fez sinal ao garçom e adiantadamente pagou a dose. O bêbado esperou a cachaça ser servida. Tomou um gole lento, olhando para o recorte.

- Sim.

- Quem é?

- Bebeu do meu lado, umas vezes, aqui mesmo, neste bar. Ele, conhaque.

- Conversaram?
- Não é do tipo que fala muito.
- Não disse nada?
- Que estava procurando emprego. Veio lá de cima, Norte ou Nordeste.
- O que mais?
- Nada.
- Disse seu nome?
- Não.

Toledo precisava saber mais alguma coisa.

- Sabe onde mora?

O bêbado tomou outro gole para lhe ativar a memória.

- Lembro ter dito: "desci um pouco pra beber alguma coisa". Pode ser que more num desses prédios.

O fato de ter descido esclarecia que não morava numa casa ou debaixo de uma das pontes.

- Obrigado.
- Ele matou alguém?
- Não pense mal dos outros, maninho. Está sendo procurado para tomar conta do Lar dos Velhinhos. É um amor de criatura.

Toledo percorreu o quarteirão para observá-lo bem. Viu alguns edifícios em estado de miserabilidade, sombrios. Uma das partes podres da cidade. O homem que procurava morava num deles. Plantou-se diante de um deles. O que faria? Ficar simplesmente à espera ou entrar e bater de porta em porta?

Pensou alguns minutos e depois decidiu.

22
Encontro casual, cheio de conseqüências

A Baronesa sentiu certo alívio quando o primo, pelo telefone, prometeu auxiliá-la. No entanto sentiu também que havia algum enigma naquela inesperada generosidade. Ele, que sempre a tratara com desprezo, parecia estar até com pressa de prestar-lhe ajuda. Difícil imaginar Romão, homem de passado sujo, com problemas com a justiça, estar desejoso de amparar alguém, sem interesse. E por que a insistência em conseguir seu endereço? Estaria querendo obter pela força a migalha que um dia lhe emprestara? Mandar à sua casa um cobrador valentão, desses que até batem no devedor? Seu próprio tom de voz soara estranhamente, entre assustado e ardiloso. Como o de uma pessoa que pensa muito para falar, pesa as palavras, temendo cometer erros. Voltaria, sim, à auto-elétrica, mas com um pé atrás, ressabiada. E pelo sim, pelo não, lhe negaria o endereço. Ou lhe daria um falso, como outras vezes fizera para livrar-se de certas pessoas. Quem, como ela, vive aos trancos e barrancos, sem destino, precisa estar sempre precavida, manter o olho bem vivo.

Naquele mesmo dia, de volta à sua casa, ao esconder-se da chuva sob o toldo de uma loja, ouviu:

- Baronesa!

Era uma antiga conhecida da Luz, carregando pacotes e um jornal dobrado. Já fizera algum servicinho para a família dela.

- Walquíria!

As duas senhoras abraçaram-se, emocionadas.

- Você está bem? E o moreno, como vai?

- Já fez amigos na casa nova. Sabe como ele é sociável. Agora me fale da turma.

- Sem novidade. Ah, o padre. Você é amiga do padre Hélio, não?

- Ele brigou comigo porque trabalhei uns dias com os crentes. Ora, para ganhar algum dinheirinho faço qualquer negócio!

- Foi vítima de uma agressão.

- O padre?

- Até saiu nos jornais. Quase matam ele. ó... está aqui. É esse o jornal. Me ajude a desdobrar.

A Baronesa ajudou,

- É aqui?

- É. Pode ficar com o jornal. já li. Mas você está com uma cara boa, Baronesa!

- Com essa vida dura que levo e a ciática?

- É que você sabe levar a vida. Bem, tenho que pegar a fila do meu ônibus.

Apareça. Tchau, Baronesa.

Ao chegar em seu quarto, a primeira coisa que a Baronesa fez foi ler a notícia da agressão. Ela nem esclarecia o principal, se o padre ficara muito ferido. Fixou os olhos no retrato falado. Que homem! Nunca vira uma cara tão impressionante! Mesmo em preto e branco parecia despender uma fosforescência diabólica. Embora o padre fora injusto com ela, teve-lhe pena.

À noitinha saiu de novo, para telefonar.

- Quem fala?

Ligara para a igreja.

- Matilde.

- Matilde, é a Baronesa.

- Baronesa...

- Como está o padre Hélio, eu li no jornal.

- Aquilo que você leu. Quase morreu.

- Como foi que o bandido entrou na sacristia?

- Entrou querendo saber seu endereço.

- Que endereço?

- O seu.

- O meu?

Sim. O da Baronesa, ele disse... É brincadeira?

E nós tínhamos seu endereço na gaveta. Você mesma trouxe. Lembra? Num papel amarelo.

- E ele pegou?

- Como padre Hélio está muito zangado com você, e não gosta nem de ouvir seu nome, picou o papel em mil pedacinhos. Aí o homem ficou furioso e começou a agredir o padre. Causou um tumulto aqui dentro, me jogou no chão e depois fugiu.

- Mas por que ele queria meu endereço?

- Não disse.

- Ele me conhece?

- Sei lá, Baronesa! Mas fique tranqüila.

- Ficar tranqüila, sabendo que esse tipo está me procurando?

- A polícia está atrás dele.

- Isso não me acalma muito.

- Agora me dê seu endereço. A Baronesa fez uma pausa.

- Eu não sei por que esse cara está atrás de mim, Matilde. Não, não vou deixar com ninguém, Eu moro na Lua.

- Baronesa, Baronesa...

- Já falei, moro na Lua - disse a Baronesa, desligando.

23
Diante da fera

Toledo observou que um daqueles edifícios, dividido em pequenos apartamentos, provavelmente quitinetes, não tinha porteiros. Ideal, portanto, como abrigo de bandidos. Decidiu entrar e bater nas portas, mas sem mostrar o retrato falado, para evitar reações que depois não pudesse controlar. Havia apenas uma fraca luz à entrada. Um único elevador, estreito como um armário de cozinha, servia ao prédio, mas Toledo subiu pela escada, degrau a degrau, a passos leves.

Para cima do térreo tudo era escuridão. Dois cheiros, de comida e de desinfetante, pareciam se alternar. No primeiro andar encostou o ouvido à porta. Ouviu choro de criança pequena e a fala um tanto angustiada da mãe. No apartamento ao lado muitas pessoas riam, dando a idéia de uma descontraída reunião familiar. No segundo andar uma porta estava aberta e o apartamento iluminado. Uma mulher gorda e nanica empurrava alguns móveis, procurando lhes dar uma ordem mais prática. No mesmo andar, colado numa porta, viu um papel no qual um ex-inquilino informava em caprichosas letras de fôrma seu novo endereço.

No terceiro andar Toledo viu um homem fechando o apartamento. Levava um violino na caixa. Cumprimentou o investigador, como se este fosse um morador do prédio, e, atento para não bater o instrumento no pequeno espaço de circulação, apertou o botão do elevador.

Toledo, parando à porta do apartamento ao lado, tocou a campainha. Uma corrente abriu-se um palmo, e um rosto muito maquiado de mulher idosa, sob o fundo azul de uma lâmpada, perguntou com melodiosa ansiedade: É o senhor Miranda? Pode entrar.

Vejo que me enganei, minha senhora - respondeu ele, indo rapidamente para o quarto andar.

Num apartamento do andar acima um casal engalfinhava-se numa discussão crescente, provavelmente marido e mulher que não se suportavam mais. Ele acusava-a de ter gastado o dinheiro reservado para a compra de uma camisa, quando lhe restavam apenas duas, enquanto a mulher misturando palavras e soluços culpava-o de infidelidade. No apartamento vizinho nem porta havia. Acendendo a luz do corredor, Toledo viu no meio dele um monte

de areia. Estava em reforma. No quinto andar alguém assistia à televisão no mais alto volume. Era surdo ou o ruído exterior era demasiado àquela hora. Como algumas pessoas estavam descendo, e o investigador não quis cruzar com elas na escada, tocou a campainha do apartamento que estava em silêncio. Depois de algum tempo, abriram a porta.

Era ele!

O homem do retrato falado!

Os traços desenhados no papel subitamente adquiriam vida, como se animados pelos truques do cinema e da tevê. Os tais efeitos especiais que transformam desenho em gente ou um copo com um digestivo efervescente numa cachoeira. Depois do instante da surpresa, em que um sino de metal soou até nos seus tímpanos, Toledo pôde observar o bandido. Notou logo que parecia bem pouco à vontade. Alguém contrariado por ter interrompido uma atividade.

Tinha que inventar, dizer qualquer coisa.

- Este apartamento está para alugar, não? - perguntou Toledo, achando que, fosse qual fosse o assunto, a forma interrogativa dava-lhe mais tempo para pensar. Aprendera com um velho policial. Quando não souber o que dizer, faça perguntas.

- Que eu saiba, não - respondeu o ex-retrato falado, tentando ser natural.

- O senhor mora aqui contratualmente? Pergunto porque estou procurando apartamento e me disseram que neste andar vai desocupar um.

- Este foi emprestado por um amigo. Pode ser que ele esteja querendo alugar. Mas é um lixo.

- Poderia dar uma olhada?

85 não esperava pela pergunta, mas, dando passagem, permitiu que Toledo entrasse.

- Faz sempre esse barulho? - indagou o investigador, ouvindo os rumores do elevador.

- Hoje até que não está fazendo muito.

- Insuportável, não?

- A gente acostuma. É só este cômodo?

Tem outro, ainda menor.

Toledo olhou para os móveis, uma mesa, sobre a qual se erguia a fumaça de um cigarro num cinzeiro, e uma cadeira. O que viu eliminava qualquer dúvida. Era o fim da linha. A mesa estava coberta de papeizinhos amarelos picados. O endereço da Baronesa. Toda sua experiência policial foi pouca para disfarçar.

Toledo não conseguiu disfarçar o choque ao ver o endereço da Baronesa, ou apenas abrandar aquele choque, Tremeu dos pés à cabeça, não conseguindo tirar os olhos da mesa. Um dos pedacinhos estava no chão. O vento da janela o soprara.

85 baixou para apanhar o papel, mas não foi o que fez. Puxou as duas pernas de Toledo, que caiu sentado.

O investigador tentou sacar sua arma, mas a posição era desfavorável. Levou um golpe na cabeça e logo em seguida via seu revólver na mão do bandido. Tentou levantar-se mas levou outro golpe na cabeça.

- Você é da polícia? - perguntou o bandido em voz baixa, quando já não havia possibilidade de reação.

- Sou - confessou o investigador.

- Sabe meu nome?

- Não.

- Por que está me procurando?

- Por causa da tentativa de assalto na igreja.

- Nada mais?

- Nada. Coisa corriqueira.

- Alguém lhe deu meu endereço?

- Não, vim mostrando o retrato e perguntando.

- Verdade?

- Foi assim.

- Levante.

- Podemos fazer um acordo - propôs Toledo, ainda zonzo, levantando-se.

- Não é preciso.

- O que quer dizer?

- Está tudo bem. Pode ir. Antes que a polícia chegue, estarei longe.

- Posso ir? - admirou-se o investigador.

- Pode.

Toledo virou-se e girou a maçaneta da porta. Mas não saiu.

24
Um corpo na praça

Um corpo de homem amanheceu deitado por inteiro num banco da praça Deodoro, Dezenas de pessoas passaram por ele e imaginaram tratar-se de um bêbado que dormia, fato comum naquele local. Era perto do meio-dia quando entre algumas crianças brincando nas proximidades do banco, uma percebeu que havia mancha de sangue nas costas do suposto ébrio. Um guarda metropolitano, avisado, pôs-se a soprar um apito. Logo, ele e mais dois constatavam que o homem estava morto e que não possuía nenhuma identificação nos bolsos vazios.

No Instituto Médico Legal constataram que o homem da praça fora assassinado com uma facada nas costas. Somente no final da tarde, porém, descobriram de quem se tratava: o investigador José Toledo, de trinta e dois anos, um dos mais espertos caçadores de bandidos da 20ª Delegacia de Polícia. Restava saber se morrera no cumprimento de alguma missão profissional ou se sofrera assalto. A delegacia informou que seus últimos casos envolviam diversos delinqüentes perigosos.

Tim soube do ocorrido pelo jornal. Quase por acaso viu o retrato de Toledo e sentiu o coração disparar, Leu a notícia diversas vezes. Sua tia entrou no quarto para trazer-lhe um café e encontrou-o pálido e trêmulo.

- O que foi? Está doente?

- Vou sair, tia.

- O que aconteceu?

- Mataram um amigo meu.

Ela lançou um olhar no jornal aberto sobre a cama.

- Conhecia esse investigador?

- Conheci quando o doutor Barroso e eu sofremos aquela agressão - mentiu o rapaz, para evitar longas explicações. E virou a xícara de café. Ele teria sido assassinado pelo homem da Gruta?

- Onde vai?

- Vou à delegacia saber quando é o enterro - disse.

- Por favor, Tim, não se meta nesses casos.

- Quem disse que me meto? Estou é procurando emprego.

Na delegacia o assunto era o assassinato de Toledo. Tim sentiu que ele era muito estimado pelos companheiros e mesmo pelos funcionários burocráticos. Comentava-se o seu constante bom humor e sua disposição para o trabalho. O rapaz conseguiu conversar a respeito do crime com o delegado.

- As investigações ainda não começaram, mas em princípio tudo leva a crer que foi latrocínio. O que Toledo faria de madrugada naquela praça?

- Ninguém teria visto o crime? - perguntou Tim. Estranho isso, não? E mataram para roubar quanto? Toledo não devia andar com muito dinheiro no bolso.

- Hoje se mata por quase nada.

- Outra coisa esquisita foi terem levado seus documentos, além do revólver...

- Bom, é muito útil pra qualquer bandido ter os documentos de um policial.

... - parece que houve uma intenção, sei lá, o desejo de retardar as investigações...

- Pode ser - admitiu o delegado.

- Pensei naquele homem, o tal que assaltou o escritório do doutor Barroso e que quase matou o padre Hélio para obter o endereço da Baronesa.

- Por falar nela, nem sei se localizaram essa mulher - disse o delegado, mudando de assunto. - Você por acaso sabe dela?

- Não, evaporou.

Entrou um investigador afobado na sala.

- Telefonaram dando uma informação sobre a morte do Toledo. Alguém dizendo que viu dois homens, um branco e um negro, assaltando um homem nas proximidades da praça. Depois deixaram a vítima num banco. Não lembrou bem da hora.

- Aposto que foi um anônimo.

- Nome só dão quando é para receber dinheiro - disse o investigador.

- Já aconteceu do próprio criminoso telefonar?

- Isso nunca se fica sabendo, rapaz.

O enterro de Toledo foi no dia seguinte. Di conseguiu uma troca de horário com uma companheira e acompanhou Tim. Estava muito abatida, como se Toledo fosse um velho amigo. Ambos não esperavam tanta gente no cemitério. Colegas dele derramavam lágrimas. Era dessas pessoas que todos gostam. Lembravam piadas e casos sensacionais que solucionara como investigador. O triste de sua vida, ignorado por muitos, era sua própria origem. Fora criado em instituições para menores abandonados, onde muitos se

tornavam bandidos. Mas na brincadeira de polícia e ladrão ficara com a primeira alternativa.

Tim ficou sabendo que as investigações já haviam começado. Nenhuma ocorrência criminosa tinha sido registrada naquela madrugada na praça. Garçons de um bar, donde se via o banco em que Toledo fora encontrado, e que fechava na madrugada, nada viram. Um guarda garantiu que até as duas horas nenhum corpo fora deixado naquele banco da Deodoro.

- Pode ser até que ele não foi assassinado lá - ponderou um dos investigadores. - Levaram-no, já morto, de carro.

- Nesse caso não foi simples latrocínio - opinou Tim. Um criminoso comum deixaria o corpo num mato qualquer. Mais seguro que numa praça pública.

- Também pensamos nisso, rapaz - concordou o investigador.

- Para mim ele foi assassinado por um dos bandidos que estava seguindo - opinou Tim novamente, querendo pôr lenha no caso. - E esse deixou o corpo no banco para parecer latrocínio, daí a limpeza que fez nos bolsos de Toledo.

- Nossas investigações já estão caminhando nesse sentido - disse um dos investigadores. Mas não se falou mais nada porque ia começar a cerimônia fúnebre.

25
A visita inesperada

Romão acordou com a campainha da casa enlouquecida. Quem tocaria daquela maneira? Pensou em incêndio na oficina, coisa assim. Olhou o relógio: seis e meia da manhã. Foi abrir a porta.

Era 85!

- O que veio fazer aqui?

- Me deixe entrar - disse o bandido forçando a entrada, impaciente,

- Nosso encontro era naquela esquina, hoje às seis da tarde.

- Não pude esperar.

- Ninguém pode ver você entrar aqui. Quer estragar tudo?

- Não pretendia vir, mas não teve outro jeito.

- Conte logo - ordenou o dono da casa, esperando pelo pior.

- Matei um homem.

- Quem?

- Um investigador. Estava me procurando por causa da confusão na igreja.

- Onde foi isso?

- No meu apartamento. Apareceu fingindo-se interessado em alugar. Mas quando viu os pedacinhos do endereço da Baronesa em cima da mesa empalideceu. Matei o cara.

E deixou o corpo no apartamento?

Eram nove horas quando chegou. Às três embrulhei ele numa esteira e desci pelo elevador. Aquela rua é muito escura e deserta na madrugada. Deixei o cara no banco de uma praça. Depois, na Marginal, larguei a esteira e rasguei os documentos dele. As algemas joguei no rio. Só fiquei com o dinheiro, uma ninharia, e um revólver. Talvez também me livre dele.

- Ninguém viu você?

- Não sei.

- Voltou depois para o apartamento?

- Não. Lá ficaram apenas algumas roupas,

- O apartamento está alugado em seu nome?

- Eu não mataria o tira se estivesse. Nem sei quem é o dono. Moro lá há um mês. Um conhecido me emprestou por algum tempo por um bom dinheiro. Ele está viajando. Nem sei se volta.

Romão desabou numa cadeira. já se arrependia de tudo.

- Vai voltar ao apartamento?

- A polícia logo acaba batendo lá,

- O que pretende fazer?

- Você vai me dizer isso.

- Eu não podia imaginar que você ia agredir um padre e matar um tira.

- Coisas que acontecem, patrão. Romão tinha de pensar depressa.

- Hoje pode ficar aqui. A empregada não vem. E espero saber ainda hoje o endereço da Baronesa.

85 mostrou um revólver e um coldre.

- Era do cara. Melhor ficar com você. Não gosto de armas barulhentas. E tirou também da cintura uma faca comprida, meio torta.

O mandante olhou repugnado para aquela lâmina que matara um ser humano.

- Se quiser comer tenho um prato frio.

- Prefiro um lugar qualquer para encostar o corpo. Estou cansado.

Romão em seguida dirigiu-se para a auto-elétrica, que felizmente 85 não conhecia, onde esperaria pela Baronesa. Tomou muitos cafés e teve cólicas como sempre acontecia quando ficava nervoso. À hora do almoço deu um pulo até sua casa. 85 dormia pesadamente sobre um velho sofá. Uma figura odienta. Se a polícia chegasse poderia algemá-lo que nem perceberia. O revólver do investigador assassinado estava sobre a mesa. Ajeitou-o à cintura, desajeitadamente, e voltou com a arma para a oficina.

E se a Baronesa não aparecesse? Acercou-se de um rádio para ouvir as notícias da cidade. Nada ainda sobre o assassinato do policial, O revólver pesava uma tonelada. Tinha a impressão de que mesmo a distância todos percebiam que estava armado. Suas armas de estelionatário eram menos comprometedoras. Máquina de escrever, tintas removedoras e o pulso firme de quem falsifica assinaturas. Mesmo essas, que não matam, já o tinham levado à cadeia.

Sempre que o telefone soava, corria. Imaginava que era a Baronesa adiando o encontro. Com 85 em sua casa seria terrível. À tarde não resistiu e foi a um bar próximo. Tomou duas doses consecutivas de conhaque. Mas nem por isso acalmou-se.

Na oficina ficava ora à porta, ora grudado no telefone. Se os empregados lhe fizessem perguntas sobre consertos na parte elétrica dos carros, embaraçava-se, incapaz de concentrar-se. Eram mais ou menos quatro horas quando ouvia pelo rádio a notícia de que um homem fora encontrado morto, à facada, num banco de praça, provavelmente vítima de latrocínio.

Já desistira da espera. Estava quase na hora de fechar a oficina quando Romão viu, à entrada, uma mulher idosa aproximando-se.

- Ainda lembra de mim, primo?

Era ela, toda embrulhada num vestido ramado, um tanto carnavalesco. Só doida, em sua idade, se vestia assim.

- Claro, prima. Você não mudou muito. E ainda está bonitona. Tem duas cadeiras lá no fundo pra gente ficar mais à vontade.

- Não quero sentar. Hoje estou melhor da ciática e posso usar um pouco essas pernas. Como vão os negócios?

- Você sabe, carros sempre dão problemas. E a parte elétrica é comigo mesmo. Fiz um curso e aprendi como se mexe nisso.

- Um curso onde? - brincou a Baronesa. - Na cadeia? Ele não gostou da pilhéria, embora ela tivesse acertado em cheio.

- E você, está numa pior? Quer me dizer de quanto está precisando?

- Lembro que ainda lhe devo. Dívida do tempo do cruzado.

- Não saberia dizer em quanto monta a dívida em reais. Faz de conta que já pagou.

- Obrigada, mas na ocasião não gostou muito do calote.

- Eu não estava bem de vida, agora estou.

A Baronesa olhou desconfiada para o interior da oficina. Não era estabelecimento de quem nadasse em dinheiro.

- Meu problema é arrumar dinheiro para pagar uns dois meses de aluguel - disse ela.

- Não deve ser nenhuma fortuna. Mil resolvem?

- Se resolvem!

- Então me deixe seu endereço.

- Por quê?

- Para lhe remeter o dinheiro amanhã,

- Por que não hoje, primo?

- Não tenho tanto assim comigo.

- Assine um cheque. Você como comerciante deve ter conta em banco.

- Por que não pode esperar um dia? - ele perguntou, irritado.

- E por que ir até onde moro amanhã? Você não tem office-boy, pelo que vejo. E não acredito que tenha tempo sobrando para atravessar a cidade com todo esse trânsito e essas enchentes. Romão ficou embaraçado.

- Duvida que eu queira lhe ajudar?

- Se duvido, prove que estou errada preenchendo um chequinho.

- Bem...

- Mas se mudou de idéia, pague-me um refrigerante no bar e me darei por satisfeita - disse a Baronesa. - Quem é que gosta de ajudar uma velha caduca como eu?

Romão foi para o fundo da oficina, chutou uma lata no caminho, abriu uma gaveta e voltou logo. Não trouxe cheque, mas toda a quantia em dinheiro vivo. Conhecia bem o perigo das assinaturas, mesmo quando autênticas. Deu um maço de cédulas à Baronesa.

- Aí tem os mil.

- Assim? - ela admirou-se, fazendo uma careta. - Não vai lhe fazer falta? Como disse, aceitaria cheque.

- Lembrei-me que um freguês fez um pagamento.

- Gosta deste camafeu? - perguntou inesperadamente a Baronesa, exibindo com sua mão enrugada a jóia que sempre trazia ao pescoço. - Vem dos nossos parentes, quando tinham dinheiro. Minha mãe dizia que vale alguma coisa. Fique com ele. Presente.

Nem assinatura... nem objetos.

- Obrigado, Zaíra, mas ele fica melhor em seu pescoço.

- É que não sei como lhe agradecer.

- O que fiz foi pouco. Deixe-me seu endereço. Um dia lhe farei uma visita, e é sempre bom saber onde os parentes moram. Eu também posso precisar de você.

A Baronesa não esquecera o que Matilde lhe dissera ao telefone. E a generosidade do primo não a comprara totalmente. Mil reais dados assim, e por alguém que nunca devia ter dado um centavo a um mendigo! Continuava estranhando muito tudo aquilo.

- Mas esse dinheiro é justamente para alugar um cômodo decente. Estou sendo enxotada de onde moro.

- E onde é isso?

- Na Liberdade.

- Que rua?

- Rua? Não sei.

- Como, não sabe onde mora? - enfureceu-se Romão, quase num brado.

- Moro lá há pouco tempo. E já sabe em quantos pardieiros morei? Uns duzentos. Os nomes das ruas estão todos misturados em minha cabeça. Só sei que é na Liberdade.

- Não é possível! - exclamou Romão.

- Sou uma desmemoriada, primo. Já dormi na rua por ter esquecido meu endereço. Mas prometo uma coisa, assim que mudar, o que vai acontecer ainda

esta semana, trarei escrito o nome da rua e o número. Você é o último parente que me resta e precisa saber onde moro.

Romão ficou desarvorado ao ver a Baronesa afastar-se. Não acreditava que ela esquecera o endereço. Devia é estar desconfiando de alguma coisa. Pediu a um dos empregados que retirasse depressa o seu carro. A intenção era seguir o ônibus em que a Baronesa entrasse. Não podia perdê-la de vista.

26
Tim começa a investigar

Tim conversou durante horas com Di depois do enterro de Toledo. Estavam muito deprimidos. Um bom camarada, e com pinta dos detetives de cinema. Um tipo assim, esperto, que sabe das coisas, seria vítima fácil de latrocínio? E o que faria de madrugada naquela praça? Eram as perguntas que se faziam.

- Para mim topou com o bandido do retrato falado afirmava Tim, baseado mais na intuição. Ninguém tinha prova de nada.

- Mas como se poderá saber?

- Toledo dizia que investigação se faz indo atrás. Gastando sola - lembrou o rapaz.

- Ouvi quando disse.

- Estou com vontade de fazer isso.

- Você?

- Tenho boas pernas, Di. Ando quílômetros sem me cansar. Depois do ocorrido com Toledo, Di andava bastante amedrontada.

- Melhor deixar para a polícia.

- Não pretendo prender ninguém, nem mesmo correr risco. Apenas quero me aproximar do ponto em que Toledo chegou para levantar alguma pista. Conseguido isso, procuro o delegado. A polícia que enfrente o tipo.

- Qual é seu plano?

Tim mostrou alguns impressos com o retrato falado. A polícia imprimira centenas. Levava também o recorte com o retrato de Toledo.

- Vou à praça onde mataram Toledo para descobrir se viram essas duas pessoas. Apenas um ruivinho fazendo perguntas. Nada mais. Há algum perigo nisso?

- Não, Tim.

- Então mãos à obra. Tchau.

- Vou rezar para você levantar uma dica.

- Agora um beijinho pra dar sorte.

- Dou dois. Guarde um para a hora do lanche.

27
Restos do dia anterior

Com o dinheiro no bolso a Baronesa afastou-se depressa da oficina do primo. Nem sabia o porquê da pressa. Esquecia-se até da ciática. Mais adiante, parou na fila de um ponto de ônibus. Continuava intrigada. Continuava? Estava ainda mais intrigada. Um homem como o primo, mão de vaca, miserável, dar-lhe mil reais? Que enigma era esse? Mas dinheiro é dinheiro. Os mil reais davam-lhe alguma segurança. Há quanto tempo não tinha tanto assim?

O ônibus demorou mas chegou. Vinha cheio. E depois daquele teria de tomar outro. Não conseguiu sentar-se. E não havia no ônibus nenhum cavalheiro para lhe ceder um lugar. Antigamente não andaria um quarteirão em pé. Logo algum homem se levantaria e fazendo um gesto cortês ofereceria seu assento. Ficou a olhar para a rua pela janela do veículo. O trânsito estava febril naquele fim de tarde; carros, caminhões e Ônibus disputando espaços, tentando ganhar tempo ao se abrirem os sinais verdes. Subitamente um rosto se destacou naquele quadro de feras metálicas e sons absurdos. Alguém segurava o fluxo de veículos dirigindo na velocidade do ônibus e muito preocupado em olhar para dentro dele. Parecia que não se importava se atrás buzinavam para apressá-lo ou para pedir passagem. Queria verificar alguma coisa dentro do coletivo. Devido ao confuso cenário visto pela janela, à sua posição nada confortável dentro do ônibus, à movimentação geral dos automóveis, a Baronesa demorou um pouco para identificar aquele rosto familiar.

Romão dirigia quase desesperadamente seu pequeno carro no sentido de emparelhá-lo com o ônibus. A Baronesa escondeu-se atrás de um passageiro. Era ela quem ele procurava. Seguira o veículo, porém estava incerto se era aquele mesmo ou outro qualquer. Todos se parecem em São Paulo. Para fugir às buzinas, retardou a marcha e colou-se atrás do coletivo.

A Baronesa conseguiu sentar-se. Bom, porque suas pernas bambeavam. Ele colocara mil reais na roleta para descobrir seu endereço e perdera. Por isso tivera de seguir seu ônibus. Aquela hora da tarde - quase noite -, era tarefa difícil. Ele devia estar sofrendo dentro do carro. Mas Zaíra não sofria menos. Afinal, por que ele queria seu endereço? Seria ele quem contratara o homem que apavorara a sacristia? Quem ganharia alguma coisa por saber o endereço de

uma velha biruta? Tudo isso perguntava-se naquela angustiante viagem de ônibus. Só encontrava uma explicação: no alucinado mundo de hoje, nada exige muito motivo. Seu primo era um matador. Um criminoso compulsivo. Decidira matá-la, devido a um ódio tão inexplicável como antigo, e era o que pretendia fazer. Quanto a ela, só lhe restava dificultar-lhe a caçada. Pedir proteção da polícia, sendo ela quem era, seria perda de tempo, já que não possuía prova contra ninguém. Por outro lado, uma pessoa que lhe dera mil reais provara, sim, ter bom coração. E só uma velha doida teimaria em lhe negar o endereço.

Romão dirigia quase desesperadamente seu carro para conseguir emparelhá-lo com o ônibus em que estava a Baronesa.

A Baronesa desceu do ônibus antes do ponto final, numa esquina em que muitos passageiros também desciam. Começou a andar junto à parede e em sentido contrário ao do percurso do coletivo. Não havia dado vinte passos e seu sistema nervoso levou nova chibatada. Viu o primo. Dirigindo lentamente o carro, a olhar para a frente e para os lados, parecia um pica-pau maluco. A velha ainda estava no ônibus ou virara fumaça?

Passava das oito horas quando, cansada, a Baronesa chegou ao seu quarto. Que saudade!

- Boa noite, Moreno!

- Tia Baronesa, tia Baronesa...

- Sabe que estão querendo matar esta mulher que vos fala?

- Ti-ti-a, ti-ti-a, ti-ti-a.

- O que seria de mim sem o seu charminho, Moreno? Diga, diga.

28
Tim no caminho certo

Não era tão simples nem agradável abordar pessoas. Principalmente quando não se tem um distintivo ou documento profissional para autorizar a pesquisa. Além disso, sendo Tim muito jovem, parecia estar procurando por parentes desaparecidos. O retrato de Toledo foi logo reconhecido por leitores de jornais. A notícia circulara fartamente na imprensa e televisão. Um jornaleiro mostrou o banco onde encontraram o investigador. Uma mãe brincava nele com duas crianças muito alegres. Nenhum sinal do trágico fim de um homem. A vida sempre recomeçando. O que importa o ontem? Seu primeiro impulso foi desistir. Não tenho vocação para investigador", constatou. Apenas depois de muitas entrevistas, Tim conseguiu arrancar uma informação positiva. Foi um camelô.

- Sim, vi esse moço antes de ontem. Era um investigador, não? Passou por aqui e mostrou um retrato falado.

- Este? - exibiu Tim.

- Esse mesmo.

- E o senhor viu esse homem?

- Não.

- A que horas o investigador falou com o senhor?

- Depois das seis.

- Para que lado ele foi?

- Para lá.

Toledo andou mesmo por aqui, pensou Tim. Deve ter corrido todos estes estabelecimentos fazendo perguntas. Até encontrar o homem. Mais animado, foi em frente. Num bar entrevistou todos os garçons. Na rua viu um homem gordo e alto levando um guarda-chuva. Engraçado, naquele dia não havia no céu nenhum indício de chuva. Tim sorriu para o homem, que lhe retribuiu o sorriso.

- O senhor mora por aqui?

- Desde que esse bairro era decente. Mas ainda restam bairros decentes em São Paulo?

- Conhece esse homem? - perguntou, começando pelo retrato falado.

- Vi esse tal por aqui algumas vezes. É um tipo que a gente não esquece. Deve morar perto. Você é da polícia, mocinho?

- Eu, não. Mas o homem que ele matou era. E eu quero levar-lhe maçãs podres, atrás das grades, até ficar bem velhinho.

- Você tem alguns desses impressos?

- Tenho.

- Por que não cola no quarteirão? Tem o telefone da polícia com bastante destaque. Pode funcionar.

- É uma idéia.

- E tem adesivo. Eu lhe ajudo. Vamos lá.

Tim e o homem do guarda-chuva, seu orientador, foram pregando os folhetos. Este passou um cartão de visitas ao rapaz, comprometendo-se a testemunhar na polícia que o homem vivia no pedaço. Legal, o cara do guarda-chuva. Ia ser mais fácil descobrir onde o bandido morava, isto é, se ele não estivesse longe.

Um homem alto usando boné e óculos escuros saiu de um dos edifícios sorrateiramente com uma trouxa de roupa. Foi o primeiro a ver, no mesmo lado da rua, a colação dos folhetos. Olhou. Era seu retrato falado publicado nos jornais, com a frase: "Conhece esse homem?". E o telefone da polícia. Um rapazinho e um homem que trazia no braço um guarda-chuva faziam o serviço. Nunca esquecia o rosto de uma pessoa. Sua memória era um arquivo fotográfico. "Conheço o garoto ruivo", lembrou. Era o que trabalhava com o advogado. Deve estar ajudando a polícia a me identificar. "Mas por aqui ninguém me verá mais", decidiu, afastando-se apressadamente com sua trouxa de roupa.

Mal a dupla acabara de colar os retratos falados, uma mulher baixinha, de óculos, que tinha no rosto uma verruga do tamanho do nariz, dirigiu-se a eles.

- Conheço esse homem. Mora aí, no Prédio onde eu moro. Um sujeito com cara de mau.

- Sabe o andar?

- Quinto, parece - e saiu apressadamente para não se comprometer.

- Vamos telefonar pra polícia - disse o do guarda-chuva.

- Tem um orelhão na esquina.

Tim fez a ligação, forneceu a localização do prédio e disse que ficaria à espera. O do guarda-chuva, sempre camarada, prontificou-se a esperar com ele pela polícia. Difícil encontrar pessoas como ele, dispostas a colaborar.

O carro da polícia com três homens chegou depressa. Subiram para o quinto andar. Tim e o do guarda-chuva foram juntos. Um menino do mesmo

andar apontou a porta do apartamento onde um homem morava sozinho. Tim mostrou-lhe o retrato falado.

- É esse?

O menino moveu a cabeça afirmativamente.

Como ninguém atendia à campainha, um dos policiais forçou a porta com o ombro. A velha porta não resistiu nada. Dentro só encontraram um sofá, uma pequena mesa, uma cadeira e um copo.

- Será que ele fugiu? - perguntou Tim.

Um dos policiais abriu um armário embutido.

- Nem um lenço. já deve estar longe. O que faremos agora é localizar o dono deste muquifo.

Tim desceu a rua de cabeça baixa. Gostaria de ver o bandido algemado. Já não caberia a ele investigar. Não tinha mais nenhuma pista. O certo agora seria procurar a Baronesa. Faria nova visita ao candidato a vereador. Talvez tivessem entrado em contato.

- Muito obrigado - agradeceu ao homem do guarda-chuva,

- Foi divertido.

- Posso fazer uma pergunta? Por que o guarda-chuva com este céu tão limpo?

- Você talvez custe a esquecer de mim. Por causa do guarda-chuva. As pessoas precisam ter uma marca. Algumas têm o dinheiro, outras o talento, outras a beleza. Eu tenho o guarda-chuva.

"Por isso que gosto de São Paulo", pensou Tim, afastando-se. Tem cada tipo! Gente que só existe nas grandes metrópoles.

29
O hóspede indesejado

85 entrou na casa de Romão com a trouxa de roupa.

Devia ter chegado ao antigo endereço pouco antes da polícia. Seria impossível que algum morador do prédio, vendo o retrato falado nas paredes do quarteirão, não o reconhecesse. Fora imprudente em voltar ao apartamento, mas confiara no disfarce e precisava reaver suas roupas.

O dono da casa entrou logo em seguida. Preocupado. 85 estava em seu quarto.

- Onde você esteve?

- Fui buscar meus trapos, patrão.

- Não devia ter pisado mais lá. Foi um risco.

- Eles podiam encontrar alguma coisa que me denunciasse. Não quis deixar nada que orientasse a polícia. Mas na saída vi meu retrato falado no quarteirão. Logo estarão batendo lá. O pessoal não dorme.

- E agora?

- Aqui não corro perigo algum.

- Corre, sim. A diarista, que vem aos sábados, é uma mulher muito esperta e desconfiada.

- Dê um jeito de dispensar ela.

- Só sei que mora no Tucuruvi, mas não anotei a rua. E ela nunca faltou.

- Diga-lhe que sou um parente. Ficarei no meu canto. ela quase não vai me ver.

- Com o retrato falado você está mais popular que um cantor de rock.

85 enfiou o boné na cabeça e pôs os óculos escuros.

- Que tal o disfarce?

- Não é grande coisa. Vamos romper nosso acordo.

- Espera. Não disse que ia conseguir o endereço da Baronesa?

- Ela se negou a me dar o endereço. Talvez desconfie de alguma coisa, não sei.

- Mas ela não lhe deu nenhuma dica?

- Disse que mora na Liberdade. Nada mais. Pode até ser mentira. É uma velha diabólica. Melhor é desfazer tudo. Eu lhe dou mais mil e tchau. Hoje mesmo você espirra.

85 não gostou do que ouviu. Olhou para o patrão sem nenhuma cordialidade.

- As coisas não podem ser assim.

- Assim como?

- Não sou homem que se despede sem mais nem menos. Com o 85 as pessoas sempre agem com respeito.

- Esse é o primeiro negócio que se anula?

- Em nosso caso já é um pouco tarde. Matei um homem, tenho meu retrato falado rolando por aí e perdi meu teto em Santa Cecília. Com mais mil não irei a lugar algum. Se quiser liquidar o assunto tem de me dar o que tinha prometido.

- Daria se tivesse cumprido o combinado. Mas nem ao menos localizou a Baronesa.

- Você não me ajudou. Só agora mencionou um bairro. Saber que se trata duma velha que tem um papagaio e toca gaita é pouco numa cidade deste tamanho.

- Tem razão, não ajudei. Vamos desistir,

- Por dez mil desisto.

- Dou-lhe dois mil e nada mais.

- Dez mil - insistiu 85. - Antes que me dê o dinheiro não sairei daqui. Serei seu inquilino. Vamos nos dar muito bem.

- Não me faça perder a cabeça, homem.

- Se perder, o que fará? Avisará a polícia de que seu hóspede é o famoso 85? Com seu passado sujo? Não fará isso. Como eu também não ficarei solucionando palavras-cruzadas como na prisão. Vou procurar a velha no tal bairro. Gosto de fazer jus ao dinheiro que ganho.

Romão foi para a sala. Viu um monte de pedacinhos de papel amarelo, A expressão palavras-cruzadas ainda soava na casa. Ele também se dedicara a todo tipo de charadas, quando no presídio. Pelo menos em sua ala fora o mais hábil ou o mais paciente.

30
A volta ao Candinho da Luz

Antes de voltar ao escritório do Candinho da Luz, Tim passou pela delegacia a fim de obter notícias frescas. Obteve-as em primeira mão. Fora levado para lá o dono do apartamento onde o assassino de Toledo morara. O homem, idoso, estava acompanhado da mulher, ambos aterrorizados. Para falar tiveram de lhe dar um copo de água e uma cadeira. A mulher informou que ele já tivera dois enfartes. Havia dois anos alugaram o apartamento para um indivíduo que chegava a ficar meses sem pagar o aluguel. Certa vez, cobrado, ele ameaçou matar marido e mulher. Pagava quando lhe dava na telha. Souberam depois que costumava relocar o imóvel. Sempre para pessoas de aspecto suspeito.

- Este último nunca vimos - disse o proprietário do apartamento. - Soubemos que havia um estranho lá pelo vizinho.

O delegado mandou puxar pelo computador o nome do inquilino. Um tal de Genival, apelidado Moreirinha. Ficha de três metros. Furtos, roubos, desordens, agressões, última bronca: tráfico de crack.

- Tranqüilizem-se - disse o delegado. - Ele não voltará mais ao apartamento. A polícia toda está atrás dele. Genival o alugou para o assassino de Toledo.

Ao sair da delegacia, Tim viu que as coisas se encaminhavam. Assim que prendessem o inquilino dos velhinhos saberiam o nome do homem. Bandido não encobre bandido. Só desejava que acontecesse antes que ele encontrasse e matasse a Baronesa. Dirigiu-se ao escritório do Candinho, cheio de esperança, Voltara a chover e custou a chegar lá.

Assim que o viu entrar, todo molhado, o candidato perguntou:

- Precisa de mais impressos?

- Seu Candinho, o senhor não está lembrando de mim?

- Você não é sobrinho do Miro, o farmacêutico?

Ele só via cabos eleitorais em sua frente. Em seu mundo havia apenas faixas, cartazes, santinhos, cédulas, volantes. Toneladas de papéis impressos. "Vote no Candinho da Luz, o amigo do bairro." "Acerte desta vez votando no Candinho." "Não vote no escuro, vote no Candinho da Luz."

- Eu sou o Tim, esqueceu? O rapaz que está procurando a Baronesa.

- Onde será que anda aquela tonta? Vou precisar de ajuda. Tem gente que pega o dinheiro e joga toda a propaganda no buraco da privada. A Baronesa não faz isso. Ela distribui tudo direitinho.

- Então ela não apareceu?

- Desde que mudou, não. A Liberdade é meio longe.

- Então ela está na Liberdade? - disse Tim, pedindo confirmação.

- Não sei a rua, mas está. Quem disse foi dona Amélia, a mulher do Costa. Encontrou a Baronesa comprando comida japonesa numa feirinha.

- E aquele cara, voltou a procurar a Baronesa?

O candidato não respondeu porque três homens acabavam de entrar.

- Este é o nosso candidato - disse um deles aos demais.

- Fale pra eles, Candinho, as coisas que vai fazer no bairro. Estes são daqueles que não acreditam em ninguém.

- Eles até que estão certos - comentou Candinho. - Há muito malandro no pedaço.

Tim saiu à rua. Nem sabia como ir à Liberdade, mas foi em frente. Faria perguntas em todas as casas comerciais e bateria em todas as pensões, casas de cômodo de aluguel, hospedarias, cortiços, coisas do gênero. Como não tinha retrato falado da Baronesa teria que gastar muita saliva. Depois da localização da quitinete onde se escondera o assassino estava mais confiante. E quem sabe surgisse outro homem do guarda-chuva para ajudá-lo? Chegou ao bairro de ônibus. Um lado da cidade desconhecido para ele. Uma fatia do Japão. Nas lojas viu inscrições em japonês. Balões coloridos nos postes anunciavam uma festa popular. Talvez fosse fácil descobrir a Baronesa num bairro de asiáticos. Não sabia porém por onde começar. Apenas andava e mais nada.

Já circulava havia quase uma hora quando encontrou a primeira casa que alugava quartos. A um homem com ar indiferente que apertava um cigarro no canto dos lábios, perguntou:

- Mora aqui uma mulher idosa chamada Baronesa? Uma que tem um papagaio? Ela costuma tocar gaita, conhece?

Em tons diversos, mudando uma ou outra palavra, com mais ou menos ansiedade, Tim repetiu essas perguntas uma infinidade de vezes.

Numa casa permitiram-lhe que fosse bater de porta em porta. Algumas pessoas riam-se de seus cabelos vermelhos. Outras também se riam quando falava de uma velha que tocava gaita. Seu coração vibrou quando lhe informaram que no quarto ao lado morava uma mulher que tinha papagaio. Tim teve de esperar muito tempo até que voltasse das compras. Mas, antiga inquilina do cortiço, não era a Baronesa.

No dia seguinte Tim voltou já na parte da manhã. Trouxera de sua casa uma dose ainda maior de paciência. As pessoas de origem japonesa eram as que mais demoravam a entender o que ele queria e boa parte não sabia o que significava papagaio. Como descrever um papagaio? Num casarão quase em ruínas teve a primeira surpresa. Uma mulher muito alta, cujo vestido era tão desbotado como as paredes da pensão, perguntou:

- Está procurando a Baronesa, moço?

- Estou. Sabe onde ela mora?

- Então ela voltou à Liberdade?

- Voltou. Veio da Luz.

- Desde que mudou daqui não vi mais a Baronesa. Ela sumiu da noite para o dia com a gaita e o papagaio. Parecia acostumada a passar calote. Mas uma coisa é verdade, se tinha dinheiro até ajudava os outros. Comigo dividiu a comida mais de uma vez. Gostava muito de visitar os asilos de velhinhos. Tocava para eles horas a fio. Fui com ela num domingo. Fazia um sucesso....

Tim andou quilómetros. Entrou num restaurante japonês mais Para abrigar-se da chuva. Os jornais diziam que há vinte anos não chovia como naquele março. Diante do cardápio atrapalhou-se todo. Não sabia o que pedir. Chamou o garçom. Comeria o que ele indicasse. Veio a comida com um par de palitinhos. Viu um freguês manejando-os habilmente. Tentou fazer o mesmo, mas não conseguiu comer nada. O jeito foi pedir um garfo.

31
85 no bairro oriental

Com o boné e os óculos escuros 85 chegou à Liberdade. Como Tim, não o conhecia, e muito menos sabia em que ruas havia as habitações coletivas para pobres. Quase todos os bairros têm as suas. As primeiras pessoas que interrogou não souberam informar. Sempre é assim. Quem vive em apartamentos ou casas mais confortáveis, gente da classe média para cima, nem quer saber onde residem os necessitados e como se arranjam para viver. Ignora mesmo que nas grandes cidades uma boa parte da população se amontoa nas favelas ou em casas de quartos de aluguel. Para essas pessoas isso faz parte de um pesadelo social que é melhor esquecer. Por outro lado, os cortiços e pensões baratas não têm nome para serem anunciados em placas vistosas como os hotéis. Também não têm Porteiros para informar quem são os moradores. Não há nenhum livro de registro, A pobreza, assim como a delinqüência, está protegida pelo anonimato e a salvo das indiscrições. O correio faz raras entregas nessas casas e ninguém sabe por inteiro o nome de ninguém.

Guiando-se pela sua vivência em zonas pobres, na experiência de identificar residências coletivas mesmo em quarteirões mais prósperos, 85 foi caminhando pelo bairro, sem se preocupar com a chuva. Entrou por diversos portões, tocou campainhas, bateu palmas, socou muita porta.

Baronesa? Ninguém conhecia essa pessoa. A maioria apenas sacudia a cabeça negativamente. Mas com um inquilino sem camisa de uma dessas casas, um cara grandão, cheio de tatuagem nos braços e no peito, foi diferente. Assim que ouviu85 fazer a pergunta, rebateu:

- O senhor também?

- Eu o quê? - admirou-se 85.

- Também procurando essa tal de Baronesa? A que tem um papagaio e toca flauta, ou gaita, sei lá.

- Alguém veio procurar ela aqui? - espantou-se 85.

- Foi ontem. Falou com todos. Até com um que está na cama, morre-não-morre.

- Como é essa pessoa? Lembra bem?

- Um rapazinho duns dezoito anos, mas muito esperto.

- Rapazinho? Como ele é?

- já viu gente de cabelos vermelhos? Nunca vi um ruivo tão ruivo assim.

- Por que ele estava procurando a Baronesa?

- Não perguntei.

- Será que ninguém aqui perguntou?

- Talvez ele procure pela mesma razão que o senhor considerou o tatuado, inclinado a não dizer mais nada. - Por que o senhor também quer encontrar essa tal de Baronesa?

Não ouviu a resposta. Viu o outro virar-lhe as costas e sair precipitadamente da casa.

A informação causou em 85 o impacto de um pontapé em qualquer parte sensível do corpo. Não deu para ir muito longe. Parou num boteco e pediu uma bebida forte. Não havia dúvida de que se tratava do auxiliar do advogado e do rapaz que na companhia de um adulto colava seu retrato falado nas paredes da rua onde morara. Por que estava ele agora procurando a Baronesa? Como seu caminho cruzara com o dela? A serviço de quem estaria? Com que objetivo? Uma dose foi pouco para se controlar. Pediu outra. A bebida trouxe outras perguntas. Noutra direção. Deveria continuar a procura ou desistir? Por uns momentos pensou em aceitar o dinheiro que o patrão lhe oferecera. Talvez conseguisse até um pouco mais. Porém o enigma lhe corroía e desafiava-o. Começava a odiar o garoto ruivo. Se acabara com o investigador, podia acabar também com ele. Mas antes queria a solução do mistério. Voltou a andar. Estava disposto a não interromper a procura até a noite. A tarefa virava obsessão.

32
As partes do quebra-cabeça se unem

85 voltou muito tarde para casa. Circulara sob a chuva pelo bairro inteiro e parara em muitos botecos para beber. Tenso e embriagado, aos poucos tomara uma decisão: desistir daquela loucura. Estava se mostrando demais. Se apesar do disfarce o identificassem como o homem do retrato falado estaria perdido. Tinha de admitir o fracasso e recuar. O que lhe restava era extrair o máximo do patrão. Talvez até lhe desse parte do prometido só para se livrar dele.

Ao chegar encontrou o dono da casa na sala. Estava evidentemente à sua espera. E com uma cara mais tranqüila.

- Andou bebendo? - ele perguntou.

- Fiquei muito encharcado com a chuva. Tive de me aquecer por dentro.

- Encontrou alguma pista?

- Não, a Baronesa sumiu. Perguntei dela a um monte de gente e nada. Acho que está morando com alguma família, Não em quartos de aluguel. Entrego os pontos. Acabou.

- Como?

- Vamos fazer um acordo. Você me dá cinco mil e também desapareço. Vou para Minas ou Bahia, não sei. Aqui já está perigoso para mim.

- A tevê deu que a polícia localizou o apartamento do homem que matou o investigador.

- Já esperava.

- Mas ainda não sabem quem você é. Procuram um tal Genival, que tinha o contrato.

- Ele também não sabe quem sou eu. Só quis enfiar o dinheiro do aluguel no bolso.

- Você ainda está livre para agir.

85 estranhou o tom calmo do hospedeiro. Na véspera mostrava-se tão apavorado! Voltava a ser o patrão, inclusive nas maneiras.

- Como disse, o que quero é me mandar. Só por um golpe de sorte encontraria a Baronesa. Cada bairro dessa cidade é um mundo.

- Você não precisa procurar mais - disse o mandante.

- Então fechemos o acordo. Vai se livrar de mim.

- Não ainda.

- Quer que eu fique mais aqui pra quê? Esqueceu da diarista?

O patrão tirou uma tira de papel do bolso.

- É pra você.

85 leu.

- Que endereço é esse?

- O da Baronesa - elucidou o outro sem enfatizar.

85 arrancou o boné e os óculos.

- Como conseguiu?

- Um amigo meu me deu um montinho de papeizinhos amarelos, cada um com uma letra. Gosto de quebracabeças.

- Então conseguiu?

- Não foi tão difícil. O número talvez não esteja em ordem. Você terá de verificar.

- Bem... isso facilita tudo.

- Aconselho você a não se encher de álcool por enquanto. Terá de trabalhar com a maior segurança.

85 pensou em dizer que outra pessoa, um rapazinho, também estava à procura da Baronesa, mas se nisso houvesse algum obstáculo caberia apenas a ele remover. Preferiu dizer ao patrão como mataria a Baronesa.

- Vai ser tudo muito rápido. Primeiro verificarei se está sozinha, depois...

- Por favor - interrompeu-o o mandante -, não quero saber dos detalhes. Acho horrível isso... Já desmaiei só de ouvir falar em sangue. Agora vamos dormir. Você terá amanhã um dia cheio.

33
Tim também pertinho

Tim percorreu o bairro oriental horas a fio. Da Baronesa nem sombra, mas teve a idéia de visitar o jornal da região com uma pergunta engatilhada. Quais são e onde se localizam as casas de quartos de aluguel e pensões do bairro? Um velho redator, de cabelos brancos e ralos, interessou-se pela pesquisa do garoto. Era desses profissionais que amam a cidade a ponto de se apaixonar até pelas suas mazelas. já trabalhara em diversos jornais suburbanos, onde, a seu ver, a atividade ainda conservava algum romantismo. Os grandes jornais para ele não passavam de fábricas de notícias, produzidas fria e mecanicamente. Artigos que costumava redigir sobre a história e a alma das ruas não cabiam neles.

- Por que está interessado nessas casas? - perguntou o jornalista a Tim.

- Quero fazer uma reportagem. Acho que elas têm material até para um livro. Quantos tipos curiosos devem morar nelas.

O redator pegou uma folha de papel.

- Conheço todos os cortiços do bairro e das adjacências. Eu mesmo morei em inúmeros nos velhos tempos. Vou anotar.

À noite Tim mostrava a Di a lista que o jornalista lhe dera.

- Vai ficar muito mais fácil.

- E se mesmo assim não encontrar a Baronesa?

- Colocarei um anúncio no jornal do bairro. Não fiz isso antes para não alertar o cara.

- Começa amanhã?

- Bem cedo. Ele listou aí onze casas.

- Deve ser um cara legal esse jornalista.

- Chama-se Coelho e tem paixão pela cidade, embora ela seja hoje uma grande bagunça. Admiro as pessoas que se entregam de corpo e alma à sua profissão. Como o doutor Barroso. Aquele velhinho foi um exemplo para mim.

- Por falar nisso, você já escolheu o que vai ser quando crescer? - brincou Di.

- Ainda não me decidi entre jornalista e advogado. Ou alguma atividade na área de comunicações. Antes de terminar o segundo grau me decido. E agora? Vamos pegar um cinema?

- Não, Tim. Você precisa levantar cedo. E eu preciso cuidar do meu resfriado. Essas chuvas estão me matando.

- Então, vou indo.

- Tim, por favor, tome o maior cuidado.

- Não vou descuidar e algo me diz que amanhã será o dia decisivo. Às vezes minha intuição funciona.

34
A Baronesa mora aí

85 levantou tarde porque bebera demasiadamente no dia anterior. Procurou caprichar no disfarce, diante do espelho.

O patrão não saiu antes que ele saísse.

- Assim que terminar a coisa, volte. Mas se alguém o seguir, fique dando voltas até despistar.

- Ninguém me seguirá. Trabalho em silêncio - disse. Minutos depois 85 já estava dentro de um ônibus, espremido entre os passageiros. Para ele, quanto mais gente, maior a segurança. Era um homem qualquer indo para o serviço. Quem pressentiria que aquele cidadão de boné estava prestes a cometer um crime? Ninguém é adivinho na multidão, na rotina do cotidiano. E todos os destinos parecem iguais quando as pessoas se juntam. Ia descer ali.

Parou diante de uma placa de rua. Passara por lá diversas vezes. A única dificuldade podia estar nos números, dissera o patrão. O primeiro que 85 procurou não existia. O segundo era o de uma loja. O terceiro estava à porta de uma das casas velhas do bairro. Viu uma mulher negra que saía com uma imensa trouxa de roupa à cabeça.

- Minha senhora, estou procurando a Baronesa.

- A Baronesa mora aí.

- Em cima ou em baixo?

- No último quarto de cima.

85 agradeceu e entrou na casa. Como toda moradia coletiva, era muito barulhenta, sobressaindo o choro de crianças. Duas vizinhas, no corredor, pareciam estar tendo um ajuste de contas. Alguém, para irritar ambas, aumentara o volume do rádio.

Ele subiu as escadas sem ser notado. No andar superior havia um pouco mais de paz. Qual seria o quarto da Baronesa? o último à esquerda ou o último à direita? O último à esquerda estava com a porta aberta. Viu um enorme santo na parede e sob ele um berço. Depois viu uma mulher ainda jovem. Passo a passo seguiu até o outro extremo do pavimento. Colou o ouvido à porta, Nada ouviu. Bateu suavemente. Esperou e bateu de novo. Ouviu então uma vozinha sarcástica, como de um duende cheio de malícia. O papagaio. Era aquele o quarto. Examinou a fechadura. Frágil. Ainda sabia fazer aquilo? Tirou uma

ferramenta qualquer do bolso. A arte era não fazer ruído. Um menino apareceu no corredor e olhou-o, curioso. 85 sorriu para ele e continuou colado à porta.

- Toniiiinho! - chamou uma voz feminina.

O menino foi se afastando ainda a olhar para o estranho.

85 lembrou que crianças e velhos sempre surgem para atrapalhar. Um estalido. A fechadura apenas se moveu um centímetro. Um empurrãozinho e a porta abriu.

Lá era o quarto da tão procurada Baronesa. Viu logo o papagaio.

- Tudo bem, Louro?

O bicho produziu uma série de sons, como se protestando. Seu nome era Moreno, mais original para um papagaio.

85 não tinha muito que ver ali. Abriu um guarda-roupa. Quase vazio. Sobre um criado-mudo viu um pires com amendoim. Era só o que a Baronesa tinha a oferecer para as visitas. Sentou-se e começou a mastigar os amendoins, pacientemente.

35
O outro participante da gincana

Tim tomou o ônibus bem cedo. A lista de Coelho abrangia oito ruas diferentes. Teria de andar bastante e fazer muitas perguntas. Uma das casas indicadas estava em demolição. Outra, já desabitada, estava virando estabelecimento comercial. São Paulo é assim, sempre em transformação, mudando o aspecto das casas, ruas e bairros. O rapaz, a cada endereço visitado, fazia um risco na lista. Uma das casas de cômodo de aluguel quase o desanimou. Cheia de gente e de quartos, não possibilitava a Tim descobrir se a Baronesa morava lá ou não. Foi um homem em cadeira de rodas que o tranqüilizou, garantindo que o inquilino mais recente, um homem calvo, mudara para lá havia meses. Noutra pensão diversos moradores tinham aves no quarto. Mas nenhum era a Baronesa. Na próxima o serviço de Tim foi facilitado porque nela só moravam casais. Perto do meio-dia faltava ainda visitar três estabelecimentos. Tim não acreditava que a procura fosse fácil também para o bandido. Talvez já tivesse desistido. Parou diante de uma porta escancarada. Outro cortiço. Viu um garotinho.

- Conhece uma velha que toca gaita? - perguntou, imitando o gesto de um tocador.

- O quê?

- Uma velha que tem um papagaio.

- Que é papagaio?

- Conhece a Baronesa?

O garotinho sacudiu a cabeça. Conhece?

Ela me dá bala.

A Baronesa? Então ela mora aqui? Vai me dar bala?

- Mora? Ele sorriu.

36
Morte no cortiço

85 esperou durante muito tempo. Chegou a comer todos os amendoins. Enquanto esperava, levantava-se e aproximava-se da porta apenas quando havia muita circulação no corredor. Um homem de voz rouca cismou de cantar a dois metros do quarto um sentimental samba-canção. A emoção, profunda, de quem curtia um grande amor, não o impedia porém de desafinar. Uma mulher por trás de uma porta protestou contra o cantor, que a impedia de dormir, e ele desceu as escadas dizendo palavrões.

Perto do meio-dia estendeu-se na cama da Baronesa. Ainda não se recuperara do excesso alcoólico da véspera. Nem dormira o suficiente à noite. Teve de reagir contra o sono. O quarto era aconchegante, apesar de modesto. Uma casquinha de noz. E o ruído da chuva, lá fora, com sua monotonia, fazia peso nas pálpebras. Era só abandonar-se um pouco e o sono o venceria.

Foi o que aconteceu. Dormiu e acordou diversas vezes, o delicioso sono de um minuto. O último porém durou mais. Teve a sensação de um mergulho ao fundo de um mar pacífico. Ao retornar à tona e à luz, viu um corpo de mulher curvado sobre a cama, o rosto espantado. Sem mover o tronco deu ao braço velocidade de tenista e deteve-a pelo pulso.

- Desculpe estar dormindo em seu quarto. Precisava muito falar com a senhora.

- Quem é o senhor?

- Chame-me de José, Zeca ou Zé. A Baronesa começou a sentir medo.

- É a pessoa que me procurou na igreja?

- Sou. Mas não tive culpa do alarde todo. Queria apenas seu endereço, dona. Ninguém sabia. A senhora mudou da Luz.

- Por que meu endereço? O senhor me conhece?

- Estou tendo o prazer agora.

- Então, por quê?

- Eu digo se me responder uma coisa. Todos nós temos nossos grilos. Você também está sendo procurada por um rapazinho ruivo. Quem é ele?

- Não sei de rapazinho ruivo nenhum.

- Deste tamanho, meio sardento...

- Pode largar meu pulso?

Ele largou, mas com seu corpo bloqueou a saída do quarto.

- Não tenho nada contra a senhora e já fui tocador de gaita. Podíamos formar uma dupla se houvesse tempo. Agora apenas estou fazendo um serviço - disse enquanto suas mãos subiam pelos braços dela.

- Serviço para quem? - perguntou a Baronesa com voz seca.

- Um parente seu me contratou,

- Parente meu? O Romão? É o único que sei onde anda. Mas por que ele faz tanta questão de meu endereço?

O corredor do andar de cima era uma arena para os inquilinos. Estourou uma briga entre duas mulheres a propósito de um fogareiro. Uma usara o fogareiro da outra e causara algum estrago. A acusada sempre fazia dessas. já danificara o liqüidificador da outra. Um homem tomou partido da ré, defendendo-a. Emprestara para ela inúmeros aparelhos delicados devolvidos sem arranhão.

A Baronesa forçou o corpo na direção da porta. O homem, com seu corpo de pedra, não recuou um centímetro. Abriu a boca para pedir socorro. Ele tapou-lhe a boca com a mão espalmada. Ela não conseguia produzir um som, enquanto no corredor pessoas que podiam salvá-la discutiam por causa de um fogareiro. Tentou derrubar algum objeto, para chamar a atenção, mas seu corpo estava comprimido contra a parede. Imóvel e muda como uma múmia teria de permanecer enquanto se prolongasse a discussão no corredor.

- Brrrrr ... brrrr... Ba-ro-ne-sa! Ba-ro-ne-sa!

O maior amigo da Baronesa manifestava-se. Ele sabia que ela corria perigo. Um palavrão. Era a melhor maneira de chamar a atenção das pessoas. Para atrair gente, fazer rir ou acusar anormalidade.

- Br ..... br... Filho da... filho da...

85 esticou o braço esquerdo como se fosse de borracha. Sua mão começou a abarcar todo o corpo do papagaio. Ele não se debateu, não fez nada. Quando foi solto ficou dependurado pela corrente, de cabeça para baixo, pendulando. Era um brinquedo verde que alguém amassara.

A Baronesa deu pontapés, mordeu a mão de 85, produziu com a boca sons desesperados.

A Baronesa arregalou os olhos. Depois, cerrou-os prestes ao desmaio.

85 arrancou-lhe o camafeu.

- Vou precisar disso.

O corredor voltava à paz. Cada um regressava a seu quarto,

- Tchau, Baronesa - disse o bandido, apertando-lhe o pescoço. Ela, que estava mais morta que viva, foi buscar energias lá no fundo do corpo e da alma. Deu pontapés, mordeu a mão do algoz, produziu com a boca sons

desesperados. já não tinha dúvidas sobre o que aquele homem fora fazer em seu quarto. Queria morrer lutando. Ele, até então um autômato, um ser que, sem ódio, executava uma tarefa, incendiou-se. Procurou seu pescoço com raiva e prazer. No esforço que ambos faziam, a cadeira caiu e a mesa foi empurrada.

Nisso a porta se abriu.

Era 85 agora quem arregalava os olhos.

Estava diante do rapazinho ruivo. Fosse quem fosse, o mataria também.

37
Tim em luta com um leão

Um quadro para não esquecer nunca. Aquele homem apertando o pescoço da Baronesa. A segunda vez que se encontrava com ele. Na primeira ele e o doutor Barroso foram hospitalizados. Poderiam ter morrido. O que fazer? Gritar? Viu o papagaio de cabeça para baixo sustentado pela corrente. Já houvera um morto. Leu nos olhos do bandido uma decisão: antes vou terminar o que comecei. A Mulher sentiu-a nos dedos e olhou suplicante para o rapaz.

Lançando um forte grito, Tim voou sobre o homem. O impacto desequilibrou 85 e o fez soltar o pescoço da Baronesa. Ela tentou fugir imediatamente do quarto, mas estava sem pernas, sem força, sem ar. Não conseguia afastar-se, vendo o rapaz ruivo em luta com o homem. Sua vantagem inicial da surpresa esgotara-se. O bandido já o dominava, embora preocupado com a velha, que se esforçava para ultrapassar a porta aberta.

- Socorro! Socorro' - berrou Tim, querendo atrair os moradores da casa.

O menino que preocupara 85 foi o primeiro a aparecer. Surgiu no retângulo da porta e ficou parado. Nem susto demonstrava. Ainda não entendia o mundo dos adultos sintetizado naquele corredor. Sentia apenas curiosidade. Agarrando-se ao homem, Tim impedia que ele voltasse a atacar a Baronesa. Esta, dando um passo, tropeçou na cadeira tombada, e caiu. Vendo que a queda o favorecia, 85 livrou-se por um instante do rapaz, segurando a mulher pelo braço. Sua intenção agora era de fechar a porta. Tim saltou novamente sobre ele, gritando por socorro e segurando-lhe os braços. Enquanto se atracavam a Baronesa conseguiu pôr-se de pé, outra vez, resfolegando.

Um vizinho, vestindo pijama, um tipo muito frágil, que arrastava chinelos, postou-se ao lado do menino.

- O que está acontecendo aqui?

Tim, derrubado, e com o nariz sangrando, abraçou as pernas do facínora. Parecia ser seu último esforço para impedir que ele matasse a Baronesa. Para livrar-se dele definitivamente, 85, curvando-se, disparou socos em sua cabeça. O rapaz afrouxou a pressão dos braços, vendo tudo escurecer ao seu redor.

A Baronesa conseguiu sair do quarto quando outro vizinho, uma mulher loira e alta, aproximava-se da porta.

- Salvem-me! - ela berrou. - Esse homem quer me matar. Livre de Tim, o bandido chegou ao corredor. Algumas pessoas subiam as escadas. Ignorando todos, 85 voltou a segurar a Baronesa, que agora gritava e reagia. Tim, arrastando-se, com a roupa toda desfeita, apareceu, clamando:

- Segurem esse homem! É um assassino!

A essa altura havia uma grande confusão no corredor. O homem do pijama estava caído e alguém ameaçava o invasor com uma barra de ferro. Apesar do tumulto, o bandido conseguiu acercar-se da Baronesa e apertar-lhe o pescoço. Ela desmaiou.

- Ele matou a Baronesa - gritaram.

85 decidiu então abandonar a cena. Empurrando e derrubando pessoas, foi descendo as escadas. Para que não o impedissem de sair, mostrava uma faca, a usada para matar Toledo. No térreo, vendo-o armado, os moradores recuaram, ouvindo lá de cima:

- Coitada da Baronesa...

Num instante 85 alcançou a rua. Depois de virar a esquina procurou andar normalmente, mas estava agitado. Matara a Baronesa, porém se expusera demais. O patrão devia pagar-lhe mais. O risco fora enorme. Precisava de muito dinheiro para ir para bem longe. Ao passar pela vitrine de uma loja notou algo estranho em sua figura. Perdera o boné.

38
Visita ao falecido

Romão pegou seu carro pensando em dar um passeio para desanuviar a tensão. 85 tinha saído para matar a Baronesa e nada lhe garantia que se saísse bem. Sua ida à igreja fora desastrosa, resultando no retrato falado. E assassinara um policial, dando pista aos investigadores. Arrependia-se de ter contratado aquele homem, mas agora era impossível recuar. Descobriu que não saíra ao acaso ao estacionar nas proximidades de um hospital.

Ali estava internado seu tio-avô rico, o velho dos milhões. Lembrou-se dele cheio de tubos, respirando artificialmente. Decidiu fazer-lhe uma visita, entrando no hospital sem passar pela portaria. Guardara o número de seu apartamento. No terceiro andar. Preferiu subir pelas escadas. Uma enfermeira saía do apartamento quando se aproximava. Esperou que ela se afastasse e entrou. Uma mulher estava deitada na cama vendo um programa de televisão.

- O senhor é o doutor Paulo? - ela perguntou.

- Não - ele respondeu confuso. - Desde quando está neste apartamento?

- Desde ontem.

Romão saiu, pensando em diversas possibilidades. O tio obtivera alta ou fora transferido para outro apartamento? Encaminhou-se à portaria. Um funcionário trabalhava num computador.

- Por favor, onde está seu Venâncio, o que estava no 301?

O funcionário consultou uns papéis.

- Faleceu terça-feira. Foi cremado.

- Por essa eu não esperava. Voltei hoje de viagem.

- Lamento muito.

- Meu querido tio Venâncio...

- O contador deixou esse endereço aqui.

Romão pegou o papel, perguntando, compungido:

- Sabe se ele chegou a recuperar os sentidos?

- Não, continuava em coma.

- Antes assim.

Ao voltar para o carro, Romão pôde relaxar. A primeira boa notícia depois de tanto tempo. Leu o endereço do contador. Resolveu ir até lá, recompondo aos poucos o ar de tristeza de quem perde um parente.

O escritório do contador era uma casa rasteira sem nenhuma placa. Parecia uma residência comum. Romão esperou apenas alguns minutos por um homem de óculos pesados, aros escuros, que entrou na sala, dando-lhe os pêsames.

- Tudo que era de Venâncio está registrado nos livros. O tabelião não vai ter muito trabalho.

- A herdeira, minha prima Zaíra, apareceu?

- Quem tem dinheiro a receber sempre aparece.

- Gostaria de ser útil, mas não sei onde ela mora.

- O tabelião saberá como encontrá-la.

- Vou tentar localizá-la embora não saiba bem como. É uma mulher sem eira nem beira, dada a bebidas e más companhias.

- Muitas vezes o dinheiro vai às mãos de quem não merece.

- Tio Venâncio devia ter deixado a herança às instituições beneficentes. Não tenho muito, mas é o que tenciono fazer.

- Isso é muito bonito, seu Romão!

- E quanto às despesas de hospital e do crematório? Vim para cumprir minha obrigação de parente.

- Venâncio era previdente. Deixou uma quantia comigo para as emergências. Obrigado pela atenção.

Romão despediu-se e saiu. O dia estava indo bem. Esperava que terminasse assim. Mas ia depender de 85. Antes de voltar à oficina, teve a idéia de passar de carro diante da casa onde a Baronesa morava. Estacionou nas vizinhanças. Desceu do carro para tomar café num bar minúsculo. Enquanto tomava, perguntou a um desses homens que vivem às portas dos bares.

- Aconteceu hoje alguma coisa nessa rua? Parece que houve um assalto ou coisa assim.

- Um assaltante matou uma velha naquela casa - respondeu o homem, apontando.

- E prenderam o cara?

- Quando a polícia chegou já estava longe.

- Infelizmente é sempre assim.

39
85 sai de cena

85 não voltou logo para a casa do patrão. Muito além da casa da Baronesa sentiu uma imperiosa necessidade de beber. Postou-se no fundo de um bar-restaurante, freqüentado pelo operariado da região, e tomou algumas doses de conhaque. Em seguida teve fome e pediu o prato do dia. Queria torturar um pouco o patrão com sua demora. E pensar um pouco no papo que ambos teriam, Arriscara-se muito naquele caso. Tivera de derramar muito sangue. Se o apanhassem teria de pagar por dois assassinatos e agressões. Não sairia mais da cadeia. Isso tudo valia apenas dez mil? Merecia muito mais. Afinal, se abrisse a boca...

Saiu do bar-restaurante sob outra chuvarada. Tinha a impressão de que a chuva, trazendo transtornos à cidade, o protegia. Chegou em casa perto das cinco. O patrão não estava. Foi à geladeira e encontrou garrafas de cerveja. Tomou duas e foi para a cama. Deitado, reviu tudo o que acontecera na casa da Baronesa. Mas o que fazia lá o rapazinho ruivo, e o que tinha a ver com a velha? Quase atrapalhara tudo saltando sobre ele daquela maneira. Os jornais, no dia seguinte, talvez esclarecessem quem era o talzinho. Caso ele ainda estivesse na cidade para ler.

O sono acabou dominando-o. O dia fora barra-Pesada. Quando acordou, já era noite. Saltou da cama e foi para a sala. Encontrou o patrão, fumando, a ouvir o rádio.

- Já deram as notícias policiais? - perguntou.

- Liguei agora.

- Está tudo terminado - disse. - A Baronesa embarcou. Romão preferiu não lhe dizer que estivera sondando na rua do crime.

- Como é que foi?

- Dureza. Surgiu aquele rapazinho ruivo e quase entra areia.

- Afinal, quem é ele?

- Só pode ser um colaborador da polícia.

- Ele presenciou tudo?

- Não só ele como também outras pessoas. Por isso quero sumir daqui. Hoje mesmo, se facilitar.

Calma. Oficialmente ainda não sei de nada.

Quer uma prova? - 85 enfiou a mão no bolso e retirou o camafeu da Baronesa. - Basta ou quer mais?

Romão segurou e examinou o camafeu.

- Ela usava isso quando veio me ver. - E depois: - Eu disse que não queria saber dos detalhes, mas que arma usou?

85 exibiu suas mãos enormes.

- Estes dez.

- Tem certeza de que não foi seguido?

- Não vim diretamente para cá. Fui almoçar e beber um pouco.

- Bem, nosso contrato terminou. Se quiser ir embora ainda hoje, tudo bem.

- Gostaria de chegar na rodoviária lá pela meia-noite. Mas, como disse, depende de sua colaboração.

- Tenho o dinheiro aqui comigo. Cem notas bem novinhas.

- Sobre isso que precisamos conversar, patrão.

- Sobre o quê?

- O pagamento.

- Combinamos dez mil.

- É verdade - admitiu 85. - Naquele dia pareceu bem pago. Mas o trabalho foi maior. Tive até de matar um tira. Enquanto viver, a polícia estará atrás de mim. Talvez tenha de me refugiar na Bolívia. Para nossa segurança.

- Quanto quer?

- Vinte.

- Não tenho mais que dez mil aqui.

- Faça um cheque.

- Um cheque? Com minha assinatura? E se o prenderem?

- Estaria azarado. Adeus, herança.

- O jeito é aceitar os dez.

85 sentou-se, confortavelmente. Desarmou sua pressa.

- Posso esperar mais um dia. Ou mais.

- Amanhã vem a diarista.

- O problema é seu, patrão.

- Preciso raspar o banco para conseguir mais dois ou três.

- Venda o carro.

- Vender o meu carro?

- Logo terá para comprar outro, um Mercedes.

- Aqui tenho onze - disse Romão. - Onze e meio. já lhe tinha dado dois.

- Como disse, vou esperar. Posso assistir televisão?

- Amanhã é sábado - lembrou Romão subitamente.

- O que tem isso?

- Os bancos estão fechados.

- Vai ter de me aturar até segunda.

- Está certo.

- Me traga os dez mil. Nunca vi tanto dinheiro junto. Romão foi até o quarto. Quando voltou 85 já ligara a televisão. Via uma cena de amor de uma novela. Um grande beijo em close.

- Que sem-vergonhice! - comentou. - Como permitem essas coisas?

- Aqui está o dinheiro.

85 enfiou o maço de dinheiro no bolso.

- Não vou contar. Confio em você.

Romão sentou-se e os dois ficaram a olhar a tevê. O noticiário começou tarde. E a reportagem policial mais longa foi dedicada a um seqüestro. O assassinato da Baronesa ocupou menos de um minuto. Mostraram a casa, a Baronesa na maca e seu papagaio preso na corrente de cabeça para baixo.

- Acho que vou dormir - disse 85, depois de algum tempo, levantando-se. - Está caindo uma tempestade, e chuva forte sempre me dá sono.

Levantou-se, mas não viu o patrão ao lado.

Romão estava em pé e segurava um revólver. A arma de Toledo.

- Fique onde está.

- Essa arma está descarregada, patrão.

- Verifiquei.

- Não vá fazer besteira. Quer me pagar só os dez? Está certo. E assim que essa chuvarada passar, eu saio de cena. Não estava querendo mesmo ficar aqui até segunda. juro. E não pense que estou com medo. Sei que não tem coragem de atirar em mim. Está todo trêmulo e desajeitado com esse revólver na mão.

Assim que 85 disse isso um raio sacudiu o quarteirão lançando uma claridade azul sobre a janela. Achou que era o momento de avançar sobre o patrão. E Romão achou que era o momento de atirar.

85 caiu vivo sobre o tapete olhando para o patrão que parecia ter crescido após o disparo. Ainda teria forças para levantar-se, mas Romão, recuado, para prevenir-se de algum bote, surpreendentemente calmo, esperava por outro raio. Assim, ninguém na vizinhança ouviria o disparo do revólver.

- Eu lhe devolvo os dez se me deixar ir embora - disse o bandido.

- Nunca ouvi uma proposta mais idiota - respondeu o patrão, em voz baixa. - Não está mais em condições de negociar. Depois, me chocou muito a morte daquele papagaio.

Então caiu outro raio nas redondezas.

40
Tia Ida abraça o sobrinho

Tia Ida ao ver o sobrinho entrar no apartamento começou a chorar. Ele trazia um curativo na testa e estava com a roupa em frangalhos. Pelo telefone soubera que não dormiria em casa, mas ignorava o motivo. Chorando, abraçou-o, perguntando o que acontecera.

- Calma, tia. Tirei mil radiografias no hospital. Estou inteiro.

- Onde foi o atropelamento?

- Nenhum carro me atropelou. Foi uma briga.

- Por que se meteu em briga?

- Para salvar a vida de uma mulher idosa.

- E por que queriam matá-la?

- Tia, é uma história comprida. Vai sair nos jornais. Sabe o que eu queria agora? Descansar um pouco. No hospital não foi possível.

Tim largou-se na cama. Gostoso estar no apartamento, em segurança, a tia preocupando-se com ele. Pensou que bastaria cerrar os olhos para dormir. Nada disso. Tudo recomeçou desde o momento em que abriu a porta do quarto da Baronesa. Alguns admiraram-se da sua coragem de saltar sobre um homem como aquele. Um demente, um tipo assustador. Mas avançaria até sobre um leão naquelas circunstâncias. E não lhe causara dor alguma os golpes que levara. O destino estava lhe dando uma oportunidade, não podia perdê-la.

No hospital, sua primeira preocupação foi que telefonassem ao delegado Lineu. Depois ligou para Di e contou-lhe tudo. Por último avisou a tia que devido a um problema só voltaria para casa na manhã seguinte.

O doutor Lineu, acompanhado de dois investigadores, demorou minutos para chegar.

- Foi o homem do retrato falado?

- Ele mesmo. Enforcava a Baronesa quando abri a porta.

- Todas as saídas da cidade estão bloqueadas. Ele não vai escapar. Depois dele pegaremos o mandante. Agora vamos ver a coitada da Baronesa.

Tim dormiu umas duas horas e depois veio a chatíssima sessão de radiografias. Só recebeu informações de que estava tudo bem à noite. Nenhuma fratura. Mas os médicos disseram que só o liberariam na manhã seguinte.

Antes de deixar o hospital, doutor Lineu reapareceu em seu quarto com uma ordem:

- Se a imprensa aparecer, finja que está dormindo. Não dê nenhum esclarecimento. O pessoal do hospital vai fazer o mesmo,

- Por quê?

- Precisamos ter um trunfo na mão.

Tim não entendeu muito bem, mas prometeu cumprir a ordem. Na tarde do dia seguinte iria à delegacia para complementar declarações.

Dormiu a manhã inteira. Sonhou um pouco com Di, mas o resto foi um pesadelo. Ele lutando com o assassino, Acordou quando suas poderosas mãos o esganavam. Sentiu dores pelo corpo inteiro. Então teve medo. Duas vezes saíra com vida após enfrentar aquele animal. Teria a mesma sorte numa terceira?

Pensava em levantar-se e ir ao encontro de Di quando a tia entrou no quarto, assustada.

- Tem dois policiais aí.

- O quê?

- Mostraram distintivos.

- O que eles querem? - perguntou Tim, desconfiado.

- Falar com você.

Tim foi para a sala, Lá estavam os dois investigadores que conhecera no hospital.

- Pode vir conosco?

- Para onde?

- Identificar um corpo. Tim voltou-se para a tia.

- Quando me liberarem eu volto.

No carro da polícia informaram a Tim que estavam se dirigindo ao Instituto Médico Legal. No período da manhã dois meninos encaminhavam-se à escola, numa das avenidas marginais, quando notaram, num terreno baldio, o corpo de um homem. A polícia foi avisada e o corpo removido para o Instituto. Logo ao primeiro exame surgiu uma suspeita. Parecia tratar-se do assassino do retrato falado. E não havia ninguém melhor que Tim para identificá-lo. Afinal, haviam tido uma longa convivência...

No Instituto Tim encontrou o doutor Lineu, já com uma notícia.

- Pelas suas impressões digitais nunca esteve preso em São Paulo. Seu retrato já está correndo o país,

- Vamos ver se o reconheço.

- Como vai sua carcaça?

- Agora está começando a doer,

Doutor Lineu, Tim e os dois investigadores dirigiram-se a um salão onde estavam as geladeiras.

- Como ele morreu, doutor Lineu?

- Dois tiros. Saíram de uma arma igual à que Toledo tinha. Um médico do Instituto puxou uma gaveta.

- Olhe calmamente e diga se é ele ou não.

- Podem fechar.

- Já?

- É o tal.

- Tem certeza?

- Outras pessoas do cortiço poderão confirmar. O que não entendo é como acabaram com ele tão depressa!

Doutor Lineu riu.

- Deve ter sido o mandante. Matá-lo já podia estar em seus planos. Quem é que gosta de ter uma belezinha dessas por perto, ameaçando fazer chantagem?

Um dos investigadores, que se afastara para atender um telefonema, aproximou-se.

- Tudo está se esclarecendo. Recebemos uma informação. Esse é um tal 85, criminoso muito procurado no Nordeste.

- Já ouvi falar dele - disse o delegado. - Bem, ele chegou ao fim. É só uma notícia e mais nada.

- Confesso que estou me sentindo aliviado - disse Tim.

- Mas para a polícia a coisa ainda não terminou.

- Gostaria de saber como a polícia agirá com o mandante.

O delegado tinha um plano que incluía o moço ruivo.

- Gostaria de saber, apenas? Vai participar.

- Eu, participar?

- Vamos já para o hospital. Teremos uma sessão de teatro e quero saber se todo o elenco está em condições de atuar.

- Não estou entendendo.

- Mas vai entender, Tim.

41
Ato único de uma peça teatral

Romão voltou para casa às três da madrugada sob forte chuva. Dirigira mais de uma hora a procura de um lugar propício. O terreno baldio, não muito distante da sede de um clube esportivo, estava encharcado. Rodou por lá até o momento em que não viu nenhuma pessoa ou veículo nas proximidades. Com o corpo nas costas, embrulhado num tapete, teve de enfiar o pé na lama. Voltou para o carro em dois minutos. Podia retornar a seu bairro sem aquela carga incômoda. Seu primeiro trabalho foi lavar os sapatos e procurar vestígios da presença de85 em sua casa. Encontrou apenas pontas de cigarro da marca que ele fumava. Livrou-se delas com a descarga. Depois tratou de dar ordem ao quarto diminuto onde ele dormira. Pôs tudo no lugar e passou o pano de limpeza numa mesa e cadeira, pensando em impressões digitais. Quase por acaso encontrou os óculos escuros de 85 num canto da sala. Havia esquecido deles. Depois foi para a cozinha. Restavam três cervejas. Bebeu-as.

Não conseguiu dormir. Às oito horas levantou-se e abriu a porta para a diarista. Disfarçando qualquer tensão, sorriu-lhe:

- Tudo bem?

Ela estranhou. Nunca lhe sorria ou dizia qualquer coisa quando chegava.

Ele voltou para o quarto. Não dava mesmo para dormir. Tomou um banho e apareceu na cozinha. Seu ar era de quem queria verificar se a empregada estranhava alguma coisa. Certa ordem na colocação de móveis, toalhas ou posição de cortinas só as mulheres são capazes de observar. À primeira vista notam qualquer modificação. E ao menor indício constatam se a casa recebeu visitas, e que tipo de gente esteve lá.

A diarista apenas verificara, abrindo a geladeira, que se bebera bastante naquela casa desde o último sábado. Ainda se seu Romão recebesse visitas... E o tapete? Sumiu?

- Vou à oficina - ele avisou, acrescentando outro fato novo naquela manhã. Ele nunca lhe dava satisfações de nada.

Romão teve uma surpresa ao ver o carro. Não o imaginava tão sujo. Principalmente as rodas. Antes de ir à oficina, tinha de passar por um lava-rápido. Ele limpo, o carro limpo, sentiu-se melhor. Naqueles dias andara tratando rudemente seus empregados. Corrigiria isso. Antes porém tinha de ler.

Comprou dois jornais e foi lê-los à mesa de um bar. Nenhum dos dois fazia referência ao assassinato da Baronesa. Imaginou que podia ser uma jogada policial para não afugentar 85, talvez já sob suspeita. Em seguida dirigiu-se à oficina onde permaneceu, exercendo alguma atividade, até seu fechamento às duas da tarde. Mas não voltou para casa. Ela lhe dera a noite toda e parte da manhã uma sensação de sufocamento, E sempre o faria lembrar de 85. Assim que recebesse a herança, a venderia por qualquer dinheiro. Precisava livrar-se da forte carga emocional que aquelas paredes lhe transmitiam. Foi a um restaurante. Comeu e bebeu fartamente, Quando se apresentaria como herdeiro da Baronesa? Não antes do coração tornar a bater normalmente.

Voltou para casa sonolento, efeito da bebida e da comida. Foi direto para o quarto e dormiu. Algum tempo depois a diarista bateu à porta.

- Seu Romão, visitas.

Ele saltou da cama. As únicas visitas que recebia eram as do gerente da auto-elétrica e sua esposa. Mas ele não avisara que viria.

Abriu a porta do quarto. Ninguém na sala.

A diarista apareceu.

- Estão na cozinha, tomando água.

Imediatamente um rapaz ruivo, com um curativo no rosto, cruzou a porta da sala.

- Boa tarde, seu Romão.

Ele lembrou-se que 85 lhe falara de um moço ruivo. Seria o mesmo?

- Quem é você?

- Ouviu falar do assassinato de sua parente, a Baronesa? Pois lhe trago boas notícias.

Mal o rapaz disse isso, prima Zaíra, mancando e com curativos no rosto e no braço, apareceu também. Encaminhou-se para o dono da casa, sorrindo, e insistiu em abraçá-lo.

- Quase acabam comigo, mas estou bem viva, primo! Romão abraçou a velha desajeitadamente. Seu sonho de fortuna acabara ali. Ela não morrera! Mas por que a visita? Por quê?

- Foi um assalto? - perguntou.

- Quase acabam comigo, mas estou bem viva, primo!

- A polícia ainda não concluiu nada - respondeu a Baronesa, sentando-se numa cadeira. - Estou quebrada.

- Mas o bandido já está morto e identificado - informou Tim. - Chamava-se 85 e estava sendo procurado pela polícia de diversos estados. Homem perigosíssimo. Já havia matado aqui um investigador de polícia que o seguia.

- E quem matou esse marginal?

- O nome da pessoa a polícia ainda não sabe. Mas não foi morto no terreno baldio onde o encontraram. Levou dois tiros. Supõe-se que o revólver usado pertencera ao policial assassinado.

- Deve ter sido vítima de outro bandido.

- Não, trata-se de um caso típico de queima de arquivo. Alguem quis se livrar dele.

Romão fez a pergunta que 85 gostaria de ter feito:

- Você é da polícia?

- Não - respondeu Tim. - Sou muito jovem para trabalhar como investigador. Mas tenho um interesse especial no caso. 85 assaltou o escritório do doutor Barroso, onde eu trabalhava. Quase ele mata nós dois. Fomos hospitalizados. Ao receber alta o doutor resolveu fechar o escritório. Estou desempregado.

- Lamento - balbuciou Romão, desconfiado.

- A história não termina aí. Duas semanas depois entrei num pequeno bar-restaurante, para esconder-me da chuva, quando, da mesa ao lado, reconheci uma voz. Pela divisão de treliça me certifiquei não se tratar de mera impressão. Era mesmo o homem alto que invadira o escritório. Coincidência, não?

- Muita coincidência - admitiu Romão, pensando no destino e suas artimanhas.

- Foi lá que ouvi falar da Baronesa.

Agora Romão preferia não ouvir mais nada. Cada informação apertava um cerco invisível em torno dele. Seu desejo era de sair dali.

- Ele falou dela?

- Ele não - esclareceu Tim. - A pessoa que o acompanhava no restaurante. Um homem de melhor classe que a dele. Essa pessoa ofereceu uma grande quantia para que matasse a Baronesa. Havia porém uma dificuldade. Não sabia onde ela estava residindo. Sem dinheiro para pagar aluguel, ela não se demorava muito em nenhum lugar. Só tinha uma pista para indicar. O Candinho da Luz. Um despachante que insiste em ser vereador.

Enquanto ouvia, Romão já pensava na pergunta que pela lógica lhe cabia fazer. Teria de ser algo que em nada o traísse.

- Mas que interesse essa pessoa teria no assassinato de Zaíra? Vingança?

- Vingança, não. A Baronesa não tem inimigos.

- Não se pode dizer que a pessoa estava interessada no dinheiro de Zaíra - disse Romão, com um sorriso espremido, vendo aí uma janela para respirar mais aliviado.

Sentada, a Baronesa recuperava-se.

- Não seria por dinheiro. Quem sou eu? Mas tenho uma peça de valor.

- Ora, dona Zaíra, isso não vale muito - objetou Tim. Valor estimativo, talvez.

- Que peça é essa? - perguntou Romão.

- Uma que foi de minha bisavó, essa, sim, uma baronesa.

- Por acaso conheço essa jóia valiosa?

A Baronesa olhou para Tim, em busca de orientação e coragem. Ele fez um movimento de cabeça, animando-a. Era sua parte no roteiro. Depois de uma pausa teatral, em que se lembrou melhor do combinado, levantou-se lentamente e tocou com os dedos a corrente em seu pescoço que sustinha o camafeu.

- Conhece, sim.

Romão olhou o camafeu, apavorado. Era o mesmo que 85, ao voltar do cortiço, lhe entregara como prova de que matara a velha, aquele também que ela lhe oferecera ao lhe pedir o empréstimo. Pensara em desfazer-se dele, juntamente com o revólver, mas escondera a ambos em seu quarto. A diarista certamente permitira que fuçassem a casa toda.

- 85 arrancou o camafeu do pescoço de dona Zaíra - disse Tim.

- Não me parece ter tanto valor...

- Sabe onde o encontramos?

- No bolso do bandido?

- Diga, dona Zaíra - pediu o rapaz, querendo lhe conceder essa satisfação.

- Aqui. Em sua casa - ela revelou. - Debaixo de suas camisas.

- E junto do revólver do investigador Toledo - acrescentou Tim.

Romão sentiu que era xeque-mate. Mas ali estavam uma velha miserável, que ignorava ser herdeira de uma fortuna, e um garoto desempregado. Ambos precisavam de dinheiro. Provavelmente era o que tinham vindo buscar. Dois espertalhões.

- O que vieram fazer aqui? Negociar minha fuga? Tenho algum dinheiro no quarto - anunciou.

- Aquele que ia dar a 85?

- Exatamente. O erro dele foi exigir mais. Pode ficar tudo para vocês.

- Não viemos negociar nada - disse Tim.

- Por que, se podem levar uma boa grana? Estamos em plena crise. As coisas vão piorar.

- Você está preso - declarou o rapaz.

- Vocês vão me prender? Um menino e uma anciã? Doutor Lineu e os dois investigadores entraram na sala. Estavam na cozinha, ouvindo tudo. Apareceu também a empregada.

- Desculpe-nos ter entrado em sua ausência - disse o delegado. - Mas não seria cortês se o esperássemos na rua. Sua diarista portou-se muito bem. Mostrou-nos a casa toda e sua variedade de roupas. Guardamos como lembrança apenas o revólver com que matou 85, um par de óculos escuros e isso que dona Zaíra traz ao pescoço. Não mexemos em mais nada.

A surpresa jogou Romão para trás,

- Quem são os senhores?

- Sou o delegado Lineu e esses os investigadores Silva e Geraldo.

Romão fingiu-se indignado.

- Do que me acusam? De ter tramado o roubo de um camafeu? Ridículo.

- Tim ouviu mais do que disse. Sabemos que há uma herança em jogo. Propriedades, dinheiro, ações... Dê-me os punhos. Quero lhe dar um bracelete - ironizou o delegado.

Romão uniu os punhos e olhou para Tim, Derrotado.

- É verdade que ouviu tudo naquele restaurante? - perguntou.

- Verdade. Havia entrado para esconder-me da chuva.

- Não foi isso - disse a Baronesa. - Ele foi até lá conduzido pelo meu anjo da guarda.

42
O jantar da vitória

Num bom restaurante dos Jardins algumas pessoas reuniram-se para o jantar da vitória. A Baronesa e Tim compareceram ainda com os curativos e suas dores musculares. Di estreou um vestido novo e estava belíssima. Tia Ida também esteve presente depois de arrancar do sobrinho a promessa de que jamais se meteria noutra enrascada, o doutor Lineu apareceu como convidado mas pagou a metade da conta. Pediu logo que se fizesse um brinde.

- Em memória do investigador Toledo.

Todos ergueram uma taça de vinho.

- Ele bem merecia estar aqui - disse Tim. - Acreditou na história desde o primeiro momento. Um cara muito legal!

- Confesso que não estava acreditando nessa história da Baronesa ser herdeira de uma fortuna - declarou o delegado.

- Eu mesma não engoli até agora - disse ela.

- Mas já apareceu um contador de seu tio-avô. Disse que ele faleceu num hospital outro dia - informou o doutor Lineu.

- Tudo que ele possuía está bem contabilizado. Romão já sabia disso. Tinha procurado o contador.

- Então a senhora vai ficar rica? - perguntou tia Ida, que não demonstrava ter entendido bem aquela novela.

- Sei lá. Para mim tudo isso é um sonho.

- Vai demorar um pouco - ponderou o delegado. Transmissão de herança é um negócio lento. Como tudo que depende de leis. Mas, segundo o contador, será possível liberar logo uma pequena parcela, visto não haver outro herdeiro.

- E quanto ao tal Romão? - perguntou Di. - Vai apodrecer na cadeia?

- Espero que sim, pois não é delinqüente primário. Mereceria prisão perpétua, se a tivéssemos no país. Matou 85, foi responsável pela morte de Toledo e por uma tentativa de assassinato. A Baronesa ergueu sua taça.

- Agora sou eu que quero erguer um brinde. Para o Tim, aqui. Eu não estaria viva se não fosse ele.

- Não fui eu quem a salvou, Baronesa. Foi uma seqüência de fatos. Os tais mistérios da vida. A senhora foi salva pela chuva, que me obrigou entrar

naquele restaurante e reconhecer aquele bandido. Brindemos então ao mês de março. Às águas de março, que inspiraram Tom Jobim.

- Não seja modesto; o brinde - exigiu a Baronesa. Todos ergueram suas taças.

Uma noite feliz. Tim e Di ficaram colados o tempo todo, trocando beijinhos. Tia Ida foi a que menos falou e a que mais comeu. A Baronesa parecia flutuar. Precisaria de mais alguns dias para pisar o chão, sentir a realidade.

No final do jantar, ela disse ao delegado:

- Entre os crimes cometidos o senhor esqueceu de mencionar um.

- Qual?

- O assassinato do Moreno.

- Que Moreno?

- Meu papagaio. - Com essa lembrança ela começou a chorar. - Daria todo o dinheiro que vou receber para ter ele de volta. Éramos apaixonados um pelo outro.

- A senhora agora poderá comprar muitos papagaios disse o delegado.

- Acho que não terei outro. Paixão não se vende em lojas. A Baronesa não voltou aquela noite para a casa de cômodos de aluguel. Não suportaria suas lembranças. Foi para o apartamento onde Tim morava com sua tia. E lá permaneceu durante algum tempo.

43
Finais, começos e recomeços

Como doutor Lineu dissera, a Baronesa recebeu logo uma parcela da herança, mas o total demorou. A fortuna era bem menor do que haviam imaginado e foi bastante reduzida pelos impostos e pela excessiva taxa do advogado. De posse do dinheiro, ela comprou um apartamento onde caberia uma família de bom tamanho. Para Tim deu uma quantia que garantia o pagamento de seus estudos no curso superior. Ele, afinal, decidira-se pelo Direito. Um ótimo presente, Pensou em homenagear Toledo ajudando algum parente seu. Mas ele vivera sozinho no mundo.

O Candinho da Luz procurou a Baronesa para beneficiar-se do noticiário em torno de seu nome. Conseguiu tirar um retrato ao lado dela para a produção de um pôster. A legenda: "A Baronesa apóia Candinho". Ficou muito bonito. Mas nem dessa vez Candinho se elegeu vereador. Revoltado, declarou que o povo era ingrato e que não se candidataria jamais. Ninguém acreditou.

Tia Ida, entendendo paulatinamente o que o sobrinho fizera, sempre se referia a ele como um herói. Achava que devia dedicar-se ao teatro. Faltava um ruivo na ribalta paulistana. Tim porém não se entusiasmou, sem vocação para o palco. Iria, sim, ser advogado. Foi visitar o doutor Barroso. Ele já sabia do ocorrido pelos jornais.

- Escolheu, afinal, sua carreira?

- Advogado, como o senhor.

- Péssima escolha. Mas eu, se possível, começaria tudo de novo. Vá em frente, garoto!

A Baronesa comprou bonitos vestidos e ficou parecendo mesmo uma baronesa, Mas naquele edifício de classe média ninguém a chamava assim. Era dona Zaíra. Começou a achar sem graça a segurança que o dinheiro dava, a falta de emoções. Lembrava-se dos cortiços onde vivera e da dificuldade para pagar o aluguel. Até de algumas brigas tinha saudade, E também das vezes que abandonava o quarto à francesa, levando o Moreno, a gaita e algumas roupas. Decidiu visitar suas antigas residências, mas há muita gente que vai e que vem numa cidade de mais de dez milhões de pessoas. Voltava ainda mais solitária. Sua única ligação com o passado resumia-se na gaitinha. Tocava-a sempre, ao anoitecer. Pior se nem isso tivesse.

Tim entrou na faculdade e por indicação do doutor Barroso foi trabalhar num escritório de advocacia. Encontrava-se com Di, mas não com a antiga freqüência. A vida não é só namoro. Um dia perguntou-lhe do gerente atrevido, sempre a assediando.

- Não é tão má pessoa - disse ela. - Vai inaugurar seu próprio negócio.

Convidou-me, imagine, para ser sua gerente. Devo aceitar?

Tim já aprendera que o mundo tem muitos caminhos e que os da juventude dificilmente chegam à maturidade. Os panoramas da vida vão se modificando no percurso. E as pessoas também... Se ela devia aceitar?